



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

A Valorização Patrimonial das Relíquias em
Évora: O Convento dos Remédios

Maria do Rosário Silva Alves Piteira Martins

Orientação dos Senhores Professores: Teresa Amado

Artur Goulart

**Mestrado em Gestão e Valorização do Património
Histórico e Cultural**

Ramo Património Artístico e História de Arte

Dissertação

Évora, 2015

“



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

A Valorização Patrimonial das Relíquias em
Évora: O Convento dos Remédios

Maria do Rosário Silva Alves Piteira Martins

Orientação dos Senhores Professores: Teresa Amado

Artur Goulart

**Mestrado em Gestão e Valorização do Património
Histórico e Cultural**

Ramo Património Artístico e História de Arte

Dissertação

Évora, 2015

Agradecimentos

A realização desta dissertação representa um importante marco na minha vida pessoal e profissional. Para que ele fosse possível muitos contribuíram pelo que quero manifestar a minha gratidão a todos os que comigo estiveram nos melhores e piores momentos.

À minha orientadora, Professora Doutora Teresa Amado, agradeço a forma como me soube orientar, a confiança que em mim depositou, desde o início, mas também, o sentido de responsabilidade que me incutiu em todas as fases do trabalho. Importante também é referir toda a sua disponibilidade.

Ao Dr. Goulart, coorientador desta dissertação, os meus agradecimentos, pelo profissionalismo, amizade e disponibilidade que sempre revelou.

Às Técnicas do Arquivo Distrital de Évora, em especial à Célia, um reconhecimento especial pela ajuda prestada.

À Biblioteca Pública de Évora, o meu muito obrigada a todo o pessoal, mas em especial ao Dr. José Chitas e à amiga Ju que sempre, com boa disposição e um sorriso lindo, se disponibilizou para mais umas digitalizações.

Ao Arquivo do Cabido da Sé de Évora, na pessoa do Sr. Padre Joaquim Lavajo, o meu bem-haja, pela disponibilização das espécies e pelos momentos de ensinamento.

A Câmara Municipal de Évora também não é por mim esquecida, pois para além de ser a minha Instituição empregadora também me facilitou o acesso ao Convento e a toda a informação sobre as diferentes fases de vida do imóvel. Agradeço todas as facilidades proporcionadas pelos Arquitetos Carlos Almeida e Filomena Monteiro.

A Direção da Escola Eborae Musica, também sempre se mostrou disponível no acesso às salas, pelo que deixo também aqui a minha gratidão.

À Maria Andrada, companheira de estudo, agracio o saber ouvir e a paciência nos momentos menos bons.

À Ana Rita, colega e amiga, reconheço o companheirismo.

À minha família, marido, filhos e nora, um enorme obrigada por confiarem em mim e naquilo que faço. Obrigada pela amizade, carinho, apoio, dedicação e compreensão que sempre me ofereceram.

Resumo

A escolha do tema despertou a nossa curiosidade pelo facto de o Convento possuir um conjunto apreciável de relíquias (cerca de 60) que não estão inventariadas, nem identificadas, nem sequer são conhecidas da generalidade dos eborenses.

O fato do Convento ser propriedade do Município não permite que a inventariação se integre no projeto de inventariação dos bens da Igreja e da Diocese.

Assim, inventariámos, identificámos e datámos as relíquias do Convento, Igreja e Sacristia, tentando compreender o papel que as relíquias desempenharam quer na vida religiosa do convento, quer na vida político-institucional de Évora.

No entanto, deparámo-nos com algumas dificuldades documentais: falta de autênticas, informação relacionada com a aquisição ou oferta das relíquias e histórias de falsificações.

Finalmente, elaborámos uma proposta de valorização das relíquias através da criação de uma loja, da elaboração de uma brochura e de um *website* que divulga e disponibiliza a documentação recolhida e a colocará ao dispor de todos.

Palavras-chave: Património Religioso, Relíquias, Hagiografia, Carmelitas

Abstract

The Heritage Valuation of Relics in Évora: The Convent of Remédios

The choice of the theme aroused our curiosity, because the Convent has an enjoyable set of relics (about 60) that aren't inventoried nor identified, and not even known by most people from Évora. For this Convent being the Town Hall's property, it doesn't allow the inventorying to be part of the project of inventorying of the Church and the Diocese's assets. Thus, we inventoried, identified and dated the Convent, the Church and Sacristy's relics, trying to understand the role that relics had, both on the religious lifestyle of the Convent and in the political-institutional life of Évora. However, we had some documental difficulties: lack of authentic relics, information about the acquisition or offer of the relics, and stories of forgeries.

Lastly, we elaborated a proposition of valuation of this patrimony through creating a shop, a brochure, and even a website to disclose and offer the documentation collected and divulged to everyone.

Keywords: Religious Heritage, Relics, Hagiography, Carmelites

Índice

Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract.....	iv
Introdução.....	1
1. Tema e razões da escolha	1
2. Objetivos.....	3
3. Fontes e metodologia.....	3
4. Estado da arte.....	11
CAP. I – BREVE ESTUDO DA HISTÓRIA DO CONVENTO	15
1. Fundação do Convento de Nossa Senhora dos Remédios, no Século XVI, em Évora.....	15
1.1 O Instituidor	19
2 – Breve Evolução do Espaço Urbano Eborense no século XVI.....	21
2.1 – A Cidade: da Reconquista ao século XVI.....	21
2.2- A Muralha e suas Portas	24
2.3 – Crescimento da Cidade Intramuros	26
2.4 –População e Organização Social	27
3 – O Convento de Nossa Senhora dos Remédios.....	30
3.1– Edifício Conventual.....	33
3.2 – A Igreja.....	37
3.3 – A Sacristia	43
3.4 – A Vida no Convento.....	46
3.5 – A Ordem Residente – Carmelitas Descalços Masculinos	47
4 – As Relíquias, os Relicários e os Armários Relicários	48
4.1 – Inventariação das Relíquias existentes no Convento (Igreja e Sacristia).....	49
4.2 – Análise aos dados recolhidos na inventariação	53
4.3 – Culto dos Mártires: Salvação das Almas e Prestígio	56
4.4 – Significado de Relíquia	57
4.5 – Valor Espiritual e Prestígio da Relíquia.....	59
CAP. II – AS RELÍQUIAS E A VIDA POLÍTICO-RELIGIOSA DA CIDADE.....	61
1 – Papel das Relíquias na Vida Político Institucional da Cidade	61
2 – O Papel das Relíquias na Vida Político-Religiosa do Convento	64
2.1 – Grupos Sociais das Famílias Sepultadas no Convento.....	66
2.1.1 – Na Igreja.....	66

2.1.2 –Na Sacristia.....	69
2.1.3 – No Claustro.....	71
2.1.4 – Brasões.....	74
2.2. – Doações.....	78
2.2.1 – Capelas e Legados.....	78
2.2.2 – Testamentos.....	80
2.2.3 – Missas pelas Almas.....	81
CAP. III- O SENTIDO PATRIMONIAL DAS RELÍQUIAS HOJE.....	83
1. Da Extinção do Convento à Atualidade: Breve Cronologia.....	83
2. Proposta de Valorização das Relíquias no Contexto da História do Convento.....	85
Considerações Finais.....	89
BIBLIOGRAFIA.....	92
1. Fontes.....	92
1.1.Materiais.....	92
1.2. Escritas.....	93
1.2.1Manuscritas.....	93
1.2.2 Impressas.....	94
2. Bibliografia.....	97
2.1. Obras de Referência.....	97
2.2. Estudos.....	97
Anexos.....	103
Anexo 1: Carta do Rei “para se não fazer o Convento dos Remédios”.....	104
Anexo 2: Escritura de aquisição do terreno para construção do Convento.....	105
Anexo 3: Petição dos Padres Carmelitas Descalços para se instalarem na Igreja de S. Brás.....	113
Anexo 4:Escritura de Padroado.....	118
Anexo 5 : Planta do Convento.....	126
Anexo 6: Escritura de contrato com a decisão para que não seja sepultada pessoa alguma na Capela da Sacristia além da família de D. João Maldonado de Azevedo da Gama Lobo.....	127
Anexo 7: Registo de todas as pessoas sepultadas na Sacristia.....	130
Anexo 8: Construção do Santuário da Sacristia.....	133
Anexo 9: Autêntica da relíquia de Santa Teresa.....	134

Anexo 10: Inventário da Sacristia do Convento.....	135
Anexo 11: Auto de entrega das propriedades pertencentes ao Convento.....	144
Anexo 12: Entrega de esmola de Alvaro de Miranda Anriques.....	148
Anexo 13: Processo de habilitação “de genere” de D. José Maldonado.....	149
Anexo 14: Institucionalização de Legados no Convento de N ^a S ^a dos Remédios de Évora.....	150
Anexo A :Ficheiro em Excel com Registo de todas as relíquias e relicários da Igreja e da Sacristia 2014	CD
Anexo B: Ficheiro em Acess com Registo de todas as sepulturas da Igreja e da Sacristia, 2014	CD

Índice de Imagens

	Pág.
Imagem. 1 - Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora, exterior	15
Imagem 2 – Iluminura do foral de Évora (1505), com área de implantação do Convento assinalada	18
Imagem 3 – D. Teotónio de Bragança	19
Imagem 4 – Planta da cidade de Évora até ao século XIV, onde estão assinalados os polos secundários de desenvolvimento urbano	22
Imagem 5 – Planta da cidade de Évora até ao século XVI com as obras de relevo construídas nesse século	23
Imagem.6 – Planta da cidade até ao séc. XVIII e respetivas Portas	26
Imagem 7 - Tombo das demarcações do Concelho de Évora	28
Imagem 8 - Distribuição dos Conventos na cidade de Évora	31
Imagem 9 – Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora, lateral	33
Imagem 10 - Armorial do Padroeiro	34
Imagem 11 - Entrada da Igreja	35
Imagem 12 - Imagem da Padroeira sobre a entrada da Igreja	35
Imagem 13 - Azulejos da Sacristia	36
Imagem 14 - Igreja do Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora	37
Imagem 15 - Florão centrando as armas carmelitas	38
Imagem 16 - Capela de Nossa Senhora da Conceição	39
Imagem 17 - Capela de Santa Ana	39
Imagem 18 - Armários relicários do altar lateral direito da Igreja	39
Imagem 19 - Capela-mor da Igreja	40
Imagem 20 - Capela de S. João Batista	41
Imagem 21- Capela de Nossa Senhora do Carmo	41

Imagem 22 - Túmulo de D. José de Melo	42
Imagem 23 - Túmulo de D. Constantino de Bragança	42
Imagem 24 - Arcaz da Sacristia	43
Imagem 25 - Armário relicário da Sacristia	44
Imagem 26 - Nicho com crucifixo do Armário Relicário da Sacristia	44
Imagem 27 – Armário relicário da Sacristia, lado esquerdo	45
Imagem 28 - Armário Relicário da Sacristia, lado direito	45
Imagem 29 - Símbolo Carmelita	47
Imagem 30 - Armário Relicário da Sacristia	48
Imagem 31 - Sacristia da Igreja de Arraiolos	55
Imagem 32 - Sacristia da Igreja Matriz de Montemor-o-Novo	55
Imagem 33 – Descrição da disposição das sepulturas na Igreja do Convento	68
Imagem 34 - Porta da Igreja (esquerda) e da Sacristia (direita) no Claustro	72
Imagem 35 - Claustro do Convento	73
Imagem 36 - Projeto para ampliação da área de construção do convento.	73
Piso superior (1719)	
Imagem 37 - Planta das sepulturas existentes no Claustro do Convento	74
Imagem 38 - Sepultura de indivíduo de apelido Ribeiro	77
Imagem 39 - Sepultura de Sebastião Ribeiro de Faria	78
Imagem 40 – Sepultura de Jerónima de Almeida	78
Imagem 41 - Sepultura de Luis Perdigão Bocarro e esposa (Brasão dos Soto)	78
Imagem 42 – Site	87

Índice de Tabelas

	Pág.
Tabela 1 - Relação dos Conventos existentes à data da criação do Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora	32
Tabela 2 – Esquema da ocupação das relíquias nos Relicários do Altar Lateral Direito da Igreja	51
Tabela 3 – Indicação das Relíquias e correspondência com cada um dos Relicários do altar lateral direito da Igreja	52
Tabela 4 - Esquema da ocupação das relíquias nos Relicários do Altar Lateral Esquerdo da Igreja	52
Tabela 5 - Indicação das Relíquias e correspondência com cada um dos Relicários do Altar Lateral Esquerdo da Igreja	52
Tabela 6 - Esquema da ocupação das relíquias nos Relicários da Sacristia	53
Tabela 7 - Indicação das Relíquias e correspondência a cada um dos Relicários da Sacristia	53

Índice dos Gráficos

	Pág.
Gráfico nº1: Instituidores de Legados	79
Gráfico nº2: Grupos Sociais	79

INTRODUÇÃO

1. TEMA E RAZÕES DA ESCOLHA

“A Valorização Patrimonial das Relíquias em Évora: O Convento dos Remédios”, foi o tema escolhido para esta dissertação de mestrado.

A razão pela qual se optou por este tema resultou da curiosidade e do gosto em estudar as relíquias do Convento e prende-se principalmente com duas razões:

1 – O Convento possui um conjunto apreciável de relíquias (cerca de 60) que não estavam inventariadas, nem estudadas, nem sequer eram conhecidas da generalidade dos eborenses. Mesmo os mais recentes estudos sobre o Convento têm também ignorado as suas relíquias.

O Convento é propriedade da Câmara Municipal de Évora o que impede que a sua inventariação se integre no projeto de inventariação dos bens da Igreja e da Diocese, em curso, e de que existem já vários catálogos ¹.

No entanto, considerou-se que aquelas relíquias e relicários, pelo seu valor artístico e religioso, mas sobretudo pela sua originalidade em termos de património religioso, também deveriam ser inventariadas, classificadas, estudadas e divulgadas. Projeto ambicioso, pois como se valorizam patrimonialmente relíquias que pertencem a um espaço dessacralizado há quase duzentos anos, e adaptado a funções tão diferentes?

¹ Arte Sacra no Concelho de Reguengos de Monsaraz; Arte Sacra no Concelho de Campo Maior; Arte Sacra no Concelho de Viana do Alentejo; Arte Sacra no Concelho de Alcácer do Sal; Arte Sacra no Concelho de Arraiolos; Arte Sacra no Concelho de Vila Viçosa; Arte Sacra no Concelho de Estremoz, Santa Maria, Santo André e Évoramonte; Arte Sacra no Concelho de Portel; Arte Sacra no Concelho de Elvas, Monforte e Sousel; Arte Sacra no Concelho de Montemor-o-Novo; Arte Sacra no Norte Alentejano; O Santo Lenho da Sé de Évora e Tesouros de Arte e Devoção.

2 – Por outro lado, ligado ao Convento e à origem das relíquias existem e ouvem-se ainda várias histórias como a da Beata de Évora,² da fabricação/falsificação de relíquias³, bem como a existência de moldes, depositados no Museu de Évora, os quais se diz serem provenientes do Convento dos Remédios de Évora.

A nossa vontade era a de esclarecer a situação, ou pelo menos ajudar a esclarecer, e portanto decidimos estudar as relíquias, e deste modo penetrar na memória e na vida material do Convento.

Num primeiro momento, tentámos por um lado inventariar, identificar e datar as relíquias existentes no Convento dos Remédios, na Igreja e na Sacristia. Complementarmente fizemos um árduo e sistemático trabalho de arquivo de modo a pesquisar eventuais autênticas daquelas dezenas de relíquias e investigar outros documentos, que de algum modo as ajudassem a conhecer.

Embora tivéssemos descoberto uma autêntica, referente à relíquia de Santa Teresa de Ávila, que não se encontra no Convento, e de que se falará mais adiante, a investigação específica sobre a autenticidade das relíquias não foi aparentemente proveitosa.

No entanto, esta pesquisa permitiu-nos encontrar muita documentação manuscrita e inédita que nos possibilitou conhecer a vida do Convento, quer a nível das suas relações internas, quer nas suas relações com o exterior. Quem gravitava à volta do Convento, quem eram os seus principais doadores, que funções e papéis tiveram na cidade ao longo dos séculos XVII e XVIII, que teia de relações se foi criando entre o Convento e os poderes da cidade. Assim, conseguiu-se estabelecer uma relação entre as relíquias (símbolo e materialidade de santidade e de prestígio religioso) e os brasões (símbolo do prestígio político e social) existentes na Igreja e no claustro do Convento.

As relíquias acabaram então por ser o “rosto visível” de redes devocionais e de estruturas religiosas e sociais do Convento, relações que dependiam e interagiam com a vida socio económica e política da cidade.

² Ana de Jesus, Beata de Évora, tinha encontros ocultos com Frei Félix do Espírito Santo, Carmelita dos Remédios de Évora, filho de pais desconhecidos, criado por caridade por uma mulher de bom coração, vindo mais tarde a saber que sua mãe era uma freira de Santa Mónica (Alvim de Mello) e seu pai Frei Manoel de S. Carlos, Prior dos Remédios de Évora. SILVA, Bruno da - **A Beata de Évora**. Lisboa: Livraria Ferreira, 1890, p. 27.

³ Frei Félix do Espírito Santo de comum acordo com Frei Manoel de S. Carlos, fazia no seu quarto ossos humanos artificiais, para serem vendidos como relíquias de Santos e Santas a outros Conventos, pois “*sermões, trintários de missas, festas a Santos já não produziam o bastante para a congrua sustentação da comunidade.*” Idem, p. 35-43.

2. OBJETIVOS

Assim, esta nossa investigação teve três grandes objetivos:

1. Inventariar, identificar, e datar as relíquias (e os respetivos santos) existentes no Convento dos Remédios, criando para isso uma ficha de inventário própria.
2. A partir desse conhecimento, tentar compreender o papel que as relíquias (e o que elas simbolizavam e materializavam enquanto elemento sacro) desempenharam quer na vida político-religiosa do convento, quer na vida político-institucional da cidade de Évora, quer na construção da sua memória e identidade.
3. Finalmente, com o conhecimento contextualizado das relíquias enquanto objeto de valor religioso, artístico e patrimonial, e da função que elas desempenharam na vida de Évora, ao longo dos últimos séculos, pretende-se estar em condições de apresentar uma proposta concreta de valorização deste património - tendo presente a realidade atual, os valores e os interesses das pessoas de Évora hoje, tão distantes daquela realidade.

Por isso dividimos o trabalho em três partes:

Cap. I - Breve estudo da história do Convento

Cap. II - As Relíquias e a vida político-religiosa da Cidade

Cap. III – O sentido patrimonial das Relíquias hoje.

3. FONTES E METODOLOGIA

Este trabalho caracterizou-se por uma pesquisa e análise essencialmente qualitativa, embora recorrendo a métodos de análise também quantitativos.

Numa primeira etapa começou-se por procurar documentação sobre relíquias, relicários e/ou sobre o Convento dos Remédios de Évora, sendo objetivo, encontrar documentos necessários ao desenvolvimento da investigação.

Paralelamente, consultou-se bibliografia relativa ao tema relíquias e relicários para melhor compreender o contexto histórico em que estas surgiram, a sua relevância perante a sociedade e a Ordem Religiosa que habitava o Convento.

Deve referir-se que não se priorizou qualquer tipo documental, uma vez que apenas se pretendia reunir toda a documentação relacionada com o Convento dos Remédios, ou as suas relíquias.

Após consulta ao Inventário dos Fundos Monásticos Conventuais da Biblioteca Pública de Évora algo de novo surgiu. Num livro de Despesa do Convento dos Remédios de Évora eis que surge a construção do “Armário” da Sacristia. A partir daqui a problemática da pesquisa tornou-se mais definida. A data de construção do armário, 1790, deu a noção da época sobre a qual deveria incidir o centro do trabalho, tendo-se a partir daí delimitado o tempo e o espaço sobre o qual a investigação devia incidir.

Deu-se continuidade às visitas à Biblioteca Pública de Évora e ao Arquivo Distrital onde a documentação foi surgindo, as fontes anotadas e a documentação arquivada consoante a Instituição onde foi recolhida.

Para além da inventariação e identificação das relíquias, fez-se uma pesquisa documental árdua e morosa. Para além da *Crónica de Carmelitas Descalços*, de Frei Belchior de Santa Anna, publicada em 1657, e reeditada no século XVIII, quase não existe documentação impressa publicada sobre a Igreja do Convento e sobre as relíquias.

Por termos trabalhado documentação manuscrita e inédita, que nos permitiu contextualizar o estudo das relíquias na história do Convento e da Cidade de Évora, considerou-se pertinente anexá-la ao corpo do trabalho, pelo que se apresenta aqui um breve resumo dos documentos selecionados. Os documentos em anexo seguem a ordem com que são referidos ao longo da dissertação.

Temos consciência que esta documentação permite ainda análises e conclusões muito mais ricas e profundas do que as que foram feitas, mas foi muito o tempo despendido na pesquisa, leitura e transcrição dos documentos e dos dados neles referidos. Talvez num futuro trabalho possam vir a ser dadas respostas mais completas.

Anexo 1: Carta do Rei “para se não fazer o Convento dos Remédios”

Esta carta permite-nos saber da existência de inúmeros conventos na cidade de Évora, em finais de Quinhentos. Este período foi muito propício à multiplicação de casas religiosas daí o desinteresse pela construção de mais um convento, pois a Coroa tentava não aumentar os seus encargos e os concelhos revelavam também já alguma oposição ao crescente ímpeto monástico.

A importância que a Coroa dava à obra do Convento de S. Francisco pode também aqui ser avaliada, pois refere-se nesta carta que as verbas disponíveis estavam a ser canalizadas para a sua construção.

Por outro lado, este documento mostra que desde o início o Convento está ligado à Casa de Bragança.

Anexo 2: Escritura de aquisição do terreno para construção do Convento

A escritura é uma carta de venda de 1602 (Março, 16) que D. Violante de Noronha, residente em Lisboa, faz aos Padres de Nossa Senhora dos Remédios de Carmelitas Descalços.

Este documento revela-nos a data de aquisição do terreno onde ainda hoje se encontra o Convento, o preço de aquisição e a identificação da antiga proprietária.

Os padres apesar de apenas possuírem dois cruzados, iniciaram a obra, e em 1606 mudaram-se para o novo núcleo freirático. O lugar onde se encontravam, Igreja das Brotas, na Rua do Raimundo, era de muito pequenas dimensões.

Anexo 3: Petição dos padres Carmelitas Descalços para se instalarem na Igreja de S. Brás

Este documento é uma petição apresentada pelos Padres Carmelitas Descalços aos Juiz, Vereadores e Procurador da cidade de Évora, solicitando o seu recolhimento na Igreja de S. Brás devido às más condições em que se encontravam instalados e às doenças que todos os anos contraíam.

No documento faz-se querer que se os padres Carmelitas Descalços passassem para S. Brás poder-se-iam ocupar do serviço de Deus e do bem espiritual da cidade e seus moradores. Como contrapartida da sua instalação na Igreja comprometiam-se a:

Manter a Confraria do Santo (S. Brás);

As esmolas que eventualmente recebessem seriam para uso e aumento da dita Confraria;

O nome da Igreja manter-se-ia com o Orago e nome do Santo;

Ainda que houvesse necessidade de alargar o Convento nunca o fariam para que o Rossio se mantivesse livre;

Todas estas obrigações seriam colocadas sob escritura e outorgada pelo seu padre geral.

Anexo 4: Escritura de Padroado

Apesar dos frades Carmelitas Descalços se haverem mudado para o Convento de Nossa Senhora dos Remédios em 1606, a sagração da igreja dá-se apenas em 1614, já sob aprovação de D. José de Melo, graças à substancial esmola de Álvaro de Miranda Anriques, no valor de 200 mil reis.

D. José de Melo, arcebispo de Évora, querendo sepultar-se na igreja, concedeu ao edifício a dignidade de padroado, segundo a escritura de padroado lavrada a 21 de Junho de 1625. Assim, o ilustre arcebispo comprometia-se a custear o que faltasse no convento e na igreja para que se pudesse celebrar convenientemente o culto.

Anexo 5: Planta do Convento

Através desta Planta, conseguimos ter uma imagem de todo o alçado do Convento, permitindo-nos visualizar o exterior do edifício para que comprovemos as fachadas simples e regulares que apresenta, contrastando com a ostentação do interior.

Podemos, ainda, observar os telhados com empenas e ângulos apertados, dispostos em andares e telhas de quatro águas.

Em suma, o documento foi-nos relevante no nosso estudo porque através dele podemos estudar as formas exteriores do edifício.

Anexo 6: Escritura de contrato com a decisão para que não seja sepultada pessoa alguma na Capela da Sacristia além da família de D. João Maldonado de Azevedo da Gama Lobo

Nesta escritura Frei António de Santa Iria, Prior dos Carmelitas Descalços no Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora, certifica que por decisão Capitular de 25 de Julho de 1824, se obriga toda a comunidade daquele convento, a não permitir nem consentir que seja sepultada qualquer pessoa na Capela de Santa Teresa de Jesus além da Sacristia que não seja da família e sucessores de D. João Maldonado.

Por sua vez, D. João Maldonado e seus sucessores, ficam obrigados a repará-la e conservá-la sempre que isso for necessário, para nela se puder celebrar o Santo Sacrifício da Missa.

Este documento é importante para o trabalho realizado, porque nos informa sobre a instituição de Capela na Sacristia, quem era o seu instituidor, quais as suas obrigações perante a Comunidade e vice-versa.

Ficamos ainda a saber que também ali se realizava o Santo Sacrifício da Missa, pelo que faria todo o sentido existirem relíquias naquele armário da Sacristia. Primeiro porque funcionava como altar e segundo porque o Instituidor pretendia depositar o seu corpo e dos seus sucessores próximo dos corpos dos Santos Mártires.

Anexo 7: Registo de todas as pessoas sepultadas na Sacristia

Este documento tornou-se uma das principais fontes do nosso estudo. Nele são descritos os nomes de todas as pessoas sepultadas na “*Capella do Oratório da Sacristia*” o que nos permite confirmar que o que foi assumido pelo Prior Frei António de Santa Iria, na Decisão Capitular de 25 de Julho de 1824, referida no anexo 4, foi cumprido pela Comunidade Carmelita Descalça, (todas as pessoas aqui sepultadas são efetivamente familiares de D. João Maldonado).

O documento descreve:

- A data dos enterramentos;
- O local da sepultura dentro do espaço da sacristia;
- Parentesco entre alguns;
- Estatuto social.

Anexo 8: Construção do Santuário da Sacristia

Ao darmos início ao trabalho era necessário compreender qual a época a estudar, não fazíamos ideia em que altura o armário relicário recheado de todas as relíquias que pretendíamos estudar havia sido construído. Começamos por consultar o Inventário dos Fundos Monástico-Conventuais da Biblioteca Pública de Évora que nos conduziu ao Códice CLXIX/1-29, fl. 20 v, onde se encontra uma relação das obras efetuadas no tempo do Pe. Frei Joaquim de S. José entre as quais os “*caixões da Sacristia e o Sanctuário della*”, datado de 13 de Maio de 1790.

Este documento foi o início de toda a investigação. Foi a partir dele que nos situámos no tempo e no espaço que queríamos estudar. Através dele acreditámos que efetivamente tínhamos documentação que nos iria levar ao nosso armário relicário e à compreensão da sua função naquele espaço conventual.

Anexo 9: Autêntica da relíquia de Santa Teresa

Ao darmos início à dissertação e ao olharmos todas aquelas relíquias colocou-se-nos a questão da sua autenticidade. As primeiras leituras feitas sobre relíquias diziam-nos que ao longo dos tempos muitas tinham sido as falsificações levadas a cabo, pelo que era nosso objetivo tentar comprovar a autenticidade das depositadas no Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora.

Como efetuar essa autenticidade?

Procurámos abrir os relicários e nada encontrámos. Restava-nos então pesquisar na documentação do convento.

Ao folhear o Códice CLXIX/1-28, sobre documentação diversa, surge-nos este documento, onde consta no seu verso “ *papel por donde consta da verdade da relíquia de Nossa Santa Madre Teresa que há neste Convento*”, mas logo por baixo refere “*Esta relíquia se furtou deste Convento sendo Prior P. Frei Manoel da Cruz*”.

Anexamo-la porque foi a única autêntica que encontrámos e porque nos dá a conhecer a forma de autenticação que a Igreja fazia sobre as relíquias.

Anexo 10: Inventário da Sacristia do Convento

Este inventário serviu-nos para podermos confirmar a época em que os relicários foram sendo adquiridos e algumas das relíquias ali depositadas.

Examinou-se e comparou-se com o levantamento efetuado em 1878 após a extinção da Ordem instalada no Convento, depositado no Arquivo Municipal de Évora.

Através desta descrição tentámos identificar e datar a aquisição ou oferta de relíquias ao Convento.

Anexo 11: Auto de entrega das propriedades pertencentes ao Convento

Este documento é um Auto de posse para a Fazenda Nacional do Edifício do Convento dos Religiosos dos Remédios, datado de 23 de Maio de 1835.

Neste Auto é entregue o edifício e todos os seus bens, referindo-se nele as propriedades entregues, à Fazenda Nacional, após extinção da Ordem Carmelita.

Através deste exemplar podemos avaliar o enorme património que o Convento detinha e o valor pelo qual foi avaliado cada um dos bens.

Anexo incluía:

- Um auto de Almoeda, no qual se justifica que alguns bens foram vendidos bem como o seu valor de venda;

- Uma certidão sobre o valor dos objetos sagrados e preciosos do convento.

Anexo 12: Entrega de esmola de Alvaro de Miranda Anriques

O elevado número de relíquias existente no Convento provocou uma relação mais próxima entre o Convento (Comunidade) e a população, transformando este em local de culto, de peregrinação e de proteção divina após a morte.

Crentes na proteção divina e na proteção para o caminho celestial grossas esmolos foram chegando ao Convento. Instituíram-se Capelas, Legados e fizeram-se testamentos a favor da Comunidade. Todos queriam ajudar os frades uma vez que lhe reconheciam mérito e verdadeiro exemplo de vida.

O documento é exemplo de uma grossa esmola cedida para as obras da Igreja, mas outras havia que se direcionavam para aquisição de roupa para os santos, material de cozinha, alfaias, etc.

Anexo 13: Processo de habilitação “de genere” de D. José Maldonado

Após constatação da instituição de Capela na Sacristia do Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora, através do Anexo 4, por D. João Maldonado logo se colocou a questão de saber quem era esta personalidade. Porque teria instituído neste convento uma Capela?

Investigada a sua linhagem e após sabermos que era originário da nobreza portuguesa, verificámos que era descendente de D. João Maldonado de Azevedo que fora Desembargador e Juiz do Fisco Real das Inquisições de Évora e Coimbra.

Percebemos assim como a Família Gama Lobo estava relacionada com o aparelho inquisitório levando-nos à relação, Convento - Inquisição.

Anexo 14: Institucionalização de Legados no Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora

Tabela criada para avaliação do número de Legados instituídos no Convento em estudo. Com a sua elaboração foi-nos dado avaliar:

- Sexo dos fundadores de Capelas e/ou Legados;
- Estatuto Social predominante;
- Períodos temporais em que houve maior número de institucionalização de Capelas;
- Tipo de Bens doados ao Convento;
- Número de missas a rezar por cada um dos instituidores;

- Ligação do Convento aos grupos de prestígio da cidade.

Este trabalho caracterizou-se por uma pesquisa essencialmente qualitativa. Todavia, e de modo a melhor analisar os dados recolhidos, foram construídos dois ficheiros para tratamento de dados, um sobre as relíquias e os relicários e outro sobre as sepulturas da Igreja e Sacristia, que abaixo se descrevem.

Anexo A: Ficheiro em Excel com registo de todas as relíquias e relicários da Igreja e da Sacristia, 2014.

Programa Microsoft Office Excel no qual se criaram várias fichas para registo das relíquias e relicários quer da Igreja quer da Sacristia. Nos relicários da Igreja atribuiu-se uma numeração organizada por armários, dentro de cada armário subdividiu-se em duas partes (cada um deles tem relicários do lado direito e esquerdo) e cada uma delas em vários relicários.

Na Sacristia, mais uma vez subdividimos o armário em corpos (Armário 1, 2, etc.) e dentro de cada uma destas divisões os relicários e suas relíquias. Criou-se uma ficha para o arcaz e outra para o Armário relicário num todo, a que chamámos Espaldar do Arcaz e uma ficha individual para cada um dos relicários e relíquia correspondente. A ficha está também ela subdividida em duas partes: uma referente ao relicário e outra à vida do Santo em questão.

Através deste ficheiro conseguimos pesquisar as relíquias existentes na Igreja, altar direito e esquerdo, ou na Sacristia, separadamente.

Para além da análise das relíquias, foi também produzido um outro ficheiro, em formato Acess, para identificar quais as personalidades sepultadas na Igreja e na Sacristia, e a disposição da sepultura em relação ao altar-mor. Descreve-se, assim, em seguida, este ficheiro.

Anexo B: Ficheiro em Acess com registo de todas as sepulturas da Igreja e da Sacristia, 2014.

Programa Microsoft Acess composto por quatro tabelas, cinco consultas, dezanove formulários, seis relatórios e um macro.

O início do programa entra com um formulário inicial, onde permite a entrada para outros formulários, "Inserir e Alterar Dados", "Consultas e Pesquisas" e "Relatórios Predefinidos", também permite o fechar do mesmo.

No formulário “Inserir e Alterar Dados”, existem entradas para outros formulários onde se pode inserir ou alterar os dados referentes a” Sepultura” referente à Igreja e “Sepultura Sacristia”, referente obviamente à Sacristia. Estes distinguem-se pela forma de apresentação/visualização dos dados a inserir/alterar. No formulário “Consultas e Pesquisas”, existem entradas para outros formulários, idênticos aos dos “Inserir e Alterar Dados”, mas apenas se visualizam os dados; não é possível alterar ou inserir dados.

Existem ainda dois formulários para efetuar pesquisa um para “sepultura” e outro para “Sepulturas Sacristia”. Nestes formulários é possível pesquisar por nome, data, um intervalo de datas, maior ou menor que uma data.

No formulário “Relatórios Predefinidos”, existem entradas para vários relatórios, onde é possível imprimir. Há relatórios por ordem de inserção, por data ascendente e agrupadas pelo número da sepultura, tanto para “Sepultura” como para “Sepulturas Sacristia”. Foram criados vários botões que permitem facilitar a navegação do programa.

4. ESTADO DA ARTE

O estado da arte incidiu em duas grandes áreas de conhecimento: O convento dos Remédios no contexto da cidade de Évora e os estudos sobre o valor histórico patrimonial das relíquias.

Como sabemos, com a extinção das ordens religiosas em 1834 o património de que os Conventos eram detentores foi nacionalizado, e muito dele foi vendido a particulares, pelo que o registo da informação escrita desapareceu e as suas memórias foram-se desvanecendo.

Assim, as referências sobre o Convento de Nossa Senhora dos Remédios em Évora são na sua grande maioria de caráter histórico, ou no âmbito da história de arte, concentrando-se sobre a Igreja. Entre elas podemos referir o *Inventário Artístico do Concelho de Évora* ou *Cidade de Évora*, Boletim de Cultura da Câmara Municipal, ou ainda o *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, que nos refere, por exemplo, o trabalho dos entalhadores Abreu do Ó, no conjunto retabular que se encontra na Igreja do Convento.

Gabriel Pereira (1947), nos *Estudos Eborenses*, refere que ao edifício andam ligados vários eventos históricos: como a luta travada pela posse da cidade, em Maio de 1663, entre os exércitos do príncipe D. João de Áustria e as forças do presídio comandadas pelo mestre de campo Manuel de Miranda Henriques.

Túlio Espanca (1966), no *Inventário Artístico do Concelho de Évora* dá-nos informações diversas sobre a História do Convento desde a sua Fundação, nomeadamente sobre os desaires cometidos pelas tropas da divisão francesa de Loison, 29 de Julho de 1808, com saques, roubos e destruições de obras de arte e até do fuzilamento de alguns frades.

Quanto aos saques sofridos, o Padre José Joaquim da Silva (1814), em *Évora Lastimosa*, relata-nos os objetos saqueados e mais “atropelos” efetuados pelas tropas Francesas no Convento dos Remédios. Felizmente, no saque ao Convento as relíquias depositadas na Sacristia e nas Capelas laterais da Igreja não foram vitimadas.

As relíquias, enquanto testemunho material de santos, fomentaram a consolidação do cristianismo, testemunhando a presença e o mistério de Cristo na terra.

O estudo mais sistemático sobre a Ordem Carmelita em Portugal continua a ser a obra já referida de Frei João do Sacramento, *Crónica dos Carmelitas Descalços Particular da Província de S. Filipe do Reyno de Portugal, e suas Conquistas*.

Frei João do Sacramento refere que na família Carmelitana, existiram inúmeros Mártires, dos quais, Aymerico, Patriarca de Antioquia, recolheu algumas relíquias que pelas “*sacrilégias irreverências dos bárbaros andavam dispersas por várias regiões*”⁴.

Com efeito, o estudo da *Ordem do Carmo em Portugal*, editado pela Paulinas, em 2001, não se refere ao Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora, referindo-se sempre ao Convento de S. Tomé, situado à Porta da Lagoa, erigido em 1505, por ocasião de uma peste, e demolido pelas tropas de D. João da Áustria no dia 13 de Maio de 1663. A 17 de Março de 1666, perante a perda, a Casa de Bragança entregou uns palácios e um solar que possuía à Porta de Moura aos Carmelitas e a Ordem do Carmo toma posse dos mesmos.

Também o *Agiológico Lusitano*⁵ e a Crónica dos Carmelitas referem que ao fazer-se a transferência das relíquias de S. Lúcio e S. Apolónio para Évora, esta foi precedida de “*hum acto jurídico do seu valor, ordenado a fazer authentica a sua certesa*”⁶.

⁴ SACRAMENTO, Frei João do – **Dos Santuários que o Arcebispo ornou de Relíquias, & breve noticia dos santos Mártires Apolónio e Lucio**. In SACRAMENTO, Frei João do - Crónica dos Carmelitas Descalços Particular da Província de S. Filipe do Reyno de Portugal, e suas Conquistas. Lisboa: Officina Ferreyrenciana, 1721, p. 47. Disponível em <http://books.google.com.br/books?id=K91swbxjEoQC&pg=PR3&dq=cr%C3%B3nica+carmelitas+descal%C3%A7os&hl=pt-PT&sa=X&ei=pgjXUuKyJbCw7AaGzICgCQ&ved=0CDAQ6AEwAA#v=onepage&q=cr%C3%B3nica%20carmelitas%20descal%C3%A7os&f=false>, acedido em 15 de Janeiro de 2014.

⁵ CARDOSO, Jorge - **Agiológico Lusitano**. Edição fac-similada. Porto, MMII, 1657. Tomo II

⁶ SACRAMENTO, Frei João do – **Dos Santuários que o Arcebispo ornou de Relíquias, & breve noticia dos santos Mártires Apolónio e Lucio**. In SACRAMENTO, Frei João do - Crónica dos Carmelitas Descalços Particular da Província de S. Filipe do Reyno de Portugal, e suas Conquistas. Lisboa: Officina Ferreyrenciana, 1721, p. 388. Disponível em

Estas informações foram essenciais para estabelecer a orientação da investigação. Tornava-se necessário conhecer a identidade dos santos das relíquias do Convento, e verificar a autenticidade das relíquias.

Para isso foi importante conhecer os principais estudos de análise histórica e patrimonial das relíquias.

A obra clássica continua a ser *Las falsificaciones de la História (en relación con la de España)* de Julio Carlo Baroja, 1992. Segundo este estudioso muitas foram as falsificações e de diferentes tipos: arqueológicas, de pinturas antigas, de textos literários e históricos, de inscrições, de documentos eclesiásticos e da história medieval.

Recentemente, Jean-Claude Schmitt e Otto Gerhard Oexle, em 2003, na obra *Les tendances actuelles de l'histoire du Moyen Âge en France et en Allemagne* ao enquadrarem a história da devoção cristã nos respetivos contextos sociopolíticos, explicam como a nobreza organizava peregrinações e escolhia Santos para as fundações de Cidades, Ordens, etc., cujas origens, costumes e posição social se assemelhavam e adequavam às suas, criando assim uma memória de identidade comum entre o passado e o seu presente.

Explicação que se adequa às relíquias dos Santos depositados no Convento de Nossa Senhora dos Remédios em Évora. Estes Santos foram mártires com vidas exemplares. Assim, eles servem também como exemplo de marcantes personalidades, tal como foi D. José de Mello, ou a do Instituidor da Sacristia deste Convento, D. João Maldonado⁷.

Na exposição *Treasures of Heaven*, (2011), mais de 150 objetos de diversas instituições, (Museu do Vaticano, Museus dos Estados Unidos e da Europa) foram conhecidos e estudados. O estudo do seu Catálogo⁸, permitiu-nos traçar a evolução do culto dos santos, a partir do século IV, até ao auge de veneração das relíquias, no final da Idade Média.

<http://books.google.com.br/books?id=K91swbxjEoQC&pg=PR3&dq=cr%C3%B3nica+carmelitas+descal%C3%A7os&hl=pt-PT&sa=X&ei=pgjXUuKyJbCw7AaGzICgCQ&ved=0CDAQ6AEwAA#v=onepage&q=cr%C3%B3nica%20carmelitas%20descal%C3%A7os&f=false>, acessado em 15 de Janeiro de 2014.

⁷ **Escritura de Contrato para que não seja sepultada pessoa alguma na Capela da Sacristia que não for da família e sucessores do Ilustríssimo Sr. D. João Maldonado.** In Documentos Diversos. Biblioteca Pública de Évora, 1617, Códice CLXIX/1-28, p. s/n.

⁸ BAGNOLI, Martina et al.- **Treasures of Heaven: Saints, relics and devotion in Medieval Europe.** London: The British Museum Press, 2011.

Para Éric Pallazo, em “*Relics, liturgical space, and the theology of the church*” no Catálogo da Exposição “*Treasures of Heaven*”, a presença das relíquias “*foi essencial para definir locais de culto*”⁹, pois desde o período inicial do Cristianismo e ao longo da Idade Média o espaço de celebração da liturgia era definido pela presença de relíquias. Os relicários eram “*concebidos como*” *imagens*” de Igreja ... em miniatura, no modelo de altar portátil”¹⁰.

Para terminar, a análise ao *Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora*, revelou-se como o ponto de partida para o conhecimento do património artístico que tínhamos em estudo, com vista à identificação de algumas das peças, uma vez que através dele podemos fazer um enquadramento sobre as relíquias na época moderna no Alentejo, analisar e comparar a existência de analogias entre os tipos de arcaz e relicários existentes nas sacristias estudadas.

⁹ PALLAZO, Éric . **Relics, Liturgical Space, and the Theology of the Church**. In BAGNOLI, Martina et al.- *Treasures of Heaven: Saints, relics and devotion in Medieval Europe*. London: The British Museum Press, 2011, p. 99-102.

¹⁰ Idem, p. 99-102.

CAP. I – BREVE ESTUDO DA HISTÓRIA DO CONVENTO

1. FUNDAÇÃO DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS, NO SÉCULO XVI, EM ÉVORA

Imagem 1 – Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora, exterior



Fonte: Maria do Rosário Martins

Na segunda metade do século XV, Évora era considerada uma das cidades mais importantes do país, e a sua população rondava os 10000 habitantes, distribuídos por cinco freguesias: Santa Maria da Sé, Santiago, S. Pedro, S. Mamede e Santo Antão. Se o prestígio da cidade já era notório neste século (era a segunda cidade do reino) esse período de riqueza e importância política, económica, cultural e artística, culmina quando a cidade se tornou residência dos reis

portugueses, no século XVI (18000 habitantes). Deste período data a construção do Paço Real, bem como a construção de palácios e casas solarengas de residência de nobres, igrejas, colégios e outros edifícios notáveis, como a Universidade, o Aqueduto da Água da Prata e vários conventos, entre eles no final do século surge o convento de Nossa Senhora dos Remédios.

Entre 1578-1602 o arcebispado de Évora teve como arcebispo D. Teotónio de Bragança. Como era afeiçoado à Ordem Carmelita Descalça e a Madre Teresa d' Avila, escreveu uma carta a Madre Teresa em que lhe revela o muito gosto que fazia em que a Ordem Carmelita Descalça (Masculina e Feminina) tivesse representatividade na cidade de Évora.

Em 16 de Janeiro de 1579, Madre Teresa, responde que também ela gostaria muito que isso acontecesse, no entanto, e apesar da conjugação de esforços o desejo de D. Teotónio não poderia tornar-se realidade tão rapidamente.

Uma “revelação” feita a Madre Maria de S. Joseph faz com que o Convento feminino seja criado em Lisboa. Quanto ao masculino, como o Arcebispo queria torná-lo numa obra grandiosa e as leis dos carmelitas ditam pobreza, foi rejeitado por excesso de luxo, e vieram para Évora os Religiosos da Cartuxa, a quem o Arcebispo edificou um magnífico mosteiro.

D. Teotónio apesar de desiludido não desistira das suas intenções e ao tomar conhecimento de que o Padre Provincial tinha licença da religião para fundar três casas, e já havia fundado uma em Cascais, escreve a Frei Agostinho dos Reis, primeiro Provincial,¹¹ e pede-lhe que funde um convento em Évora que era terra calma, logo parecendo adequar-se à vida dos religiosos pobres.

Frei Agostinho, segundo a *Crónica de Carmelitas Descalços*, promete que em breve seriam enviados religiosos para darem início ao Mosteiro e logo envia Frei Jerónimo de S. Hilarião, que foi depois Vigário, e Frei António de S. Francisco¹², para tratarem das licenças necessárias à fixação e instalação do Convento.

Em 1594, D. Teotónio recebeu-os, concedeu-lhes as referidas licenças e doou-lhes ainda umas casas para que se fundasse o Convento de Carmelitas Descalços em Évora. As casas, situadas junto à Porta do Raimundo, onde existia uma ermida da Senhora dos Remédios, foram

¹¹ FRANCO, Pe. António – **Évora Ilustrada**. Extraída da obra do mesmo nome do Padre Manuel Fialho. Évora: Edições Nazareth, 1945, p. 359.

¹² ANNA, Belchior de S., Pe. Frei - **Crónica de Carmelitas Descalços**. Lisboa: Officina de Henrique Valente de Oliveira, 1657. Tomo I, p.339.

deixadas ao Arcebispado, com pensão de sete Missas cada ano, por um “ (...) *hermitão velho, de nome Frei Aleixo, que no hábito de S. Francisco fazia uma vida de muita virtude, oração, & grande exemplo.*”¹³.

De seguida para iniciarem o Convento juntam-se os “ (...) *Padres Frei Jerónimo de S. Hilarião, que avia de ser Vigario e Frei António de São Francisco, Frei Gaspar dos Reys, Frei Eliseo de S. Angelo, Frei Diogo da Trindade & Fr. António do Santíssimo Sacramento (...)*”¹⁴.

A 9 de Dezembro, do mesmo ano, deu-se início ao noviciado e fez-se Mestre dos Noviços o Padre Frei António do Santíssimo Sacramento o qual “ (...) *o plantou com grandíssima perfeição, porque lhe comunicou Deos grande talento para tal mistério, & erão taes suas virtudes que bastava imitarem nas os Noviços para serem perfeitos.*”¹⁵.

O arcebispo ajudava-os com grossas esmolas e as gentes da cidade muito se apegou aos frades e à Imagem da Senhora, pelo que muito os auxiliava também. Perante todo este envolvimento e satisfação, outros Mendicantes, a quem as ajudas tardavam, acusaram-nos de estarem a fazer a fundação do Convento sem alvará e licença real, em detrimento de Conventos mais antigos.

Perante a acusação foi-lhes ordenado que se retirassem da cidade no prazo de cinco dias.

A cidade ao tomar conhecimento, revolta-se, pois “ (...) *que de nenhum modo avião de consentir sahisse os nossos Religiosos da cidade (...)*”¹⁶. Os Vereadores e Juiz de Fora, que tomaram o lado do povo, logo informaram o rei do que se passava, e o senado acabou por revogar o decreto e dar licença aos frades para que se erigisse a sua fábrica.

O lugar onde se encontravam era, apesar de tudo, de pequenas dimensões, pelo que foi solicitado ao Rei a criação de novo convento para estes religiosos. Contudo, D. Filipe por carta enviada a 15 de Junho de 1595 (Anexo 1) recusa o pedido em virtude da já existência de muitos Conventos e Igrejas na cidade e também pelas muitas verbas que estavam a ser canalizadas para o Convento de S. Francisco.

Apesar disso, os frades adquiriram um ferragial à Porta de Alconchel, assinalado na Imagem 2, a D. Violante de Noronha, por quinhentos reis e duas galinhas de foro (Anexo 2) tendo o Prior Pedro de S. José, no ano de 1601, dado início à obra. Contudo, tendo em consideração as precárias condições habitacionais em que se encontravam os Frades Carmelitas Descalços,

¹³ ANNA, Belchior de S., Pe. Frei - **Crónica de Carmelitas Descalços**. Lisboa: Officina de Henrique Valente de Oliveira, 1657. Tomo I, p. 340.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem, Pg. 406.

¹⁶ESPANCA, Túlio - **Inventário Artístico de Portugal**. Lisboa: Academia Nacional das Belas-Artes, 1966, p. 342.

efetuaram em 1602 uma petição à Câmara da Cidade, com o intuito de se instalarem na Igreja de São Braz (Anexo 3).

Chegado o ano de 1606, o núcleo freirático, dirigido por Frei Tomás de S. Cirilo, graças às inúmeras ajudas, mudou-se para as novas instalações.

Imagem 2: Iluminura do foral de Évora (1505), com área de implantação do Convento assinalada



Fonte: Biblioteca Pública de Évora

O mesmo, Frei Tomás de S. Cirilo, deu ainda início à Igreja graças a substanciais esmola como foi o caso da doação de Álvaro de Miranda Anriques, no valor de 200 mil réis, no

entanto, a sacração da igreja dá-se em 1614, já sob aprovação de D. José de Melo o qual querendo sepultar-se na Igreja, concedeu ao edifício a dignidade de Padroado, segundo escritura lavrada a 21 de Junho de 1625 (Anexo 4).

1.1 O INSTITUIDOR

Imagem 3 – D. Teotónio de Bragança



Fonte: Arquidiocese de Évora

D. Teotónio de Bragança, (Imagem 3) nascido em Coimbra em 2 de Agosto de 1530, arcebispo de Évora entre 1578 e 1602, foi o instituidor do Convento de Nossa Senhora dos Remédios. Quinto filho de D. Jaime de Bragança, quarto Duque de Bragança, e de sua segunda esposa, D. Joana de Mendonça, foi educado no Paço Ducal de Vila Viçosa tendo partido mais tarde para o Mosteiro de Santa Cruz em Coimbra onde estudou latim. A 12 de Julho de 1549, com cerca de dezanove anos, professou em Coimbra e ingressou no Colégio da Companhia de Jesus, seguindo depois para Roma, chamado por Inácio de Loyola, onde estudou por algum tempo. Mais tarde, parte para Paris onde se doutorou em Teologia.

A participação de muitos dos membros familiares da Casa de Bragança na política e no espaço social da elite nobiliárquica, concretamente no comando de homens no Norte de África, na presença na corte régia e na administração central, foi recompensada pela monarquia com a extensão de áreas jurisdicionais, de privilégios e de títulos. Social e simbolicamente era difícil obter mais distinção, como foi o caso de D. Jaime, ao ser jurado herdeiro do trono de Portugal, antes de D. Manuel ter conseguido descendência.

A Casa de Bragança era assim a primeira das casas senhoriais portuguesas, no entanto, no século XVI, o posicionamento político da Casa de Bragança alterou-se, a posição quase constante nos assuntos políticos do reino foi substituída pela ausência da corte régia, sediando-se em Vila Viçosa e deslocando-se à corte apenas para cerimónias, cortes e pouco mais. Apesar da separação física, os duques não deixavam de dedicar uma atenção especial à evolução e significado dos contextos políticos e sociais do reino.

Perante este ambiente D. Teotónio regressa a Portugal. Ainda que contrariado, mas a pedido do irmão, foi tesoureiro da colegiada de Barcelos, património de sua família, bispo de Fez e coadjutor do Cardeal D. Henrique, o qual ao ascender ao trono, lhe cedeu o lugar à frente do arcebispado de Évora, tomando posse a 7 de Dezembro de 1578.

D. Teotónio foi o típico bispo da Contra Reforma e autor de um programa social. No que concerne à assistência e prática de caridade, tal como Trento as tinha idealizado, o prelado assumiu em Portugal as qualidades, competências e virtudes que o Concílio havia desejado para os “novos” bispos. Diante o sistema de assistência em Évora, no período Moderno, D. Teotónio atuou mediante um plano previamente delineado, segundo influência de Miguel Giginta e Cristóbal Pérez de Herrera, criando a primeira instituição de Assistência em Évora, a Irmandade e Hospedaria da Piedade, em 1587. Preocupou-se ainda com a criação do hospício para pobres.

Diversos Conventos e Hospitais foram também de sua criação em Évora. Participou nas Cortes de Tomar em 1581, onde foi eleito rei de Portugal Filipe II de Espanha, e nas de Lisboa em 1583.

Falecido aos setenta e dois anos, em Castela, vítima de uma apoplexia, foi trasladado para Portugal e encontra-se sepultado no Convento de Santo António da Piedade, fundado pelo próprio.

2 – BREVE EVOLUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EBORENSE NO SÉCULO XVI

2.1 – A CIDADE: DA RECONQUISTA AO SÉCULO XVI

O surto demográfico que atravessou todo o século XIII e parte do XIV transportou várias ondas migratórias em direção às cidades reconquistadas. A segurança e prosperidade arrastaram para a cidade de Évora muitos habitantes. A cidade cresceu e modificou-se. O crescimento da cidade provocou alterações na sua estrutura física e o rápido crescimento do casario é obrigado a extravasar das muralhas, sendo no século XIV inevitável a criação de uma nova cerca, onde se abriram as portas que ainda hoje reconhecemos: Avis, Lagoa, Alconchel, Raimundo, Rossio, Mesquita, Mendo Estevens e Machede. As portas da antiga cerca funcionavam como focos de irradiação das ruas principais e conseqüentemente pólos vitais da nova cidade, com destaque para a antiga Porta de Alconchel, onde então se realizava a feira. Foi aí que surgiu a Praça Grande, hoje do Giraldo, e que na altura era já o centro da urbe.

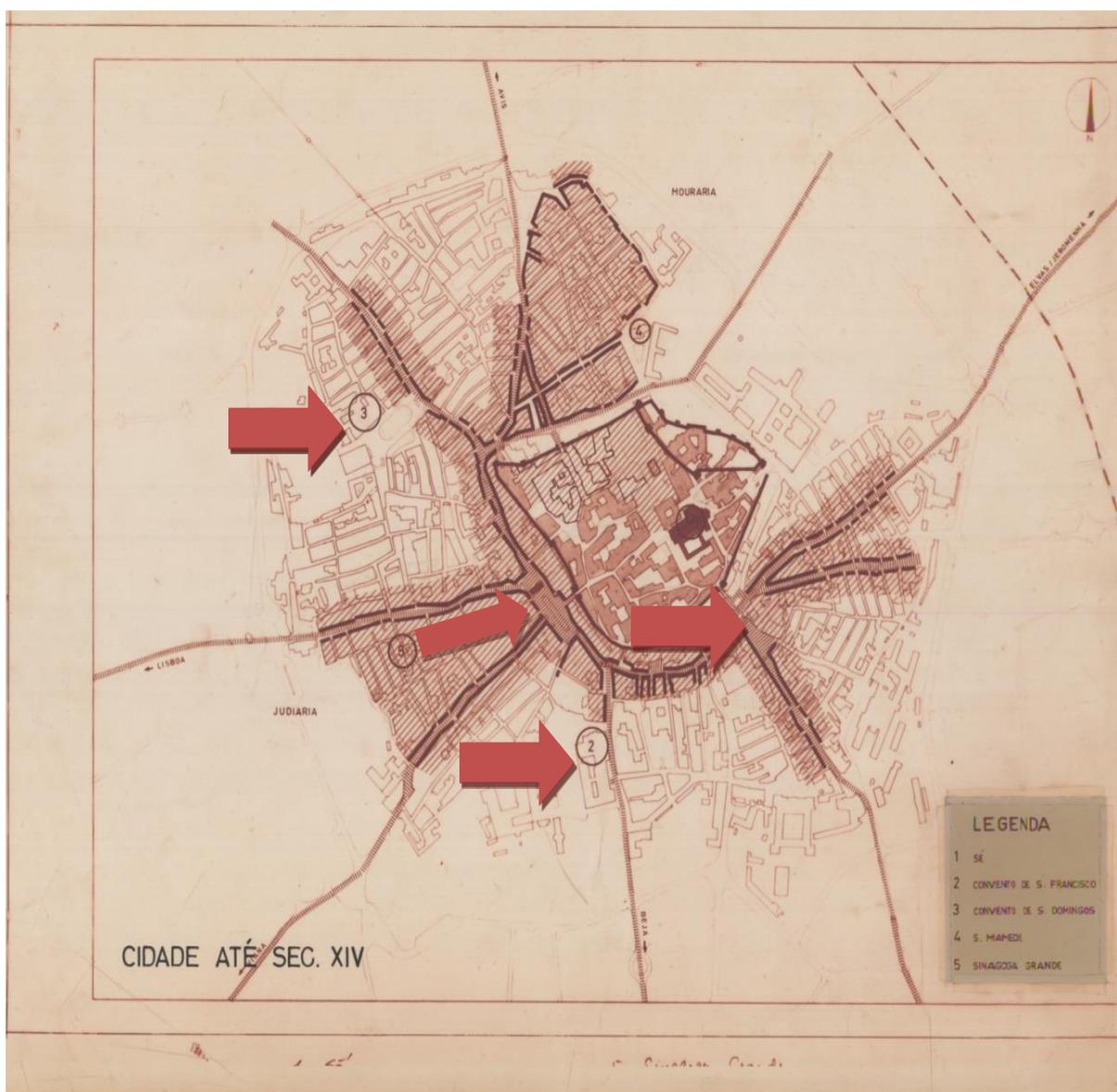
Com a construção desta nova muralha a cidade ficou protegida e delimitada. De planta rádio-concêntrica, em cujo processo de formação se contou com antecedentes romanos e islâmicos.¹⁷

A cidade cristã desenvolveu-se a partir do núcleo antigo romano e sextuplicou a sua área. Os pólos secundários de desenvolvimento urbano eram a Praça do Giraldo, Portas de Moura e os Conventos de S. Francisco e S. Domingos¹⁸, indicados na Imagem 4.

¹⁷ SIMPLÍCIO, Maria Domingas V. – **Evolução e Morfologia do Espaço Urbano de Évora**. Évora: s.e., 1997, (Tese de Doutoramento), p. 97.

¹⁸ Idem, p.98.

Imagem 4 – Planta da cidade de Évora até ao século XIV, onde estão assinalados os polos secundários de desenvolvimento urbano



Fonte: Arquivo Municipal Évora

Na segunda metade do século XV, Évora era considerada a segunda cidade do reino, lugar disputado com Santarém¹⁹, como já atrás se referiu.

Évora culmina esse período de riqueza e importância política, económica, cultural e artística, quando se tornou residência dos reis portugueses, no século XVI, o que originou a construção do Paço Real, (letra A da Imagem 5) bem como a construção de palácios e casas solarengas de residência de nobres, conventos, igrejas, colégios e outros edifícios notáveis, como a Universidade e o Aqueduto da Água da Prata (letras B e C assinaladas na Imagem 5). É ainda

¹⁹ BEIRANTE, Maria Ângela – **O Ar da Cidade: Ensaios de História Medieval e Moderna**. Lisboa: Edições Colibri, 2008, p. 195.

deste período que datam os três importantes chafarizes, da Praça do Giraldo, Portas de Moura e Porta de Avis.

Em 1552, André de Resende, aquando da visita da princesa D. Joana a Évora, descrevia assim a cidade:

“ (...) esta vossa cidade, em outro tempo casa e alojamento do valeroso e muito nomeado Sertório e, em este nosso, frequente morada e habitação dos Reis e Principes, Nossos Senhores; cidade em sua origem e fundação antiquíssima, em a fé católica e religião cristã entre todas as de Hispânea ou mais antiga (...)”²⁰.

A organização urbana da cidade, neste século, apresentava como polo principal de atividade a Praça do Giraldo (onde se situavam os Paços do Concelho e a Cadeia) e secundariamente, o Largo das Portas de Moura, prolongando-se esse percurso para noroeste, em direção ao Convento de S. Domingos e para sul, em direção ao Palácio Real²¹.

Imagem 5 - Planta da Cidade de Évora até ao século XVI com as obras de relevo construídas nesse século



Fonte: Arquivo Municipal de Évora

²⁰ RESENDE, André de - **Obras Portuguesas: História da Antiguidade da Cidade de Évora**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1963, p. 61.

²¹ SIMPLÍCIO, Maria Domingas V. - **Evolução e Morfologia do Espaço Urbano de Évora**. Évora: s.e., 1997, (Tese de Doutoramento), p. 105.

Nos séculos XVII e XVIII constroem-se muito menos edifícios monumentais, tendo no entanto, sido reforçado o sistema defensivo que limitava a cidade intramuros com a “ (...) *construção de uma cortina abaluartada traçada segundo planos adotados em França.*”²². Composto por doze baluartes e duas fortificações localizadas no exterior, Fortes de Santo António e dos Apóstolos.

2.2- A MURALHA E SUAS PORTAS

A cidade de Évora teve três circuitos muralhados: da Alta Idade Média (romano-godo), da baixa Idade Média (séc. XIV), e da Idade Moderna, no sistema Vauban (século XVII).

O primeiro foi construído pelos romanos, nos primeiros séculos da era cristã, com um perímetro de 1080 metros, ao qual deram o nome de cerca velha, protegeu os povos visigodos e árabes e também os portugueses durante o período da reconquista até ao reinado de D. Afonso IV.

O segundo, iniciado em 1350, compreendeu um circuito irregular com muro e barbacã na extensão de 3500 metros, atacado de 30 a 40 torres redondas ou quadrangulares com dez portas e dois postigos de emergência e à qual se atribuiu o nome de cerca nova.

Ana Maria Borges relata uma passagem de Padre António Franco que retrata a cerca nova, em 1501:

*“ (...) constam estes muros de dois recintos, o de fora muito mais baixo e sua barbacã, e de dentro alto, proporcionadamente para a defesa da casaria, que não está no alto da cidade; terá de largo até seis palmos; (...). Tinham 10 portas; cercam não só a cidade do tempo de Sertório, mais de três ou quatro partes, que lhe cresceram por arrabaldes (...)”*²³.

O último campo fortificado teve origem no levantamento dos portugueses contra Filipe IV e na luta pela Independência de Castela (1640-1668).

A criação de muralhas dá um estatuto de cidadania aos habitantes da urbe e conduz a que sejam privilegiados certos elementos, tanto do ponto de vista funcional como simbólico: as portas.

²² Idem.

²³ BORGES, Ana Maria de Mira - **Évora: Da Reconquista ao Século XVI Alguns Aspectos de Desenvolvimento Urbano e Arquitetura**. Évora: Universidade de Évora, Departamento de História e Arqueologia, 1988, p. 111.

É através das portas que a cidade comunica com o exterior permitindo a ligação entre o mundo rural e o urbano. O número de portas era indicador da importância da cidade e entre elas existia até uma certa hierarquia, sendo algumas consideradas “portas de honra” e por vezes havia até uma “porta real”.

Assim, a ligação entre as 11 portas da cidade faz-se entre a Porta de Alconchel e a Porta do Raimundo (letras A e B da Imagem 5) através de uma série de muralha. A parte inicial do trecho de muralha que ligava a Porta do Raimundo à do Rossio, perdeu-se, reaparecendo a muralha na mata do Passeio Público (atual Jardim Público), onde se encontram dois torreões, circulares e um terceiro quadrangular. Da Porta do Rossio a muralha seguia até à Porta da Mesquita, situada no local da Igreja do Senhor Jesus da Pobreza e daqui partia para a Porta da Rampa, a qual desapareceu. Aqui a muralha dirigia-se a Norte, até às Portas de Mendo Estevens (letra C da Imagem 6), a qual ainda hoje é visível. A Porta de Machede (letra D da Imagem 6) ligava-se à Porta Nova da Traição, indo talvez, diz-nos Ana Borges, assim encontrar-se com a cerca velha, da qual se aproveitou o pano de muralha até à Porta do Moinho de Vento. Esta Porta vai então unir-se à Porta de Aviz (letra E da Imagem 6), apresentando um pequeno corte junto ao Mosteiro de Santa Mónica, que se liga à Porta da Lagoa (letra F da Imagem 6) por um intervalo de muralha que ainda está bem patente nos nossos dias. Completa-se o circuito com a ligação desta última porta à Porta de Alconchel, uma das principais, pois dava acesso a Lisboa.²⁴

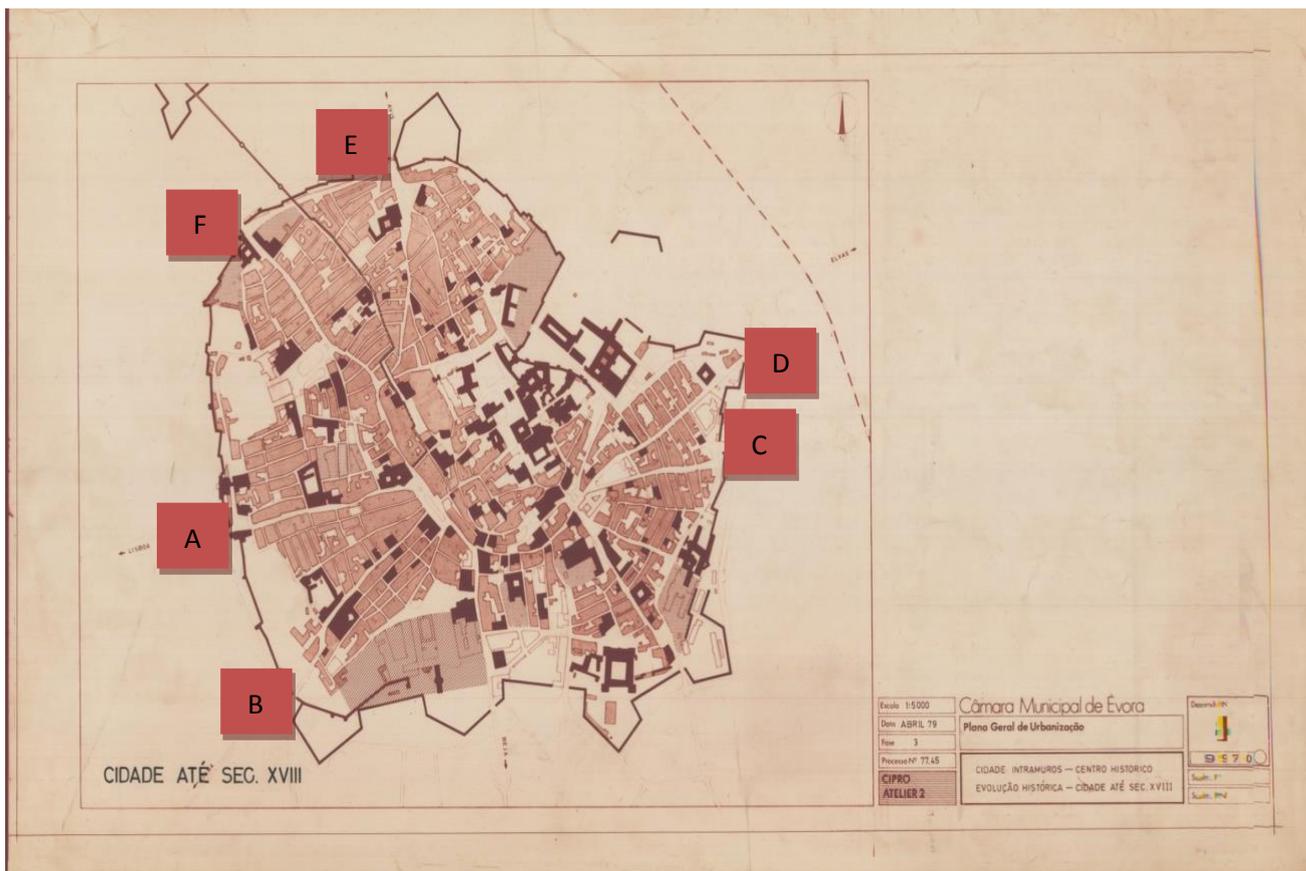
A porta desempenhava um importante papel no cerimonial da chegada dos visitantes excepcionais e muito particularmente nas entradas régias. Como exemplo, podemos referir o facto de que foi à Porta de Avis, que a cidade recebeu D. Afonso e sua noiva, a princesa D. Isabel, para as festas do seu casamento; em 1571, à Porta da Lagoa entrou a embaixada enviada pelo Papa Pio V a D. Sebastião e em 1619 Filipe III, de Espanha²⁵.

A Porta do Rossio foi das primeiras a ser sacrificada nos planos defensivos da Guerra da Restauração, uma vez que ficava dentro do baluarte do Conde de Lipe, devia ser também uma porta de importância relevante, pois situava-se perto do Paço Real e do Convento de S. Francisco. Era ainda o final da Rua dos Mercadores (atual Rua da República), pelo que devia ter muito comércio, além de se fazer através dela a ligação entre o Rossio e a Praça.

²⁴ Idem, p. 112.

²⁵ Idem, p. 117.

Imagem 6 – Planta da cidade até ao século XVIII e as respetivas Portas



Fonte: Arquivo Municipal de Évora

2.3 – CRESCIMENTO DA CIDADE INTRAMUROS

Évora parece ter tido um crescimento controlado ao longo das vias que acediam às portas da cerca romano-goda. Contudo, com o posterior amuralhamento medieval, que se instituiu como limite urbano, desenvolve-se a mudança de estatuto daquelas vias, que de caminhos ou estradas passaram a ruas ou arruamentos.

Apesar da excessiva área que a muralha medieval confinou a cidade poderia ter tido como consequência outro aspeto urbano, no entanto, as entidades que representavam o poder político, económico e militar da altura foram determinantes neste aspeto.

Numa primeira fase da atividade construtora destacam-se as ordens militares, mas a grande atividade deve-se ao bispo e ao cabido da Sé. A Sé detinha 44,6 % do solo urbano, concentrada entre S. Francisco e a atual Rua Serpa Pinto, entre o Largo de Aviz e a Rua do

Cano, entre a Rua Mendo Estevens e a Rua Joaquim Henriques da Fonseca e junto ao terreiro das portas de Moura, sendo irrelevantes as propriedades detidas pelas restantes entidades.²⁶

Numa segunda fase foi o rei que retirou partido da reduzida parcela de solo de que dispunha, criando a construção das casas dos arcos na barbacã, no ponto de maior atividade comercial, o que deu à cidade novo perfil e à coroa novos rendimentos.²⁷

Neste caso o crescimento urbano, como refere Abel, foi mais importante para a imagem da cidade, na rua da Lagoa (atual Rua Cândido dos Reis) e na Rua de Aviz, a norte, nas Ruas de Alconchel e Raimundo, a poente, e na Porta de Moura e ruas aí iniciadas, e é nestas ruas que se veio a fazer sentir o peso do estatuto sócio-económico dos detentores da propriedade, pois foi aí que se ergueram, a partir dos séculos, XVI e XVII, a maior parte dos palacetes.

O poder concelhio não se assumia como entidade construtora. Mandou apenas construir as olarias da Porta de Alconchel, fora da cerca nova, responsabilizava-se pela construção e conservação de poços e chafarizes públicos, mas não pôs em prática qualquer tipo de plano de urbanização.

Relativamente à construção urbanística local, esta foi concebida pela “ (...) *importação das tipologias rurais e respetivas imagens, adaptadas quer à disponibilidade local de materiais de construção, quer às áreas das parcelas (...)*.”²⁸

2.4 – POPULAÇÃO E ORGANIZAÇÃO SOCIAL

O primeiro numeramento da população portuguesa realizou-se entre 1527 e 1532. A população do Concelho de Évora contava com 3601 fogos sendo que 2813 se situavam na cidade e 788 no seu termo, pelo que se conclui que 76% da população vivia na cidade.

Entre 1527-1532 e 1580 a população cresceu a bom ritmo, seguindo-se uma fase de decréscimo até 1640 para a qual contribuíram as sucessivas crises de mortalidade nas três últimas décadas de Quinhentos, a emigração para o Brasil e os fluxos migratórios para os principais centros urbanos nacionais, especialmente Lisboa.

As últimas décadas do século XVII, apresentaram um leve crescimento, em resultado de uma conjuntura política instável, da propagação de doenças contagiosas e de fatores climáticos.

²⁶ ABEL, António Borges – **Os limites da Cidade**. Évora: s.e., 2008, (Tese de Doutoramento).

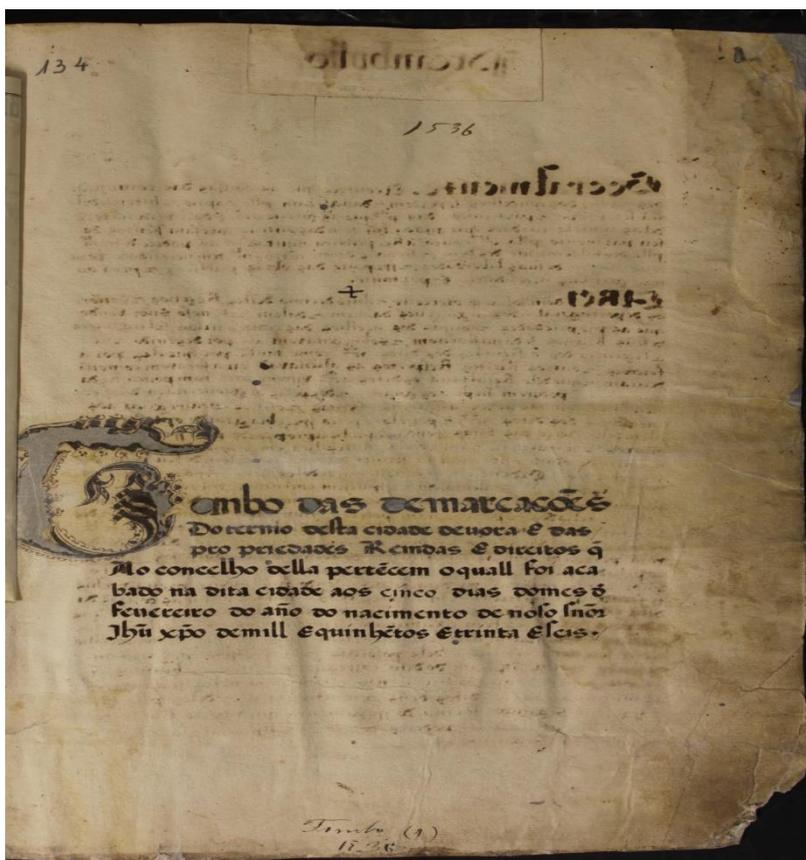
²⁷ BEIRANTE, Maria Ângela - *O vínculo cidade-campo na Évora Quinhentista*, In a **Cidade de Évora**, II série nº2, 2002-2006, p. 113.

²⁸ ABEL, António Borges – **Os limites da Cidade**. Évora: s.e., 2008, (Tese de Doutoramento) p. 71.

No século XVIII, até aos anos 30, deu-se novo decréscimo da população na sequência da descoberta do ouro do Brasil. A partir desta altura a população volta a crescer.²⁹

Analisado o tombo da Cidade de 1536-1537, (Imagem 7) a confrontação da cidade de Évora no século XVI, era com 12 concelhos: Arraiolos, Vimieiro, Evoramonte, Redondo, Montoito, Monsaraz, Portel, Oriola, Aguiar, Viana, Alcáçovas, Montemor-o-Novo, vilas que tinham feito parte do seu primitivo termo medievo.

Imagem 7 - Tombo das demarcações do Concelho de Évora



Fonte: Arquivo Distrital de Évora

Estas povoações foram-se autonomizando e dando origem a novos concelhos, não deixando de manter com a cidade laços de natureza económica e militar, continuando até a disfrutar em comum dos pastos, água, lenhas e submetidos militarmente à cidade³⁰.

²⁹ RODRIGUES, Teresa, coord. (s.d) - **Portugal nos séculos XVI e XVII. Vicissitudes da dinâmica demográfica**, [em linha] <http://www.cepese.pt/portal/pt/investigacao/working-papers/populacao-e-prospectiva/portugal-nos-seculos-xvi-e-xvii-vicissitudes-da-dinamica-demografica/Portugal-nos-seculos-XVI-e-XVII-Vicissitudes-da.pdf>, (18.08.2014).

Assim, é o termo da cidade que vai produzir os produtos alimentares de primeira necessidade, pão, carne, vinho, fruta e legumes para alimentar a população urbana essencialmente consumista³¹.

A função transformadora é fruto da convergência de vários mesteres e das respetivas clientelas, mas também das matérias-primas de proveniência agropecuária que existiam em abundância. Esta função e a artesanal atingem o seu auge quando a cidade passa a ser cidade de corte.

As indústrias alimentares, moinhos, azenhas, atafonas, fornos e adegas situam-se junto às ribeiras próximas de Évora. Dentro da urbe, surge a indústria moageira bem como fornos e adegas.

As indústrias têxteis e de calçado estão extremamente dependentes da pecuária – peles, couros e lã - em que o termo de Évora é prodigo. A própria toponímia da cidade é demonstrativa da importância das indústrias do couro e das peles na capital alentejana.

Os materiais de construção, cal e pedra, madeira e barro, são também fruto da envolvente.

Os produtos de grande circulação são os cereais e as carretas puxadas por bois, para o transporte de longo curso, ganhando uma maior importância.

A paisagem rural era então constituída por zonas de coutos, composta por ferragiais, hortas, vinhas e olivais, em volta da cidade. Em volta dos coutos e até aos limites do termo, ficavam as herdades de pão e montado.

A propriedade rústica, sob a forma de latifúndio, a herdade, ou minifúndio, a vinha, a horta ou ferragial, ocupa um lugar cimeiro nas fortunas dos eborenses, como os homens de mesteres que eram proprietários de pequenas propriedades com cerca de 1 ha, situadas no círculo urbano. Quanto ao clero, nobreza e a oligarquia urbana, dispunham de grande número de pequenas propriedades.

No âmbito das relações sociais, a propriedade fundiária era critério para definição de elites e para a formação das suas clientelas.

Como se sabe, na instituição de morgadios a terra servia para preservar a memória das famílias, na fundação de capelas, os seus instituidores obtinham sufrágios perpétuos para salvação das suas almas e das dos seus familiares.

³⁰ BEIRANTE, Maria Ângela - *O vínculo cidade-campo na Évora Quinhentista*, In a **Cidade de Évora**, II série n.º2, 2002-06, p.87-95.

³¹ Idem.

O campo invade assim a cidade, na cerca urbana irrompem os ferragiais, na cidade, são armazenados os produtos agrícolas e surge o celeiro. “*Dos campos vêm também os touros para as festas da cidade e as carradas de espadana com que são ornamentadas as ruas por onde passam as procissões e os cortejos.*”³²”.

3 – O CONVENTO DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

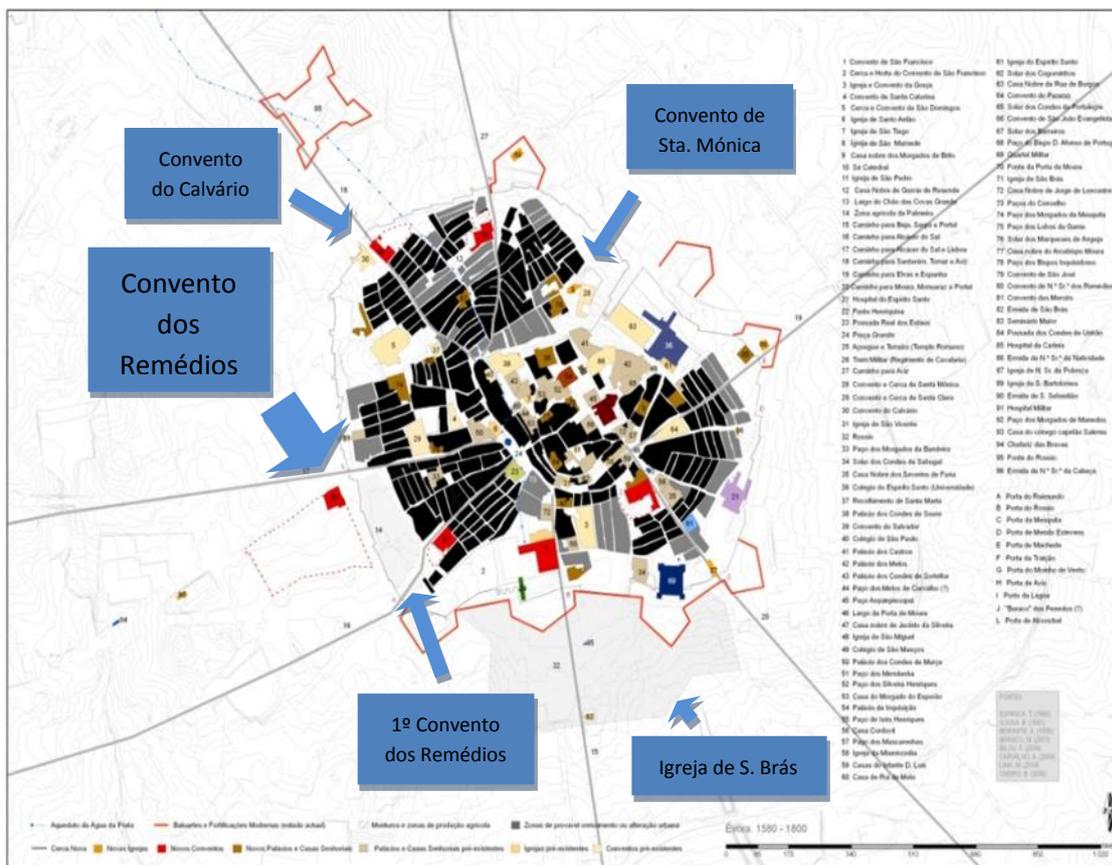
A paisagem de uma cidade é instituída pelos edifícios que a constituem, sendo que alguns exercem um forte poder de atração pelo seu peso monumental, valor estético ou mesmo pela sua função, estruturando eles mesmos o espaço urbano.

A implantação dos conventos num determinado local introduzia por vezes modificações espaciais, pois numa sociedade verdadeiramente marcada pela religião e pelo poder institucionalizado da igreja é natural que a arquitetura religiosa tivesse um lugar de capital importância. Essa importância deve-se a uma série de fatores como a atração que eles exercem como centros de devoção, pontos de partida e de chegada de procissões e também como espaços lúdicos.

Na cidade de Évora existia uma forte ligação entre o fenómeno urbano e a implantação eclesiástica, encontrando-se em todo o tecido urbano edifícios religiosos, igrejas paroquiais, ou não paroquiais, capelas, conventos e oratórios. Fora de muros podiam-se também encontrar ermidas e conventos, como era o caso do Convento de Nossa Senhora dos Remédios assinalado na Imagem 8.

³²Idem, p. 94.

Imagem 8 – Distribuição dos Conventos na cidade de Évora



Fonte: Arquivo da Divisão de Centro Histórico da Câmara Municipal de Évora

A estrutura da sociedade de Quinhentos foi bastante favorável à multiplicação das casas religiosas. Entre outros efeitos a lei do morgadio favorecia indiretamente a entrada dos filhos segundos na vida religiosa, nomeadamente nos mosteiros. Os homens conseguiam, assim, isentar-se ao serviço militar e tinham a possibilidade de conseguir uma boa instrução. Quanto às mulheres, a entrada na religião era feita de forma que realizassem a própria vocação ou o desejo familiar da entrega a Deus. Deste modo, cresceu o número de religiosos e a fundação de conventos nas cidades, vilas e lugares do Reino.

Em Évora, no século XV existiam já nove conventos, surgindo mais cinco no século XVI, entre os quais o de Nossa Senhora dos Remédios, que embora fosse instalado no local onde hoje se encontra no século XVII, foi instituído em Évora ainda no século XVI.

A tabela abaixo permite-nos verificar os conventos existentes na cidade de Évora à data da fundação do Convento dos Remédios.

Tabela 1: Relação dos Conventos existentes à data da criação do Convento de Nossa Senhora dos Remédios

Convento	Ordem	Ano de Fundação	Sexo
S. Francisco	S. Francisco	1224	M
S. Bento de Castris	Cister	1274	F
S. Domingos	S. Domingos	1298	M
Santa Mónica	Sto. Agostinho	1421	F
Santa Clara	S. Francisco	1452	F
Santa Maria do Espinheiro	S. Jerónimo	1457	M
Nossa Senhora do Paraíso	S. Domingos	1471	F
S. João Evangelista	Cónegos (Lóios)	1485	M
Santa Marta	S. Domingos	1490	F
Salvador	S. Francisco	1525	F
Nossa Senhora da Graça	Eremitas Calçados de St. Agostinho	1540	M
Santa Helena do Monte Calvário	Sta. Clara/S. Francisco	1574	F
Cartuxa	S. Bruno	1598	M
Nossa Senhora dos Remédios	Carmelitas Descalços	1606	M

Fonte: BORGES, Ana Maria de Mira - **Évora: Da Reconquista ao Século XVI Alguns Aspetos de Desenvolvimento Urbano e Arquitetura**. Évora: Universidade de Évora, Departamento de História e Arqueologia, 1988, p. 147.

Das cinco Igrejas Paroquiais de Évora, três encontram-se no interior do primitivo espaço urbano, ficando as restantes duas próximo da “cerca velha” deixando para além delas as zonas de expansão da cidade. A paróquia mais antiga, Sta. Maria, funcionou desde 1166, no local onde esteve instalada a Sé provisória, enquanto não se construiu a atual Sé de Évora.

No século XIII, surgem as paróquias de S. Tiago, S. Pedro e S. Mamede, sendo que S. Mamede ficava fora dos antigos muros da cidade, apesar de muito próxima.

No século XVI surge a paróquia de Santo Antão, na capela da Albergaria do Corpo de Deus de Santo Antoninho, a qual também ela se situava próximo da primitiva cerca e de uma das suas portas (Selaria).

Todas as igrejas determinaram a existência de um terreiro fronteiro, quer pelas suas próprias necessidades quer talvez até para uma certa demarcação em relação a outros edifícios.

O Convento de Nossa Senhora dos Remédios surge no início do século XVII, fora de Portas da cidade, à Porta de Alconchel, em espaço livre, onde era permitida uma construção de raiz, sem qualquer compromisso com pré-existências arquitetónicas, criando nova dinâmica em seu torno, originando a criação de arrabaldes e funcionando como ponto de contacto entre o núcleo urbano e o campo circundante. Local estratégico de entrada e saída de mercadorias e pessoas, com acesso a Lisboa, perto da Gafaria, da Igreja de S. Sebastião e do Chafariz das Bravas revelava-se como ideal para a vida monástica Carmelita. Envolvido por terreno vasto, isolado do exterior por muro alto, como era característico dos edifícios conventuais, com uma cerca, a qual revelava preocupação de inserção paisagística, possuindo, além de pomares e horta, uma capela, permitindo aos seus habitantes disporem de um espaço de lazer e contemplação.

Como local de peregrinação, devido à inúmera quantidade de relíquias ali depositadas, requeria-se a sua localização em plena natureza, fora da cidade, mas relativamente próximo, para que se estabelecessem prestigiados focos visuais dinamizadores do espaço.

3.1 – EDIFÍCIO CONVENTUAL

Imagem 9 – Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora, lateral



Fonte: Maria do Rosário Martins

O edifício do Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora (Imagem 9) situado no exterior da muralha medieva, à margem do tecido urbano, em espaço amplo, à Porta de Alconchel, porta principal da cidade, à época principal ligação com o exterior, local

privilegiado de circulação de pessoas e bens, porta de entrada solene de reis e arcebispos, com a fachada principal olhando o norte, apresenta-se como um imóvel de grande volume arquitetónico, no rigoroso estilo barroco, característico da situação político-económica vivida no século XVII, data da sua criação – Domínio Filipino, Guerra da Restauração, Crise Dinástica e Inquisição.

Esta arquitetura de continuação do Maneirismo tardio manifesta características sóbrias no exterior, com ângulos e empenas fortemente apertados de pedra, dispostos em andares, com frestas retangulares e telhas de quatro águas, fachadas simples e regulares e modéstia decorativa, exceto nos altares (Anexo 5).

O terreiro da igreja é antecedido por pátio que tem “ (...) *no portado central uma tabela de volutas e pináculos com o armorial do padroeiro (Imagem 10) D. José de Melo (...)*”³³. No que respeita à sua fachada, esta apresenta “ (...) *frontão triangular, muito acentuado, é terminado em discos de granito, nos acrotérios.*”³⁴

Imagem 10 – Armorial do Padroeiro



Fonte: Maria do Rosário Martins

Segundo Túlio Espanca, a entrada da Igreja é protegida por um alpendre de três arcos de volta perfeita (Imagem 11), com aduelas de pedra e na parte superior venera-se a Padroeira, (Imagem 12) de mármore branco, que é dos inícios do século XVII.³⁵

³³ ESPANCA, Túlio - **Inventário Artístico de Portugal**. Lisboa: Academia Nacional das Belas-Artes, 1966, p. 315.

³⁴ Idem.

³⁵ Idem

Imagem 11 – Entrada da Igreja



Fonte- Filomena Monteiro

Imagem 12 – Imagem da Padroeira sobre a entrada da Igreja



Fonte: Maria do Rosário Martins

Nas laterais à Padroeira representam-se “ (...) os armoriais, barrocos, do arcebispo protetor, também do 1º terço do seiscentismo. As portas do templo e da portaria anexa, são de boas e robustas tábuas de matazana, do Brasil, recobertas de pregaria e pingentes de latão amarelo.”³⁶

³⁶ ESPANCA, Túlio - **Inventário Artístico de Portugal**. Lisboa: Academia Nacional das Belas-Artes, 1966, p. 315.

O interior do espaço contrasta com a pobreza das formas exteriores. As obras de talha e azulejo comovem e seduzem o olhar, impondo os preceitos iconográficos tridentinos.

O azulejo, transformou-se durante a época barroca na alma de certos espaços. Processo iniciado no século XVII, afirmou-se na ocasião restauracionista, quando o dinheiro era enviado para uma guerra defensiva face à Espanha. Abstrato ou figurativo, o azulejo impôs-se ao olhar do crente, convencendo-o e dominando-o.³⁷

Na sacristia do Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora deparamo-nos com azulejos executados em: “ (...) oficinas lisboetas de cerca de 1700 (...) de dois padrões distintos com sanefas floridas e motivos de figura avulsa, inspirados estes, em modelos de Delf, mas fortemente caracterizados pelas barras naturalistas tanto ao gosto da nossa cerâmica barroca.”³⁸. (Imagem 13).

Imagem 13 – Azulejos da Sacristia



Fonte: Filomena Monteiro

Quanto ao conjunto de talha dos Remédios, obra do século XVIII, de tendência linear, atingiu aqui o auge da riqueza, segundo Robert Smith.³⁹

Os retábulos que preenchem a capela-mor e o espaço do cruzeiro obedecem à forma chanfrada, tão popular em Évora. Obra do período rococó, composta por um retábulo principal e dois laterais sob sanefas e frontões duplos, numa manifestação de talha espalmada,

³⁷ PEREIRA, José Fernandes, dir. - **Dicionário da Arte Barroca em Portugal**. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 55.

³⁸ESPANCA, Túlio - **Inventário Artístico de Portugal**. Lisboa: Academia Nacional das Belas-Artes, 1966, p. 317.

³⁹ Idem, p. 315.

permanecendo fiel a talha dourada com tribunas e tronos.⁴⁰ Foi seu entalhador Sebastião Abreu do Ó⁴¹

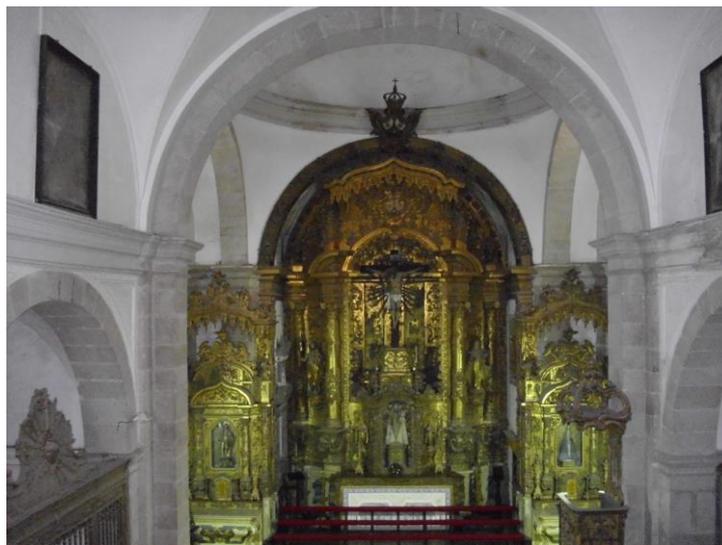
No pavimento da Igreja do Convento em estudo, podem apenas visualizar-se as sepulturas da parte central, em mármore branco, com letreiros já ilegíveis, pois as laterais encontram-se cobertas com estrados de madeira.

No claustro do convento podemos constatar a existência de cinco campas tumulares ricamente brasonadas, de mármore e granito, onde jazem alguns varões seiscentistas. Algumas ainda permitem a leitura dos seus letreiros mas outras já não o permitem fazer.

3.2 – A IGREJA

A igreja (Imagem 14), que serviu largos anos como capela funerária, sendo propriedade do Município encontra-se hoje ocupada pela Associação Eborae Musica, que ali desenvolve atividades culturais.

Imagem 14 - Igreja do Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora



Fonte: Filomena Monteiro

De nave de planta retangular com quatro tramos, data esgrafitada na abóbada em florão barroco (Imagem 15), centrando as armas carmelitas, coroadas e metidas numa elipse perolada, apresenta cruzeiro pouco profundo.

⁴⁰ PEREIRA, José Fernandes, dir. - **Dicionário da Arte Barroca em Portugal**. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 324.

⁴¹ BORGES, Artur Goulart de Melo – **As Obras da nova Capela-Mor da Sé Escola de Artistas**. Évora: Instituto Superior de Teologia . Ano XVIII, Nº 35, 2005, p. 161.

Imagem 15 - Florão centrando as armas carmelitas



Fonte: Filomena Monteiro

Sensivelmente a meio da nave conservam-se as duas capelas laterais (Imagens 16 e 17), a da invocação de Santa Ana, à direita, e de Nossa Senhora da Conceição, à esquerda, na qual se insere uma imagem do Senhor Morto com pinturas de inegável qualidade das três Marias: Virgem Maria, Maria Madalena, Maria Salomé e Maria Cleopha rodeadas de anjos lacrimejantes. A capela de Santa Ana

*“ (...) possui altar de colunata colorida, de certa nobreza de linhas, executado dentro do espírito dos trabalhos dos irmãos Abreu do Ó, onde subsistem além do Orago, conservado em elegante baldaqu沿海te revestido de folha de oiro, S. José e o Menino e S. Patrício, todas de madeira estofada e policroma, dos sécs. XVII-XVIII, e S. Joaquim e a Virgem, de barro cozido, curioso exemplar recoberto de roupagem iluminada, que mede de alto 84 cm”.*⁴²

⁴² ESPANCA, Túlio - **Inventário Artístico de Portugal**. Lisboa: Academia Nacional das Belas-Artes, 1966, p. 316.

Imagem 16 - Capela de Nossa Senhora da Conceição



Imagem 17 - Capela de Santa Ana



Fonte: Susana Coelho

Integrados na talha existem vários relicários, (Imagem 18) os quais são alvo de estudo neste trabalho, pois segundo Maria Angela Beirante⁴³, o 5º Concílio de Cartago, em 401, exigiu mesmo que todas as igrejas tivessem relíquias nos seus altares, o que revela a relevância que as mesmas tinham para as cerimónias litúrgicas.

Imagem 18 – Armários relicários do Altar Lateral Direito da Igreja



Fonte: Filomena Monteiro

A capela de Santa Ana está ainda limitada por uma balaustrada de enrolamento torço, em madeira excêntrica sobrepujada por fogareos estilizados.

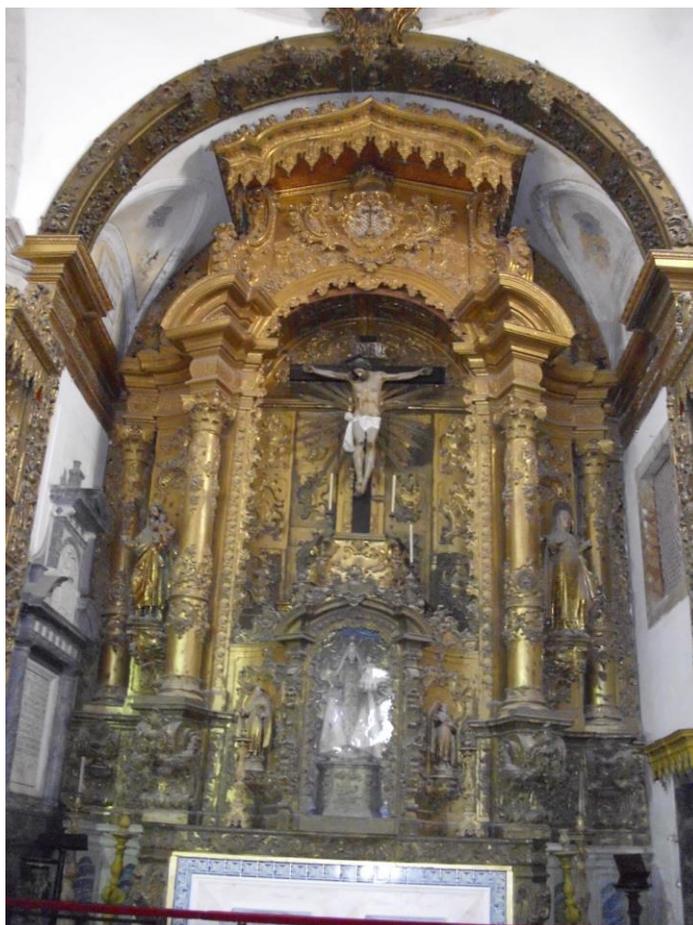
⁴³ BEIRANTE, Maria Ângela. - **Territórios do Sagrado: Crenças e Comportamentos na Idade Média em Portugal**. Lisboa: Edições Colibri, 2011, p.78.

Três retábulos enchem a capela-mor e o espaço do cruzeiro.

A capela-mor (Imagem 19) está decorada por altar de talhas douradas, e venera-se a imagem da padroeira, de roca e vestea de seda branca bordada a ouro, por baixo de Jesus Crucificado.

Realçam o conjunto as esculturas seiscentistas, de S. José e Santa Teresa de Ávila.

Imagem 19 – Capela Mor da Igreja



Fonte: Maria do Rosário Martins

As duas capelas do transepto, em colaterais, revestidas de talhas semelhantes, são dedicadas a S. João Baptista (Imagem 20) e a N^a S^a do Carmo (Imagem 21), estando representado na primeira uma imagem policromada do séc. XVII, e na segunda uma figura de roca vestida de tecelagem bordada.

Imagem 20 – Capela de S. João Batista



Imagem 21 – Capela de Nossa Senhora do Carmo



Fonte: Maria do Rosário Martins

Na parede do Evangelho, existe o túmulo do prelado padroeiro, D. José de Melo, (Imagem 22) construído em mármore azul e branco, regional, segundo modelo da arte barroca, com frontão armorejado e corpo de colunas toscanas, que conserva a inscrição da época.

Do lado do Evangelho, repousam as cinzas de D. Constantino de Bragança, (Imagem 23) instituidor do Morgadio, do Maranhão, da esposa e da filha, trasladadas de Estremoz em 1639.

Imagem 22 - Túmulo de D. José de Melo



Fonte: Filomena Monteiro

Imagem 23 - Túmulo de D. Constantino de Bragança



Fonte: Maria do Rosário Martins

3.3 – A SACRISTIA

É na Sacristia, divisão anexa à Igreja, que se “ (...) *guardam os objetos, vestes e utensílios litúrgicos, por vezes de grande valor (...)* ”⁴⁴ como as relíquias existentes na sacristia do Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora.

Assim e perante esta realidade podemos dizer que a Sacristia que etimologicamente, significa “próximo do sagrado”⁴⁵ foi um dos locais escolhidos para a deposição de relíquias por ser o local onde se fazia o recolhimento e a preparação para a celebração, sendo a antecâmara do lugar mais sagrado. Ali os ministros da Igreja, elevam o seu coração a Deus, fazem as suas orações e criam o verdadeiro espírito para o momento que se segue.

A sacristia do Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora, como local de dignidade especial, possui um notável arcaz de cinco corpos com quinze gavetões (Imagem 24) que, segundo Túlio Espanca, é de pau-santo brasileiro e do estilo português da época de D. José I. Este arcaz mede 8,15 de comprimento e tem de largura, 1,10 m. Ocupa toda a parede lateral direita da sacristia e na sua parte superior localiza-se um Armário Relicário (Imagens 25 a 28) de entalhados dourados com quarenta e sete nichos de relicários e um oratório ao centro.

Imagem 24 – Arcaz da Sacristia



Fonte: Susana Coelho

⁴⁴ ALDAZÁBAL, José (s/d) – **Dicionário Elementar de Liturgia**, [em linha] http://www.portal.ecclesia.pt/ecclesiaout/liturgia/liturgia_site/dicionario/dici_ver.asp?cod_dici=391, (14.01. 2014).

⁴⁵ Idem

Adjacente, situa-se a capela sepulcral de D. João Maldonado de Azevedo da Gama Lobo, instituidor da Sacristia, revestida de estuques coloridos e marmoreados, que por Escritura de Contrato de 1825 não permitia que fosse “ (...) *sepultada pessoa alguma na capela de Sta. Teresa que não for da família e sucessores do Ilustrissimo Sr. D. João Maldonado.*” (Anexo 6) e que podemos confirmar através da descrição dos enterramentos, efetuados ao longo dos século XVII e XVIII, descritos no Códice CXXVI/2-21, que anexamos no presente trabalho (Anexo 7).

Imagem 25 – Armário Relicário da Sacristia



Fonte: Susana Coelho

Imagem 26 – Nicho com crucifixo do Armário Relicário da Sacristia



Fonte: Susana Coelho

Imagem 27 –Armário Relicário da Sacristia, lado esquerdo



Fonte: Susana Coelho

Imagem 28 –Armário Relicário da Sacristia, lado direito



Fonte: Susana Coelho

3.4 – A VIDA NO CONVENTO

Segundo a *Crónica dos Carmelitas Descalços*, os fundadores do Convento, como por exemplo Frei Jerónimo de S. Hilarião ou Frei António de S. Francisco, faziam então uma vida “ (...) *perfeitíssima cõ grande espirito, & alegria interior, espora & celestial rego das virtudes (...)*.”⁴⁶, com grande desprendimento das coisas materiais, muitos dias só tinham para comer um caldo de couves, passando por muitas privações. Procuravam o hábito mais velho e remendado, as alparcas deixadas por outros e até os próprios breviários eram deixados no Coro para que fossem de uso comum.

A contemplação era um dos novos carismas e preocupações da Ordem reformada pelo que o silêncio reinava tanto na Casa como na Igreja, “ (...) *callando aprendiam a falar bem (...)*”⁴⁷. Na clausura da cela, a que a Ordem obrigava, os Religiosos entregavam-se à oração com tal devoção que o Prelado sentia-se obrigado a moderar-lha para disporem do tempo necessário para a vida.

Na humildade e penitência muito se exercitavam e à limpeza da Igreja e adorno da imagem de Nossa Senhora dos Remédios tanto se dedicavam que a sua devoção crescia, devido à virtude e milagres a ela atribuídos.

D. Teotónio sempre se disponibilizava para toda e qualquer ajuda necessária à vida do Convento, dando-lhe sempre Médico, Botica, barbeiro e carne para os doentes.

A nobreza também ela os reconhecia, como era o caso dos Condes de Tentúgal e seus herdeiros que sempre lhes deram a lenha que o Convento gastava, Lourenço Mendes, natural de Gouveia, que morreu em Évora, deixou aos Padres 100 mil reis, Felippa Maya, mulher solteira que lhes deu umas casas para ajuda das obras do Convento e Manuel Martinz que para os mesmos deixou duas vinhas ⁴⁸.

⁴⁶ ANNA, Belchior de S., Pe. Frei - **Crónica de Carmelitas Descalços**. Lisboa: Oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1657. Tomo I, p. 344.

⁴⁷ Idem, p. 345.

⁴⁸ Idem, p. 343.

3.5 – A ORDEM RESIDENTE – CARMELITAS DESCALÇOS MASCULINOS

Imagem 29 – Símbolo Carmelita



Fonte: <https://www.google.pt/search?q=s%C3%ADmbolo+carmelitas+descal%C3%AD>

Segundo Lourenço a ordem dos Carmelitas data do século XII e surge quando S. Bertoldo, por inspiração de Elias, se dirigiu ao Monte Carmelo. Com o auxílio de seu primo, D. Aimerico de Antioquia, construiu uma capela junto da gruta de Elias, onde aos poucos o número de eremitas foi crescendo, vivendo separados uns dos outros procurando imitar o profeta Elias, no recolhimento e silêncio.⁴⁹

Elias não foi o fundador da Ordem, mas sim, modelo e pai espiritual.

Os Carmelitas adquiriram a Regra, através de Alberto de Jerusalém, em 1209, e com ela receberam a sua existência canónica, mas só em 1226, o Papa Honório III, em 30 de Janeiro, lhes deu a sua aprovação através da bula *Ut vivendi norman*.⁵⁰

A vinda para a Europa em 1237, não foi fácil devido às perseguições islâmicas, pelo que, em 1245 se celebrou o primeiro capítulo-geral em Aylesford sendo eleito prior-geral S. Simão Stock o qual iniciou uma nova vida na ordem carmelita. S. Simão Stock pensou na parte intelectual e cultural dos membros da ordem, sendo a ele que se deve a propagação da Ordem, o culto a Nossa Senhora, Mãe e Modelo da perfeição Evangélica, e a devoção do escapulário do Carmo.

⁴⁹ LOURENÇO, António de Jesus – **Carmelitas (Ordem do Carmo)**. In AZEVEDO, Carlos Moreira – Dicionário de História Religiosa de Portugal. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2000, p.294.

⁵⁰ Idem.

Em Portugal, é a partir de Moura, no século XIII, que os Carmelitas se vão irradiar, mas só no século XV, depois da construção do Convento de Nossa Senhora do Carmo em Lisboa, pelo beato Nuno Álvares Pereira, estes se desenvolvem. Para Lisboa vieram religiosos do Convento de Moura e em 1423 realiza-se o primeiro capítulo provincial em terras de Portugal, sendo eleito, o Dr. Frei Afonso Leitão. Elaboram-se os primeiros estatutos, aprovados em 1424, por D. João I, e inicia-se a construção de diversos conventos como o de Colares, Vidigueira, Beja, Évora e Coimbra.⁵¹

No século XVI, Santa Teresa de Ávila e S. João da Cruz reformularam a Ordem e criaram os Carmelitas Descalços, provenientes dos antigos Observantes, e os Carmelitas Calçados.

A espiritualidade dos Carmelitas Descalços e carisma são sobretudo a oração e o apostolado, vividos em comunhão fraterna ao serviço da Igreja. São uma ordem inteiramente Mariana. Maria não é somente Mãe e Senhora da Ordem, mas também modelo de oração e de sacrifício no caminho da fé.

4 – AS RELÍQUIAS, OS RELICÁRIOS E OS ARMÁRIOS RELICÁRIOS

Imagem 30 - Armário Relicário da Sacristia



Fonte: Susana Coelho

A certeza para o Cristianismo de que os homens e as mulheres ressuscitarão no fim dos tempos, incutiu nos cristãos, desde os primeiros séculos, grande apreço aos despojos mortais

⁵¹ Idem, p. 295.

dos Santos⁵² pelo que as suas relíquias garantem ajudas, proteção e intercessões, sendo por isso classificadas como verdadeiros tesouros. À sua volta geram-se promessas e ofertas que têm os seus momentos privilegiados nas peregrinações e nas doações. Do ponto de vista religioso, o contacto com a relíquia sagrada dava a garantia de uma graça ou a proteção espiritual de toda uma vida. Para as igrejas e cidades, o domínio de uma relíquia funcionava como um elemento de proteção e boa sorte e a peregrinação dos devotos significava o recolhimento de fartas arrecadações bem como o desenvolvimento do comércio local. Uma experiência de crescimento econômico acompanhava, sem dúvida, tais atos de fé.

A presença das relíquias foi essencial para definir locais de culto⁵³, pois desde o período inicial do Cristianismo e ao longo de toda a Idade Média o lugar onde a liturgia era celebrada era definido pela presença de relíquias.

A Igreja funcionava como relicário monumental para proteger os Santos que estavam nos altares e a exibição das relíquias necessitava de um suporte, os relicários. De variadas formas e cada um com a sua própria personalidade, os relicários tornam-se protagonistas no seu próprio direito. Os relicários que sobreviveram em abundância a partir do século XII, podem ser entendidos como capelas em miniatura, no modelo de altares portáteis concebidos como “imagens” do Sacro.

Voltando ao Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora, a Igreja possui nos seus altares laterais seis armários relicários, com quarenta e seis relicários fixos e mais cinco relicários móveis em talha dourada, de estilo barroco.

Na Sacristia do Convento de Évora existe um singular armário relicário datado de 1790, com quarenta e sete relicários, sobre o qual podemos certificar a sua construção no Anexo 8.

Estes armários relicários surgiram trazidos pelo culto das relíquias no design de decoração de altares, pois o culto de relíquias testemunhou um fervor tal que inspirou mesmo alguns arquitetos no design de interiores das Igrejas⁵⁴.

4.1 – INVENTARIAÇÃO DAS RELÍQUIAS EXISTENTES NO CONVENTO (IGREJA E SACRISTIA)

⁵² Santos são todos os que aceitam Cristo como seu salvador e seguem o seu caminho numa dedicação total a Deus.

⁵³ BAGNOLI, Martina *et al.* - **Treasures of Heaven: Saints, relics and devotion in Medieval Europe**. London: The British Museum Press, 2011, p. 99-112.

⁵⁴ Idem.

O Inventário da Arquidiocese de Évora ajudou-nos a criar a ficha de recolha de dados com vista à criação do inventário que elaborámos. Assim, durante as várias visitas efetuadas à Sacristia e Igreja do Convento fotografaram-se os conjuntos dos relicários, mediram-se, e fez-se uma ficha para cada um deles, conforme a que a seguir se exemplifica.

Ficha 1.b	
Título	Relicário de S. Lucio Papa e Mártir
Categoria	Artes Decorativas
Cronologia	Século XVIII
Designação	Objetos devocionais
Estado de conservação	Bom
Funções /Usos	Devocional
Inscrições	S. Lucio M.
Localização	Convento dos Remédios/Sacristia
Materiais	Madeira/Vidro
Medida da moldura	31 X 15 cm
Técnica da moldura	Talha
Descrição	Caixa de forma retangular na horizontal contendo relíquias [ossos] de S. Lucio encerrada por vidro com moldura delineada por curvas, e contra curva em SS.
Vida do Santo	Tendo ido S. Lucio a Cesarea de Cappadocia, em tempo de perseguição de Nero, reuniu os cristãos e animou-os a padecerem por Jesus Cristo. Descobertas suas intenções logo foi preso ele e seus companheiros. Como persistiram na confissão da fé foram todos degolados, conseguindo assim a coroa dos mártires.
Dia da Veneração	4 de Março
Origem Geográfica	Roma
Devoção	
Festas Locais	
Bibliografia	Anno Christão, Tomo Primeiro, pg. 399
Inventariante	Maria do Rosário Silva Alves Piteira Martins

A ficha foi dividida em duas partes, sendo a primeira relativa ao relicário e a segunda à relíquia nele contida.

Em anexo a este trabalho surge o Anexo A, no qual consta um ficheiro de tratamento de dados referente a:

-Ficha do arcaz da Sacristia;

-Armário relicário, no seu todo;

-Fichas referentes a cada um dos relicários e relíquias, quer da Sacristia, quer da Igreja.

Complementar à inventariação das relíquias e relicários fez-se um estudo pormenorizado sobre a vida dos santos mártires depositados na Igreja e Sacristia do Convento. Analisou-se a sua origem geográfica, cronologia e martírio através da consulta de diversa bibliografia (Martirologio Romano, Anno Christão, Leyenda Dorada e Enciclopédia Universal Ilustrada). Estudaram-se também os materiais construtivos dos relicários, qual a sua função, qual a técnica da moldura e época de construção. Como resultado final construíram-se as tabelas que a seguir se apresentam.

Tabela 2- Esquema da ocupação das relíquias nos Relicários do Altar lateral direito da Igreja

Altar lateral direito

1	2	3	S. Balbina M.			4	5	6
a)	a)	a)				a)	a)	a)
b)	b)	b)	S. Lúcio M		S. Apolónio M	b)	b)	b)
c)	c)	c)				c)	c)	c)
d)	d)	d)	S. <u>Esperidónio</u>			d)	d)	d)
		e)	S. Tito		S. Cláudio		e)	

Tabela 3 - Indicação das relíquias e correspondência com cada um dos relicários do altar lateral direito da Igreja

1.a) S. Clemente M.	4.a) S. Malco M.
1.b) St. António/Sta Benedita V.M.	4.b) Sem relíquia
1.c) S. Benedito M./S. Plurimorum SS. MM.	4.c) S. Quirino M./S. Crispo M./Sta. Balbina M.
1.d) S. Mário M./S. Primo M./S. Clemente M.	4.d) St. António
2.a) S. Exuperâncio M./S. Bartolomeu M./S. Crispo M./S. Claudio M.	5.a) Sem relíquia
2.b) S. Lúcio M.	5.b) Sta. Bazília M.
2.c) S. Conceffo M./S. Protázio M./S. Valério M.	5.c) S. Martinho M.
2.d) S. Conceffo	5.d) S. Clemente M.
	5. e) S. Martinha M.
3.a) S. Quirino M.	
3.b) S. Antigono M.	6.a) S. Caferio M.
3.c) S. Pro...	6.b) Sto. António M.
3.d) S. Bartolomeu M.	6.c) S. Primo M.
3. e) S. Claudio M.	6.d) Sem relíquia

Tabela 4 - Esquema da ocupação das relíquias nos Relicários do Altar lateral esquerdo da Igreja

1		2		
a)	b)	a)	b)	
	c)		c)	
d)	e)	d)	e)	
	f)		f)	
3 e 4		5 e 6		7

Tabela 5 - Indicação das relíquias e correspondência com cada um dos relicários do altar lateral esquerdo da Igreja

1.a) Sem relíquia	3. Sem relíquia
1.b) Sem relíquia	
1.c) Sem relíquia	4. S. Esperidónio M.
1.d) Sem indicação de nome	
1.e) Sem relíquia	5. Sem relíquia
1.f) Sem relíquia	
	6. Sem indicação de nome
2.a) Sem relíquia	
2.b) Sem relíquia	7. Cemet SsM
2.c) Sem relíquia	
2.d) S. Crispo M.	
2.e) Sem relíquia	
2.f) S. Valério M.	

Tabela 6 – Esquema da ocupação das relíquias nos Relicários da Sacristia

1	2	3	4	Altar	5	6	7	8
a)	a) d) g)	a) d) g)	a)		a)	a) d) g)	a) d) g)	a)
b)	b) e) h)	b) e) h)	b)		b)	b) e) h)	b) e) h)	b)
	c) f) i)	c) f) i)	c)		c)	c) f) i)	c) f) i)	c)

Tabela 7 - Indicação da relíquia e correspondência com cada um dos relicários da Sacristia

1. a) S. Crispim M.	4.a) S. Antigno M.S.
1. b) S. Lucio P.M.	4.b) S. Donato M.
2. a) Sem relíquia	4.c) S. Simeon M.
2.b) Sem relíquia	5.a) S. Fidele M.
2.c) Sem relíquia	5.b) S. Magno M.
2.d) Sem relíquia	5.c) Sem relíquia
2.e) Sem relíquia	6.a) S. Casferio M.
2.f) Sem relíquia	6.b) S. Theodulo M.
2.g) Sem relíquia	6.c) S. Hygino M.
2.h) Sem relíquia	6.d) Sem relíquia
2.i) Sem relíquia	6.e) Sem relíquia
3.a) S. Prudêncio M.	6.f) S. Claudio M.
3.b) S. Firmo M.	6.g) Sem relíquia
3.c) S. Malco M.	6.h) Sem relíquia
3.d) Sem relíquia	6.i) Sem relíquia
3.e) S. Mário M. / S. Gloriozo M.	6.j) Sem relíquia
3.f) S. Prodo M.	7.a) Sem relíquia
3.g) S. Jacio M.	7.b) Sem relíquia
3.h) S. Quirino M.	7.c) Sem relíquia
3.i) S. Dario M / S. Calixto M.	7.d) Sem relíquia
	7.e) MM. SS. MM
	7.f) Sem relíquia
	7.g) Sem relíquia
	7.h) Sem relíquia
	8.a) Sem relíquia
	8.b) S. Protazio M.

4.2 – ANÁLISE AOS DADOS RECOLHIDOS NA INVENTARIAÇÃO

Após pesquisa realizada sobre as relíquias, podemos constatar que todas elas são de mártires que sofreram martírios entre 64 e 304, perseguições decretadas pelos imperadores romanos, desde Nero, passando por Vespasiano, Adriano, Claudio II, Alexandre Severo e Décio, sendo a maioria do tempo do imperador Diocleciano.

Esta avaliação mostra-nos o longo período de insegurança que os cristãos sofreram sendo muitos os martirizados, mas a Igreja cresceu e as perseguições contribuíram para firmar a fé dos convictos e para espalhar a mensagem cristã até aos extremos do Império Romano.

Havia agora que certificar as relíquias.

Investigámos os relicários, onde nenhuma autêntica foi encontrada. Analisámos a documentação do convento onde encontrámos uma autêntica relativa a uma relíquia de Santa Teresa (Anexo 9) que foi transferida para o Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora, mas que hoje, infelizmente, já ali não se encontra.

Na consulta efetuada ao *Agiológico Lusitano* surge-nos a transferência de Roma para Évora, de dois crânios de Santos Mártires. Um de S. Lúcio Mártir e outro de S. Apolónio Mártir.

A referência à transferência para Évora destas relíquias, trazidas por D. José de Mello, Arcebispo de Évora, é reforçada pela *Crónica de Carmelitas Descalços*⁵⁵ a qual faz também alusão à chegada das mesmas ao Convento de Évora.

Apesar do enorme número de relíquias existentes no Convento de Nossa Senhora dos Remédios e embora nos tenhamos redobrado em longa pesquisa bibliográfica e documental apenas nos foi permitido confirmar a total veracidade sobre as duas relíquias acima referidas. No entanto, o seu poder foi suficiente para dar força às restantes ali depositadas, pois a muita devoção dos crentes, permitiu que todas elas, no seu conjunto, fossem sendo igualmente assumidas pela população.

Toda a força catequizadora das relíquias tornou o Convento em local de agregação social e urbana com enorme prestígio social, político e religioso.

A análise feita à vida de cada um dos santos mártires, cujas relíquias ali encontramos, permite-nos ainda dizer que a sua disposição nos relicários foi efetuada consoante o seu estatuto e prestígio social. Como exemplo, podemos apresentar o caso do Altar lateral direito da Igreja, na sua parte central, onde num plano superior encontramos as relíquias da Virgem e Mártir Santa Balbina e num plano inferior, S. Lúcio (Bispo e Mártir) e S. Apolónio (Senador Romano).

⁵⁵ SACRAMENTO, Frei João do – **Crónica dos Carmelitas Descalços Particular da Provincia de S. Filipe do Reyno de Portugal, e suas Conquistas**. Lisboa Occidental: Officina Ferreyrenciana, 1721, Tomo II, p.388.

Tal como as relíquias se encontram dispostas de acordo com o estatuto social do Santo a que correspondem, também as famílias de prestígio social mais relevante da cidade se encontram sepultadas na Igreja nas sepulturas mais próximas do altar-mor, consolidando uma prática de longa data em que se defendia que a proximidade dos Santos conduzia a uma mais rápida ascensão ao reino de Deus na hora da morte.

De seguida avaliou-se o local onde as relíquias se encontram e questionámo-nos sobre o porquê de um Armário relicário na Sacristia.

Examinámos então, para além da Sacristia do Convento em estudo nesta dissertação, as Sacristias da Igreja Matriz de Arraiolos (Imagens 31) e de Montemor-o-Novo (Imagem 32), as quais nos foram muito úteis em termos comparativos, e se revelaram muito esclarecedoras sobre a função que a Sacristia desempenhava, como espaço de reflexão e oração pré litúrgico.

Podemos então referir que o mobiliário existente apresentava muitas semelhanças entre todas as sacristias, existindo em todas elas um armário relicário com arcaz inferior, distinguindo-se apenas a Sacristia da Igreja de Arraiolos que apesar de possuir um arcaz, apresenta relicários móveis (Imagem 31).

Imagem 31 - Sacristia de Arraiolos



Imagem 32 - Sacristia da Igreja Matriz de Montemor-o-Novo



Fonte: Maria do Rosário Martins

A Sé de Évora foi também por nós visitada e tem representadas as suas relíquias na Capela das Relíquias organizadas e depositadas em armários relicários na forma de decoração de altares, assemelhando-se aos altares laterais da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, embora reunidos em capela fechada.

Em forma de conclusão podemos então dizer que a construção do armário relicário, na Sacristia do Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora, fortalecia uma prática e um prestígio de longa data, ou seja, a proximidade das relíquias favorecia a abertura das portas da eternidade, pelo que havia que edificar-se naquele local um suporte (armário relicário) com um número considerável de relíquias tão forte e dignificante quanto o estatuto social dos sepultados no local – família Maldonado, conforme podemos confirmar através do documento 6, anexo no final desta dissertação.

4.3 – CULTO DOS MÁRTIRES: SALVAÇÃO DAS ALMAS E PRESTÍGIO

A Igreja nos primórdios foi dominada pela “gesta do sangue”, instituindo-se o martírio um dado essencial do Cristianismo primitivo, considerando-se os mártires como imitadores de Cristo. O seu culto, no século IV, foi a primeira fase do culto dos santos.

Os cristãos principiaram por acolher os restos dos corpos dos mártires nas catacumbas ou nos martyria (edifícios funerários) e aí comemoravam o aniversário da sua morte. Realizavam ágapes funerários sobre os seus túmulos, ou seja,” (...) *depois de colocarem os alimentos sobre o túmulo e de recitarem as suas orações, levam-nos para os comerem ou mesmo distribuírem aos indigentes, desejando apenas santificá-los pelos méritos dos mártires em nome do Senhor dos mártires*”⁵⁶.

Durante a época paleocristã, os corpos dos mártires foram acolhidos nas basílicas, pelo que o costume de os cristãos se sepultarem *ad sanctos*, anexos ao túmulo dos mártires, se espalhou pelo Ocidente. Ser enterrado próximo a esses túmulos significava proteção para o momento do despertar, sendo esse pensamento fundamentado na crença de que os Santos possuíam lugar garantido no Paraíso.

Com o passar do tempo, e segundo Petruski,⁵⁷ em muitos desses lugares foram edificadas Basílicas, que para além da sua função religiosa serviam para albergar os mortos.

Assim, muitas igrejas foram sendo utilizadas como cemitérios, criando-se uma representação de sociedade em que coabitavam os vivos e os mortos. No entanto, nem todas as pessoas poderiam ser depositadas nesses locais, reservados apenas aos mais abastados e àqueles que

⁵⁶ BEIRANTE, Maria Angela - **Territórios do Sagrado: Crenças e Comportamentos na Idade Média em Portugal**. Lisboa: Edições Colibri, 2011, p. 77.

⁵⁷ PETRUSKI, Maura Regina (2006) - **A cidade dos mortos no mundo dos vivos – os cemitérios**, In *Revista de História Regional* [em linha] <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2232/1714>, (18.03.2014).

possuíam influência na sociedade local, o que podemos confirmar através do levantamento efetuado sobre os sepultados no Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora.

A difusão da doutrina do Purgatório provocou a criação de sufrágios, os quais se traduziam em orações, missas pelos defuntos e esmolas para a salvação das almas as quais tinham como finalidade o seu repouso e a redução do rigor do Julgamento Divino. Os intercessores no Céu eram os santos, enquanto na terra estavam os clérigos que celebravam as missas.

Os homens e as instituições religiosas tinham por hábito celebrar o aniversário da morte dos santos, cujos nomes se encontravam registados nos martirologios, pelo que se passou também a incluir nestes registos os nomes dos membros defuntos da comunidade religiosa e a partir do século XI, os dos seus beneficiadores.

Em Portugal, e concretamente em Évora, conservaram-se muitos documentos necrológicos como são exemplo os *Livros de aniversários da Sé de Évora*, códice CEC4-XV/XIX, ou o *Livro das Capellas do Collegio de N. Senhora dos Remédios de Carmelitas Descalços da Cidade de Évora*, Códice CXVI/2-20.

O cuidado em preservar e manter estes registos parte da necessidade de se manter o compromisso perpétuo, assumido pela instituição, de rezar “até que o mundo durar” como é referido em muitos dos Legados do Convento de Nossa Senhora dos Remédios, Códice CXXVI/2-20, da Biblioteca Pública de Évora, por alma dos seus benfeitores. Esta necessidade deve-se ao aumento de doações *pro anima* e da generalização dos testamentos a favor de Igrejas e Mosteiros. Então, criam-se obrigações de ambas as partes, os fiéis legam determinados bens e a instituição contemplada compromete-se a concretizar os sufrágios por alma dos doadores.

Através da análise efetuada aos testamentos encontrados e dirigidos ao Convento em estudo podemos afirmar que os sufrágios se traduziam na fundação de Capelas e Legados para os quais se dispunham importantes rendimentos, sendo o dote das primeiras superior à dos segundos.⁵⁸

4.4 – SIGNIFICADO DE RELÍQUIA

As relíquias são corpos ou parte deles, da Virgem, de Cristo e de Santos, de roupa ou outros objetos de que eles se serviram em vida ou que se santificaram pelo seu contacto. Podem

⁵⁸ BEIRANTE, Maria Angela - **Territórios do Sagrado: Crenças e Comportamentos na Idade Média em Portugal**. Lisboa: Edições Colibri, 2011, pg. 82.

variar desde relíquias com grande valor económico até aquelas a que apenas nós atribuímos valor, o afetivo. Todas elas garantem ajudas, proteção e intercessões, sendo por isso classificadas como verdadeiros tesouros. À sua volta geram-se promessas e ofertas que têm os seus momentos privilegiados nas peregrinações e nas doações.

Durante a Idade Média, a expansão do cristianismo impulsionou várias experiências de fé. No tempo dos primitivos cristãos e no final da época romana as vidas exemplares e histórias de mártires multiplicaram-se. Elas eram ouvidas e vivenciadas como prova da verdadeira vida cristã.

Em paralelo com a força desses relatos, os objetos e partes do corpo desses cristãos santificados transformavam-se em alvo de uma calorosa veneração. Tais relíquias agiam como a grande comprovação material de todo o sofrimento e desapego das personagens que simbolizavam o universo cristão. Ao longo do tempo, tais objetos sagrados atraíam milhares de peregrinos que, levados pela estima de uma parcela sagrada, realizavam doações aos cofres da Igreja.

Desde o início do Cristianismo e ao longo da Idade Média o local onde se celebrava a liturgia era condicionado pela presença de relíquias.

A presença de relíquias sagradas provocava peregrinações e esmolas, enriquecendo as Igrejas e as cidades ao mesmo tempo que criava centralidades e focos de poder. Assim, a sua descoberta anunciava várias tensões e negociações entre Roma e a procura de afirmação dos poderes locais a partir dos bispos e arcebispos.

Nesta altura, a edificação de uma Catedral era financiada através de donativos e a importância e capacidade de atrair fiéis de uma diocese era dependente da quantidade e qualidade das relíquias que eram exibidas para veneração.

Através da Conferência *Construção e Patrimonialização de Artigos Religiosos – A Relíquia*⁵⁹, podemos perceber que as relíquias foram classificadas pela Igreja Católica em três classes. A primeira classe refere-se a partes do corpo de um santo (ossos, unhas, cabelo, etc.), a segunda, no tocante a objetos pessoais (roupa, um cajado, pregos da cruz, etc) e a terceira que inclui pedaços de tecido que eventualmente tenham tocado o corpo do santo, ou no relicário.

O crescente valor atribuído às relíquias levou à exaltação dos objetos ou locais onde estas estavam depositadas, os relicários, construções secundárias cuja razão de ser era a relíquia.

⁵⁹ SBARDELLA, Francesca. **Construção e Patrimonialização de artigos religiosos: A relíquia**, Évora, 2012. Universidade de Évora, 2012.10.12.

Variados em forma e cada um com a sua própria personalidade tornaram-se protagonistas no seu próprio direito.

Ao significado da relíquia era acumulado o do relicário, que muitas vezes persistiu como imagem visível, como aspeto exterior, sobre o pequeno resíduo corporal ou objeto que constituía a relíquia.

4.5 – VALOR ESPIRITUAL E PRESTÍGIO DA RELÍQUIA

No Concílio de Trento, na sua sessão XXV, nº 984,

“ (...) manda o Santo Concílio a todos os bispos, aos encarregados do ensino e aos que mantém cura, que instruem diligentemente os fiéis, sobretudo no que diz respeito à intercessão e invocação dos Santos, à veneração das suas Relíquias e ao uso legítimo das Imagens, segundo o costume da Igreja Católica recebido dos primórdios do Cristianismo (...).”⁶⁰.

Esta resolução surge como resposta aos calvinistas sobre a aversão destes à veneração das relíquias e ao culto das imagens.

Ao contrário de outros países da Europa, em Portugal verificou-se um rápido estabelecimento das medidas conciliares, pensa-se que talvez devido ao facto do Cardeal D. Henrique, especialmente depois de ter tomado posse do episcopado de Évora (1541) tentar ser zeloso e cuidadoso na sua missão. As determinações chegam a Portugal em 1564, durante a regência de D. Henrique e logo segundo Serafim ⁶¹ são publicados em latim e em português “*Decretos e Determinações do Concílio Tridentino que devem ser notificados ao povo*” bem como o *Index Librorum Prohibitorum*, que também é vertido para vernáculo, pois estava-se numa luta para divulgar e aplicar nova doutrina.

Como na época a cidade vivia um período de grande desenvolvimento e poder económico, social e religioso, devido à presença da corte por longos períodos na cidade, à criação da Universidade, à presença do tribunal do Santo Ofício, à forte influência da Companhia de Jesus, e à multiplicação dos conventos, havia razões para que se vivesse um profundo fervor religioso, revitalizando-se o culto da relíquia, como meio de publicitar e propagandar o projeto do Concílio e mobilizar a população para a prática fervorosa da fé.

⁶⁰ Concílio Ecuménico, Trento, 1563 - **Sessão XXV Celebrada no tempo do Sumo Pontífice Pio IV**. Igreja Católica [em linha] <http://agnusdei.50webs.com/trento30.htm>, (04.09.2014).

⁶¹ SERAFIM, João Carlos (2001) - **Relíquias e propaganda religiosa no Portugal pós-tridentino**. In *Via Spiritus*. [em linha] ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3495.pdf, (20.01.2014).

D. Teotónio (século XVI) trouxe relíquias para a cidade, política seguida por D. José de Melo (século XVII) que segundo a *Crónica dos Carmelitas Descalços*, Capº. XXV, conduziu de Roma para Portugal muitas e notáveis relíquias enriquecendo assim vários tesouros, como o Mosteiro das Chagas de Vila Viçosa, a Santa Sé de Évora e o Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora. Diz-se então que para o Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora foram trazidas algumas relíquias que

“ (...) não bastando a Capella do Oratório da Sacristia para recebellas em nichos distintos, occupados de meyo corpos, braços, & pyramides, se juntaram as menos insignes em duas urnas, forradas de chamalote carmesi, cô pregaria dourada, que na Igreja se conservam na Capella do Senhor Jesus, onde nos dias festivos se expõem ao povo. Precededo hum acto jurídico do seu valor, ordenado a fazer authentica a sua certesa, as recebo solenemente a Comunidade cantando o *Te Deum laudamus* em acçam de graças; com a qual pompa se lhe deu a primeyra veneração publica neste Reyno. Realçam entre as mais a cabeça de S. Lucio, Bispo & Mártir, Discipulo de Christo Senhor nosso; & a de Santo Apollonio Martyr, Senador de Roma. Faz-se comemoração anual da primeyra, aos 28 de Abril; & da segunda, aos 18 do mesmo mez, dias em que o Convento reza de ambas com rito dupez.”⁶²

Também o *Agiológico Lusitano* nos indica que três corpos de santos foram trazidos por D. José de Melo para o Convento das Chagas de Vila Viçosa, entre eles, S. Clemente B & M., e S. Hilário com solene procissão e pompa⁶³, dando assim às igrejas uma visão de *opus antiquitatis*, ou seja, de monumentos, conforme o conceito defendido por Baronio de *restauro storico*.

Para além do valor espiritual e religioso da relíquia, como elo de intimidade entre o crente e a realidade espiritual, a incorporação de tão grande quantidade de relíquias na Igreja do Convento de Évora, correspondia à ideia de construir uma cidade tendo como modelo a Roma cristã.

A santidade da Igreja primitiva era fator de agregação religiosa e de consolidação da Igreja triunfante da Contra-Reforma.

A presença das relíquias no Convento contribuiu, para que este se transformasse num local de peregrinação e de relevância para a cidade, fortalecendo-se os vínculos gregários já existentes entre a Ordem Carmelita Descalça Masculina residente, e a cidade.

⁶² SACRAMENTO, João do, - **Crónica dos Carmelitas Descalços Particular da Província de S. Phillippe do Reyno de Portugal, e suas Conquistas**. Lisboa Occidental: Officina Ferreyrenciana, 1721, P. 387-388, Tomo II.

⁶³ CARDOSO, Jorge – **Agiológico Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas**, Edição Fac-similada, Porto, MMI, 1657, Tomo II, P.56 e 189.

CAP. II – AS RELÍQUIAS E A VIDA POLÍTICO-RELIGIOSA DA CIDADE

1 – PAPEL DAS RELÍQUIAS NA VIDA POLÍTICO INSTITUCIONAL DA CIDADE

Nos finais do século XVI, Portugal vivia uma situação política instável. Évora era uma cidade que passara por várias situações de crise, quer do ponto de vista militar quer do ponto de vista político. A cidade, adotou o seu papel de destaque na epopeia da Restauração, desde o preâmbulo das Alterações de Évora, em 1637⁶⁴, até ao desenlace de Montes Claros, em Junho de 1665.

Perante a notícia vinda de Ceuta, a 11 de Agosto de 1578, sobre o desfecho sangrento do embate entre as forças portuguesas e marroquinas nas margens do rio Lucus e que nada acrescentavam sobre o paradeiro do rei D. Sebastião, levanta-se uma enorme ansiedade.

⁶⁴ Os tributos levados a cabo pelos governos filipinos ultrapassaram certos limites, pelo que o povo unido aos estratos privilegiados, também eles já alvo de vários tributos, perde o medo e quando o Corregedor, André Morais de Sarmento, tentava negociar com o juiz do povo, Sesinando Rodrigues, a quota-parte que a cidade de Évora tinha a pagar sobre um donativo de 500 000 cruzados exigidos a todo o reino para promover a recuperação do Brasil, estalou uma explosão de raiva popular que obrigou à fuga do magistrado, não lhe poupando contudo o assalto a casa e a destruição do recheio. De seguida destruíram-se os registos fiscais, saquearam-se os cartórios públicos e libertaram-se os presos. Uma assembleia tomou conta do governo da cidade enviando decretos, cartas e manifestos, assinados por Manuelinho, um demente a quem não podiam ser pedidas responsabilidades e que escondia os nomes de jesuítas e nobres inimigos de Espanha.

As Alterações de Évora, não rebentaram por geração espontânea, refletem sim o descontentamento de um País, e como tal acabaram por se propagar a cerca de setenta lugares do Alentejo, ao Algarve, Ribatejo, Norte do País e Ponta Delgada. REIS, Sebastião Martins dos. - **Vida Seiscentista Eborense: Visitas reais e festas universitárias**. A Cidade de Évora. Boletim da Comissão Municipal de Turismo. Évora. Nº 41-42.(1959), p.91-105.

D. Henrique, a 28 de Agosto, foi jurado e aclamado rei na Igreja do Hospital de Todos os Santos.

Elevado ao trono com 66 anos, e com consciência da pesada herança que recebia, esforça-se por determinar dois grandes problemas: o resgate dos cativos e a sucessão do trono.

Para o resgate dos cativos, abriu mão de todos os meios financeiros possíveis, ao que se juntaram ajudas vindas de algumas casas nobres mais abastadas que recorriam a empréstimos de judeus para repatriar os seus familiares.

Quanto ao problema sucessório, procurou também D. Henrique resolvê-lo de forma a salvaguardar a independência nacional, contudo não o conseguiu. Como se sabe, perante os vários herdeiros de D. Manuel o que reunia melhores condições para assumir a coroa portuguesa era D. Filipe, rei de Espanha.

Filipe II manteve então o Tribunal da Inquisição como força de poder.⁶⁵.

O sentimento religioso traduzia-se na guarda dos dias santos, com a realização de atos de culto nas igrejas da respetiva invocação ou em solenes procissões de que participava a gente das terras.

Com o poder atribuído às relíquias pelo Concílio de Trento os católicos mostraram-se mais dedicados que nunca ao seu culto.

Os inúmeros corpos encontrados nas catacumbas de Roma foram reconhecidos pelo Papa como santos, aos quais atribuiu autenticidade e disponibilizou as suas relíquias para diversos locais, como foi o caso de Évora.

Durante o decurso do século XVI, associado à chegada das relíquias, surgiram diversas festas urbanas, com bastante ostentação, como sucedeu com a entrada das relíquias de S. Lúcio e S. Apolónio na cidade de Évora. No Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora a comunidade ao receber as relíquias passou a fazer comemoração anual de S. Lucio (28 de Abril) e de S. Apolónio (18 do mesmo mês), dias em que o Convento rezava “*com rito duplex*”.

⁶⁵ A inquisição atuava como uma verdadeira polícia de investigação, polícia secreta, mas a estes poderes juntava os poderes de tribunal secreto, que se erguia acima de todos os outros tribunais e a cuja devassa nada nem ninguém escapava nem os próprios mortos. Todo aquele que vacilava nas ideias ou no culto que o Estado sustentava tornava-se automaticamente sujeito de rebelião. As dúvidas ou “crimes” contra o culto único tornavam-se crimes contra o Estado, o tal braço secular do poder eclesial. COELHO, António Borges. - **Inquisição em Évora**. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

A realização destas procissões, cheias de aparato e ornato, permitiam enquadrar a procissão como uma manifestação de importância e de significado artístico. Tratava-se de exibir o melhor, o mais rico e mais ostensivo.

A importância das relíquias na vida política e institucional da cidade é bem ilustrada pelas descrições de visitas “*ilustres*” às catedrais. Na Sé de Évora, as relíquias do Santo Lenho e do Santo Espinho eram adoradas e beijadas⁶⁶ por reis e príncipes, quando passavam pela cidade.

Como exemplo podemos citar a visita de Filipe II a Évora, em que o cortejo teve a primeira paragem na Catedral, onde à porta o esperava o arcebispo D. José de Melo acompanhado pelo cabido, dando-lhe logo ali à entrada o Santo Lenho a beijar. Este retrato revela-nos primorosamente o estatuto social do alto clero. É o rei que vai à catedral ter com o arcebispo e com o clero capitular e não são estes que, como outras figuras, o vão receber às portas da cidade.

As cerimónias tinham, portanto, um papel que ia muito além do religioso. Elas contribuía para a estabilidade política e para que a importância social do clero saísse reforçada, justificando privilégios e rendas.

Assim, a coroa dispôs que se fizessem procissões e outros atos de devoção em dias santificados. Honrar, louvar e glorificar a Deus e aos Santos, eram as principais razões para a realização destas procissões, rituais onde a comunidade cristã participava espontânea e voluntariamente devido à necessidade que tinha de cimentar crenças, obter proteção divina e alcançar a salvação das almas.

De facto, as procissões na época moderna tinham como cenários ideais as cidades, como epicentro a igreja e a praça onde esta se inseria e envolviam um percurso previamente definido o qual era percorrido por uma massa humana em movimento pelas principais artérias e que se preparavam a rigor para estas ocasiões.

Também o culto de certas tradições locais se traduzia num benefício para as terras e num motivo de prestígio para as suas gentes, o qual se representava na afluência deromeiros em

⁶⁶ “*Geralmente as relíquias eram dadas a beijar pelo arcebispo ou, na sua ausência por um membro do cabido, enquanto o régio ou nobre devoto se ajoelhava. Atos de fé e devoção, mas também de submissão ao poder da Igreja, que contribuía para o reforço da autoridade dos seus membros, nomeadamente aos olhos da restante população.*”. SILVA, Hugo Ribeiro da - **O Clero Catedralício Português e os Equilíbrios Sociais do Poder, (1564-1670)**[em linha] <http://books.google.pt/books?id=we6uAQAQBAJ&pg=PT37&lpg=PT37&dq=%22refor%C3%A7o+da+autoridade+dos+seus+membros%22&source=bl&ots=JEO12MAOyc&sig=FB2kLZ36apr1Pa7AytD94LrdeYA&hl=pt-PT&sa=X&ei=BjMoVJzAMMuwggShn4LQBQ&ved=0CB8Q6AEwAA#v=onepage&q=%22refor%C3%A7o%20da%20autoridade%20dos%20seus%20membros%22&f=false> (28.09.2014)

dias festivos, como era o dia 27 de Outubro em Évora, em que se celebrava o martírio dos irmãos Vicente, Sabina e Cristeta, ocorrido em 303, quando da vinda à Península Ibérica do governador Daciano ⁶⁷.

2 – O PAPEL DAS RELÍQUIAS NA VIDA POLÍTICO-RELIGIOSA DO CONVENTO

No século XVI a mentalidade das sociedades europeias teve repercussões no campo religioso. Com o fortalecimento das monarquias vai-se difundindo a ideia, por parte de alguns Monarcas, de que a Igreja interferia excessivamente no poder político.

Diante dos movimentos protestantes a Igreja criou um amplo movimento de moralização do clero e de reorganização das estruturas administrativas da Igreja Católica (Contra-Reforma) tendo em vista deter o avanço do protestantismo. Um conjunto de medidas foram tomadas, entre elas: criação da Ordem Jesuíta, convocatória para a realização do Concílio de Trento e restabelecimento da Inquisição.

No Concílio de Trento definiu-se que as imagens sacras serviam para “*anatemizar os principaes erros dos hereges do nosso tempo*” pelo que se procurou que a sua representação funcionasse como combate à heresia iconoclasta do calvinismo e de uma confirmação do sentido tradicional do culto.

As imagens sacras eram intermediárias de fé e a sua representação em locais de culto foi defendida no Concílio, bem como representações de Cristo e da Virgem, reforçando o seu papel salvífico.

D. Teotónio em Évora, à semelhança do Cardeal Baronio em Roma, e da sua política de recuperação dos templos paleo-cristãos e de lugares tradicionais de culto de relíquias⁶⁸, tentou dar ao Convento de Évora um sentido religioso de reafirmação do culto primitivo, agora mais renovado, fortificado e com grande florescimento religioso e institucional, arquitetónico e urbanístico.

As regras para a construção de edifícios religiosos e do restauro de locais de culto eram concebidos através de programas funcionais com definição prévia do *modus aedificandi* tendo por princípio a instrumentalização dos modelos da antiga arquitetura paleocristã ou medieval,

⁶⁷ FRANCO, António, Pe. – **Évora Ilustrada: Extraída da obra do mesmo nome do Pe. Manuel Fialho**. Évora: Edições Nazareth, 1945. p. 38-39.

⁶⁸ SERRÃO, Vitor.- **Impactos do Concílio de Trento na Arte Portuguesa entre o Maneirismo e o Barroco (1563-1750)**, p. 103-132 [em linha][https://www.academia.edu/6567577/Impactos_do_Conc%C3%ADlio_de_Trento_na_arte_portuguesa_entre_o_Maneirismo_e_o_Barroco_1563-1750_\(21.02.2015\)](https://www.academia.edu/6567577/Impactos_do_Conc%C3%ADlio_de_Trento_na_arte_portuguesa_entre_o_Maneirismo_e_o_Barroco_1563-1750_(21.02.2015)).

pelo equacionamento de modelos da “memória histórica” (caso da planta basilical, preferida à centralizada) e pela informação histórico-arqueológica dos sítios.

Os princípios baronianos, seguidos por D. Teotónio e pelo Cardeal D. Henrique, logo após as determinações do Concílio de Trento chegarem a Portugal, em 1564, demonstram uma enorme preocupação com a formação cristã coletiva, com o ensino da doutrina às crianças, o recurso à pregação, o convite à frequência dos sacramentos e revelam-se no Convento nas diferentes formas de arte e de culto ali presentes.

Assim, perante a situação que se vivia em Portugal o Cardeal D. Henrique compreendeu que não bastava a divulgação de decretos para cristianizar, instruir e lutar contra a ignorância dos fiéis, era necessário sim mobilizar as massas. A alternativa que melhor lhe pareceu, para cumprir o decreto sobre as relíquias e as imagens, foi a de promover o património hagiográfico que Portugal possuía.

Na Igreja do Convento em estudo, e segundo o Inventário do Convento de 1878, existente no Arquivo Municipal de Évora, representaram-se os Santos da Ordem Carmelita. Nossa Senhora do Carmo, que apareceu a S. Simão Stock, Prior Geral da Ordem dos Carmelitas, ao qual a Santíssima Virgem entregou o Escapulário Carmelita; S. José, S. Elias, inspirador da Ordem Carmelita; Santo Cristo, exemplo de vida que os Carmelitas tentam seguir; S. Patrício, bispo, missionário e fundador de inúmeros conventos; e Santa Teresa de Ávila (Santa da Contra Reforma, promotora da renovação da Ordem) ligada à aristocracia, pois a sua ascendência remonta a D. Sancho, Rei de Castela e Leão⁶⁹.

Quanto às relíquias existentes na Sacristia do Convento de Nossa Senhora dos Remédios e na Igreja, funcionavam como meio de difundir o projeto do Concílio. O valor exemplar das relíquias funcionava como meio de catequização e de reforma de costumes. Ao mesmo tempo que criavam uma maior proximidade entre a comunidade e a sociedade, permitindo levar a cabo a missão a que o Cardeal se propunha.

Assim, o Convento transformava-se num local de peregrinação e de relevância para a cidade, fortalecendo-se os vínculos gregários já existentes entre a Ordem Carmelita Descalça Masculina residente, e a cidade.

⁶⁹ Filha de D. Alonso Sánchez de Cepeda cuja mãe, D. Inês de Cepeda, descendia de Vasco Vázquez de Cepeda, que combatera sob as ordens de Afonso XI, no cerco de Gibraltar. O pai, Juan Sánchez de Toledo, obteve carta de nobreza em 1500. O pai de Sta. Teresa e os irmãos obtiveram carta de nobreza em 1523 recuperando assim, os privilégios e isenções perdidos na rebelião das “Comunidades” contra Carlos V. Ufanava-se a família de Santa Teresa, pelos seus dois lados, da “limpeza de sangue”, ou seja sangue sem mancha de impureza moura ou judaica. A mãe de Santa Teresa, D. Beatriz Dávila y Ahumada, filha das mais antigas e nobres famílias de Ávila e herdeira de considerável fortuna descendia por parte da mãe dos ilustres Ahumadas, heróis das cruzadas contra os Mouros, e dos Tapias. WALSH, William – **Teresa de Ávila**. Lisboa: Editorial Aster, 1961, p. 9-10.

O importante número de relíquias, trazidas de Roma por D. José de Mello, não só a cabeça de S. Lucio e S. Apolónio mas “ (...) *outras veneráveis relíquias, as quais alcançou em a Romana Curia*”⁷⁰, ou as relíquias de D. Teotónio, as quais são referidas no inventário sobre os bens do convento de 1663, anexo neste trabalho (Anexo 10), permitiram que o Convento mantivesse para além de uma relação mais próxima com a sociedade (garantindo ajudas, proteção e intercessão junto do poder divino,) que através dessa crença, se instituíssem capelas, legados e testamentos, fazendo chegar ao Convento muitas e avultadas quantias, permitindo que o seu património crescesse (Anexo 11) e que a Ordem se pudesse afirmar socialmente.

Estas esmolas assumiam-se como fundamentais para os melhoramentos e obras necessários. Um exemplo a considerar, poderá ser o caso da esmola dada por Álvaro de Miranda Anriques em 1612, de 200 mil reis para as obras da Igreja (Anexo 12).

A presença das relíquias de S. Lúcio (Bispo) e de S. Apolónio (Senador Romano), figuras simbólicas na constituição da Igreja primitiva, pilares religiosos, ideológicos e sociais da Ordem e do seu carisma político-religioso, permitem-nos ainda fazer o entrosamento entre o poder espiritual e o poder temporal. A combinação destes dois poderes contribuía em muito para a afirmação da Ordem Carmelita como também para a estabilização da sociedade do ponto de vista social, cultural e político numa época de tão grande perturbação social.

2.1 – GRUPOS SOCIAIS DAS FAMILIAS SEPULTADAS NO CONVENTO

2.1.1 – NA IGREJA

A partir do século IV, os locais de enterro das comunidades cristãs obtiveram carácter público e as Igrejas passaram a organizar os enterros, excluindo a interferência das cidades e dos governos.

Na segunda metade do mesmo século, começou a trasladar-se relíquias de mártires para as Igrejas das cidades. Face ao desejo de muitos cristãos serem enterrados próximo dos mártires, as basílicas tornam-se grandes cemitérios cujo solo era coberto por sepulturas. Ser enterrado junto aos memoriais dos mártires beneficiava o morto pela proximidade com o Santo. É, então, após essa data que se conhecem os primeiros exemplos de enterramentos *ad sanctos*⁷¹.

⁷⁰CARDOSO, Jorge - **Agiologia Lusitano**. Edição fac-similada. Porto: MMII, 1657. Tomo II, p. 622.

⁷¹ Quanto mais próximo do altar principal- do cenário principal da Igreja- o indivíduo fosse sepultado, maior importância social teria tido em vida, conseqüentemente, maiores privilégios teria a sua alma além Mundo. GONÇALVES, Simone Corrêa - **Sepultamento Ad Sanctos na Matriz Curitibana: Divisão Social no Espaço**

Por volta do ano 900 surgiram os primeiros regulamentos que permitiram o enterro dos mortos junto a uma Igreja. O enterro em Igrejas foi assim um facto quotidiano ao longo da Idade Média.

A Igreja do Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora, logo após a sua sagração em 1614, começou também a ser utilizada como cemitério, conforme se comprova pelo códice CXXVI/2-21, da Biblioteca Pública de Évora. Na sua folha de rosto explica a forma de organização das sepulturas, sendo que

“ (...) a primeira hé aq está junto ás grades no canto da pte. do Sto. Cristo de sorte que contando desse canto até o da pte. de Sta. Anna são sete contando-se a do meio, o que não serve e principia-se segunda vez a contar da mesma parte do Sto. Xpo. outras sete e assim vai continuando (...)”.

A representação das sepulturas é descrita na página anterior à folha de rosto do códice acima referido e que exemplificamos na Imagem 33.

Imagem 33 – Descrição da disposição das sepulturas na Igreja do Convento



Fonte: Maria do Rosário Martins

Pela relevância desta informação fizemos o levantamento documental das pessoas/mortas sepultadas na Igreja do Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora. Posteriormente introduzimos essa inventariação num ficheiro em Acess. A partir da análise e do cruzamento dos dados foi-nos possível estabelecer diversas ilações.

- Primeiro, perceber que o Convento tinha ligação com a nobreza e com os grupos mais elevados da cidade.

No que ao clero respeita, tal está devidamente comprovado pelo facto de acolher o Arcebispo da Cidade, D. José de Melo, Padroeiro do Convento, sepultado na parede do Evangelho da Igreja.

Outros membros do Clero ou seus familiares (o agregado familiar era entendido de forma ampla incluindo parentes, criados e outros trabalhadores) foram também aqui sepultados como é o caso da irmã do Padre Frei Domingos dos Remédios na sepultura 32; na sepultura 39 o Reverendo Padre José Roiz António, Secretário do Santo Ofício e na sepultura 51, o criado do Senhor Arcebispo.

A nobreza, encontra-se representada por D. Constantino de Bragança, filho de D. Jaime de Bragança, IV Duque de Bragança e de D. Leonor de Mendonza, cujo túmulo está situado na parede fundeira, do lado do Evangelho. Na sepultura 1 estão duas crianças filhas de D. Duarte de Macedo Taveira Sottomaior Castro e Sylva. Na sepultura 5 está D. Antónia Francisca de Tovar e Gongra, mulher de Felipe Freire de Andrade, Condes de Bobadela e na sepultura 7 estão dois filhos de Christovão de Brito Bandeira Maldonado, Visconde de Montalvo. Na sepultura 10 Catherina Ramalha, donzela, e na sepultura 16, um moço de D. Maria de Mendonça.

Quanto aos militares, outra classe com grande representatividade em termos de enterramentos, constatamos na sepultura 1, D. Maria Cintroa, enteada do Capitão António Telles Monteiro. Na sepultura 8, está Bartholomeu Pimentel, sobrinho do Brigadeiro António Monteiro. Na mesma sepultura encontra-se ainda o Sargento-mor Caire, falecido a 28 de Setembro de 1813, que segundo as informações recolhidas se pressupõe ter servido o exército aquando das invasões francesas em Évora. Na sepultura 50, encontramos o soldado Manuel Barros, sepultado em dia de Reis de 1666, eventualmente militar durante as guerras da Restauração.

Comprovamos, ainda, que aqui está sepultado um elevado número de pessoas que desempenhou cargos sociais relevantes na cidade, como, o Meirinho, o Provedor, o Escrivam dos Casamentos, o Almojarife, Médicos, Professor Régio, Organista, Músico, Mestre de obras, Arquitecto, Escultor.

O facto do protetor do Convento ser o Arcebispo D. Teotónio de Bragança, membro da Casa de Bragança, reforçou a ideia que havíamos pré-concebido relativamente à ligação às classes sociais mais prestigiadas e até mesmo à Casa Real Portuguesa.

- Em segundo lugar, através da localização de cada uma das sepulturas e do conhecimento dos seus ocupantes, compreendemos que efetivamente os grupos sociais com mais estatuto e prestígio se encontram mais próximo do altar-mor. Encontrando-se primeiro o clero, seguido pela nobreza, os militares, ou aqueles que em vida desempenharam cargos sociais relevantes.

Foi-nos ainda dado apreender que as famílias sepultadas eram naturais não só de Évora, mas também de Viana, Arraiolos, Montemor e Monsaraz.

A descrição de militares aqui sepultados criou-nos alguma apreensão sobre qual poderia ser a sua ligação aos diferentes conflitos militares vividos pela cidade (Guerras da Restauração ou Invasões Francesas). Deste modo, procurou-se aferir através da data da sua morte qual a data do seu nascimento. Porém, não nos foi possível, uma vez que nos Livros de Registo de Óbitos de todas as Freguesias da cidade de Évora, e não só da Freguesia da Sé de Évora à qual pertencia o Convento dos Remédios, depositados no Arquivo Distrital de Évora, nada consta sobre os indivíduos enterrados na Igreja do Convento dos Remédios⁷². Face a esta incógnita consideramos que muitos destes sepultados poderiam ser indivíduos que pertenceram à Ordem Terceira, pois segundo a *História da Ordem do Carmo em Portugal*, a Ordem em Évora teve a sua origem em 1691 e nela serviam as pessoas de maior distinção da cidade⁷³.

Esta constatação revelou-se de uma extraordinária importância, que no entanto precisa de maior comprovação documental, pois a verificar-se que os sepultados nos Conventos não eram registados nos Livros de Óbitos da respetiva Freguesia por já terem sido registados nos livros do Convento, os estudos sobre demografia devem passar a ponderar este facto e estas situações.

2.1.2 –NA SACRISTIA

O culto dos Santos Mártires, cujos restos mortais – as relíquias – possuíam uma eficácia sobrenatural, eram os garantes na terra, do Santo que vivia no Céu. Bispos, como Santo

⁷² O que seria possível desde que no enterramento destes indivíduos fosse paga a Quarta Canónica ou Funerária (importância paga ao “*Parocho do defunto, quando elle morre na sua Freguesia, e vai a enterrar fora della*”) à Freguesia de origem. SOUSA, Joaquim José Caetano Pereira e - **Esboço de hum Dicionario Jurídico, Theoretico, e Pratico, Remissivo às leis Compiladas e Estravagantes**. Lisboa: Typografia Rollandiana, 1827, p. 78.

⁷³ VELASCO BAYON, Balbino - **História da Ordem do Carmo em Portugal**. Lisboa: Paulinas, 2001, p. 567.

Ambrósio de Milão, ou D. José de Melo em Évora, procuraram os corpos dos Mártires para os transferirem, com grande pompa, para dentro das Igrejas.

Assim, D. José de Melo ao trazer as cabeças de S. Lúcio e S. Apolónio para Évora cujo destino era a Sacristia do Convento dos Remédios, procurou obter a proteção espiritual das novas relíquias, para as almas dos seus benfeitores e peregrinos, e ao mesmo tempo o poder que elas podiam trazer à sua nova Igreja.

Como a sociedade da altura era muito preocupada com a salvação das almas e crente de que o enterramento o mais próximo possível do altar-mor, ou das relíquias, aumentava as hipóteses de proteção do defunto, a maioria dos testadores indicou com exatidão o sítio onde desejava repousar.

Muitos testadores escolhiam ser inumados em Capelas para que pudessem preservar o seu espaço, marcar a individualidade do seu corpo, muito para além das fronteiras do tempo, pelo que os fiéis particularmente privilegiados pela sua fortuna puderam construir um espaço consagrado por relíquias e reservado à inumação de um grupo limitado de defuntos, as Capelas.

Como exemplo do que acabamos de referir, podemos dizer que várias foram as Capelas e Legados instituídos também no Convento dos Remédios. Entre elas damos primordial relevância à instituída por D. João Maldonado, descendente de um familiar do Santo Ofício (Anexo 13) e membro da nobreza portuguesa - “*Capela do Oratório da Sacristia*”, sobre a qual surge em 1825, a decisão capitular para que pessoa alguma não seja sepultada na sacristia que não seja da família de D. João Maldonado,⁷⁴ conforme atrás referimos.

D. João Maldonado, membro da nobreza, queria ser considerado social e moralmente ao mesmo nível dos mártires depositados no armário relicário da Sacristia, construído em 1790, embora os primeiros membros da família Maldonado tenham sido sepultados no ano de 1710, pelo que assumiu a conservação da Capela (ele e seus sucessores) para que nela se pudesse celebrar o Santo Sacrifício da Missa.

Decisão que fora efetivamente cumprida e que podemos comprovar pelo ficheiro em Acess (Anexo B), apenso a este trabalho, elaborado a partir do Códice CXXXVI/2-21.

⁷⁴ Filho de D. José Maldonado de Azevedo da Gama Lobo e de sua mulher D. Josepha Umbelina do Carmo de Mendonça Furtado e fora quarto neto, por parte de sua terceira avó D. Brites da Gama Lobo, de Afonso Mendes Lobo, cavaleiro da Ordem de Cristo e 1º Governador da praça de Olivença depois da aclamação do senhor rei D. João IV. BAENA, Augusto Romano Sanches de; BAENA, Farinha de Almeida Sanches de (1872) - **Archivo heráldico-genealógico contendo notícias histórico heráldicas**. [em linha] <http://books.google.pt/books?id=D8sqAAAAMAAJ&pg=PA304&dq=gama+lobo&hl=pt-PT&sa=X&ei=PKFKU60vsZnQBZaDgbgP&ved=0CE0Q6AEwBg#v=onepage&q=gama%20lobo&f=false>, (14.06.2014).

2.1.3 – NO CLAUSTRO

O Claustro desenvolvido ao longo da Idade Média, deve a sua criação às necessidades de retiro e organização das comunidades religiosas com caracter contemplativo. Fechados ao mundo constituíam-se em “*ciadelas*” auto suficientes onde o claustro, simbolizando o próprio isolamento, fazia as vezes de Praça pública. À sua volta dispunham-se as principais dependências, incluindo a Igreja e a Sacristia (Imagem 34); através das suas galerias processava-se o acesso a todas as zonas do conjunto construído e, no terreiro aberto, reproduzia-se um pouco da natureza exterior⁷⁵.

Imagem 34 – Porta da Igreja (esquerda) e da Sacristia (direita) no claustro



Fonte: Susana Coelho

O claustro do convento (Imagem 35) em estudo, levantado nos princípios do século XVII, compõe-se de cinco tramos com arcos de volta inteira e pilastras de granito, em planta quadrangular suportando uma abóbada de penetrações. As celas dos monges, no primeiro andar deitam para a quadra, conforme nos revela a planta de 1719 que apresentamos na Imagem 36, planta mais antiga referente ao Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora. No centro ergue-se o tanque e fonte da Água da Prata, de mármore branco de Estremoz, que foi inaugurado em Dezembro de 1619, por anel concedido pelo rei Filipe III de Espanha⁷⁶.

⁷⁵ PEREIRA, José Fernandes, dir. - **Dicionário da Arte Barroca em Portugal**. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 121.

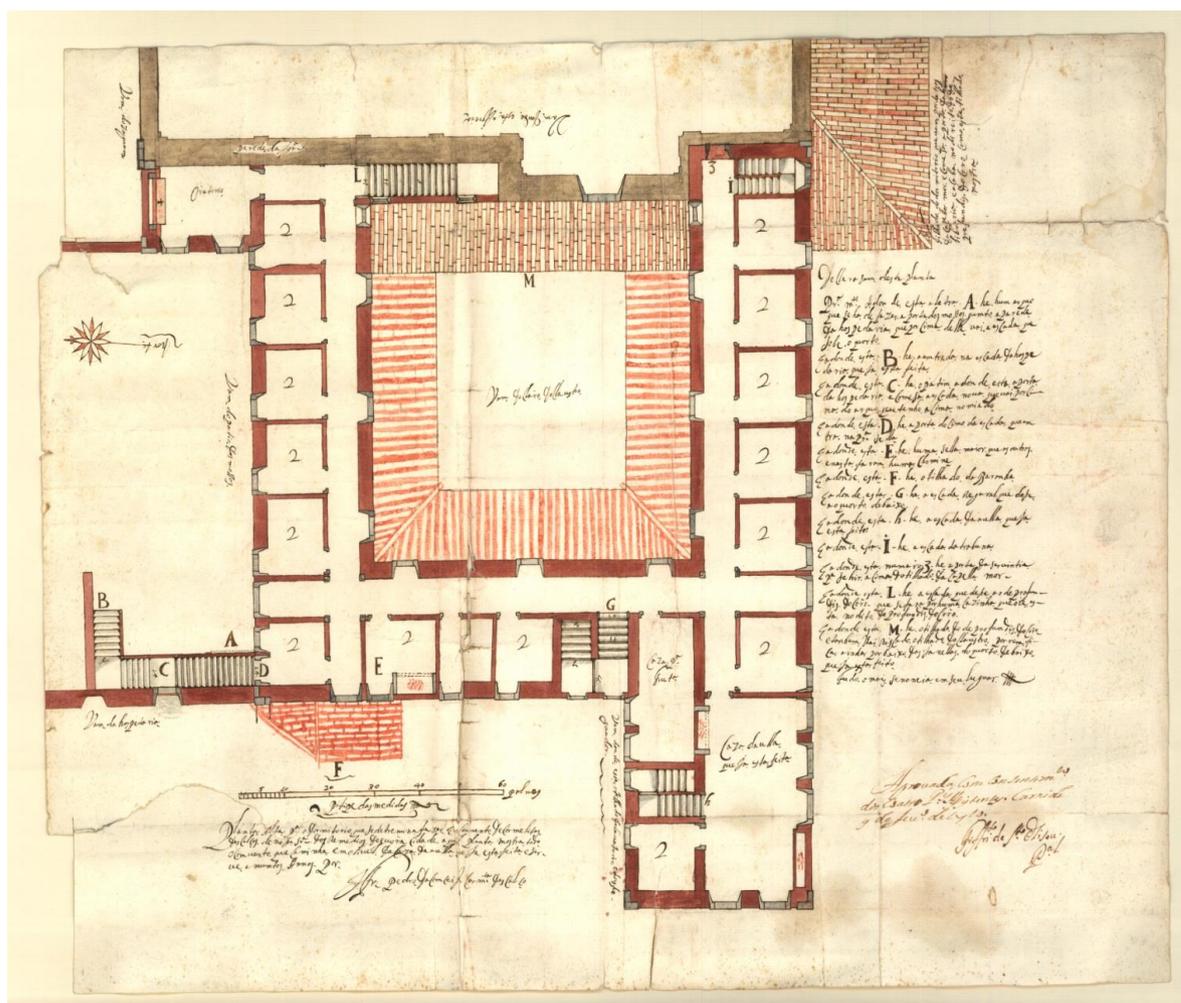
⁷⁶ ESPANCA, Túlio - **Inventário Artístico de Portugal**. Lisboa: Academia Nacional das Belas-Artes, 1966, p.317.

Imagem 35 – Claustro do Convento



Fonte: Filomena Monteiro

Imagem 36 - Projeto para ampliação da área de construção. Piso superior (1719)

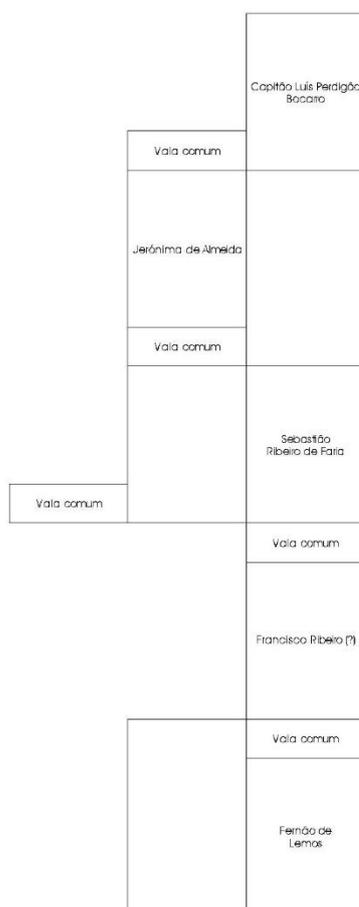


Fonte: GUERREIRO, Celeste Maria Tomé – **Valorização Patrimonial da Cerca do Convento de Nossa Senhora dos Remédios em Évora**. Évora: s.e., 2010, (Tese de Mestrado), Pg. 52.

O claustro, local de enterramento mais barato, porque mais afastado da igreja e do altar-mor é também preferido por algumas dignidades.

No pavimento, feito com lajes de pedra e de placas de ardósia, existem cinco campas tumulares brasonadas, de mármore e granito, onde jazem alguns varões seiscentistas (Imagem 37), entre os quais, Capitão Luis Perdigão Bocarro e esposa, Izabel Pereira Soto; Sebastião Ribeiro de Faria, Cavaleiro Professo do Hábito de Cristo e esposa; Francisco (?) Ribeiro; Fernão de Goes de Lemos e mulher, D. Jerónima de Almeida. Encontram-se ainda duas sepulturas sem inscrição e cinco valas comuns.

Imagem 37: Planta das sepulturas existentes no Claustro do Convento



Fonte: Maria do Rosário Martins

A morte refletia-se na arte funerária conforme a cultura e a mentalidade. O cristão preparava-se através de uma conduta moral irrepreensível e pelo arrependimento, instante supremo do seu caminho terrestre, mas o desejo de perpetuar na lembrança dos vivos a memória do que foi neste mundo fá-lo preocupar-se com o local e a forma da sua sepultura. Silenciadas as

últimas homenagens dos contemporâneos cabe à sepultura recordar aos vindouros a passada grandeza do seu ocupante⁷⁷.

2.1.4 – BRASÕES

D. Afonso V, classifica os fidalgos por duas ordens, tendo cada uma três graus: Primeira Ordem, moço fidalgo, fidalgo-escudeiro e fidalgo-cavaleiro; Segunda Ordem, moço de câmara, escudeiro-fidalgo e cavaleiro-fidalgo. Mais tarde estas categorias reduzem-se a duas: fidalgo-cavaleiro e moço-fidalgo. Às seis categorias correspondiam diferentes “moradias” (pagas anuais conforme os serviços ou a sua categoria).

A partir de D. Manuel a nobreza toma o carácter de palaciana e a sua influência na administração da Índia foi uma das causas da decadência do domínio português e na crise de 1580, mostrando-se, em grande parte, venalíssima. Desta atitude se salvou chamando para si os riscos da Restauração.⁷⁸

Associado aos conceitos de nobreza, fidalguia e cavalaria, está a heráldica e o papel do arauto (herald).

A heráldica originou-se na Europa no século XII e desenvolveu-se nos dois séculos seguintes até se converter numa disciplina intelectual e artística.

A linguagem utilizada pela heráldica é francesa e o vocabulário dizia respeito à forma como se procede à composição de um brasão de armas,

“ (...) seus formatos e proporções, as partições e subpartições do campo (os diferentes fundos do escudo, que podem ser partidos, talhados, esquartelados, franchados em pala ou em mantel) sobre os quais se colocam as chamadas peças honrosas do brasão (por exemplo faixa, banda, aspa, bordadura, etc.), as cores e matizes (que em heráldica têm o nome de metais –ouro e prata – e esmaltes – azul, verde, preto ou púrpura) e, por fim, as peças móveis, que podem ser figuras e divisas de toda a espécie (animais reais ou fabulosos – como grifos, unicórnios, dragões – plantas, arvores, castelos, utensílios variados, muitas vezes com alusão ao nome de família em forma de trocadilho, como “águia” para Aguiar). Os ornatos exteriores obedecem também a regras complicadas para a inserção de elmos fechados ou

⁷⁷ PEREIRA, José Fernandes, dir. - **Dicionário da Arte Barroca em Portugal**. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p.502.

⁷⁸ ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins - **Armorial Lusitano: Genealogia e Heráldica**. Lisboa: Edições Zairol, 2000, p. 9-16.

*abertos, coroas, coronetes e chapéus eclesiásticos, de acordo com a classe, a dignidade e a função hierárquica do indivíduo (desde rei, príncipe, duque, conde, etc. até abade, cardeal, bispo ou arcebispo) e o aditamento de suportes, tenentes, ornatos, pavilhões ou tarjas aos brasões de família, ou seja, símbolos usados em caso de grande honraria, como esteios para o escudo.”*⁷⁹

Os filhos mais novos e os ramos colaterais também têm brasões mas “*diferenciados*”.

No Convento dos Remédios de Évora também existem sepulturas com brasões (Imagens 38 a 41), e podemos referir que se enquadram nas características descritas.

Assim, segundo Zuquete⁸⁰ sabemos que o Capitão Bocarro, capitão de cavalos do terço de Évora, era pertencente à melhor linhagem portuguesa; Sebastião Ribeiro de Faria, cavaleiro da Ordem de Cristo e Fidalgo da Casa dos Condes de Vimioso, era descendente das mais antigas famílias de Portugal⁸¹, existindo já no tempo de D. Afonso Henriques e Francisco Ribeiro, ilustre e antiga família, provém do Rei D. Fruela II⁸². Quanto à família Perdigão já existia no reinado de D. João I e os Lemos são originários dos reis de Leão.

Observados os brasões correspondentes a cada uma das sepulturas podemos aferir que:

- A sepultura de Francisco Ribeiro (1612) apresenta armas de Ribeiro, plenas, com elmo e paquife, sendo o timbre de Ribeiro um Lírio.
- A sepultura de Fernão de Lemos (1623) apresenta armas de Lemos, plenas, com paquife e virol. O timbre de Lemos costuma ser uma águia com uma caderna do campo no peito, aqui, no entanto temos uma ave, que não parece águia, e sem a caderna de crescentes no peito. Será talvez uma diferenciação.

⁷⁹ LOYN, H. R., org. - **Dicionário da Idade Média**. [em linha] <http://books.google.pt/books?id=GW7rdO83gykC&pg=PA190&dq=bras%C3%B5es&hl=pt-BR&sa=X&ei=Yt4EVOySI6PC0QXxo4HoAQ&ved=0CDIQ6AEwBA#v=onepage&q=bras%C3%B5es&f=false>, (01.09.2014).

⁸⁰ ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins - **Armorial Lusitano: Genealogia e Heráldica**. Lisboa: Edições Zairol, 2000, p. 102, 206 e 472.

⁸¹ Processo de habilitação “de genere” para admissão de Prima Tonsura e Ordens Menores. PT/ADEV/FE/DIO-CEEV/A/002/01073. [em linha] <http://digitarq.adevr.arquivos.pt/details?id=1005953> (01.09.2014).

⁸² D. Fruella II, foi Rei de Leão e Galiza e reinou pelo ano 924, terceiro filho de Afonso III das Astúrias. SOUSA, António Caetano – **História Genealógica da Casa Real Portuguesa, desde a sua Origem até o Presente**. Lisboa Ocidental: Officina de Joseph António da Sylva, 1735, p. 425] em linha] <https://books.google.pt/books?id=JwdYAAAACAAJ&pg=PA389&dq=fruela+II&hl=pt> (23.03.2015).

- A sepultura de Sebastião Ribeiro de Faria (1673) com escudo partido de Faria e Ribeiro, elmo, paquife e virol e timbre de Faria. Ribeiro apresenta alguma diferenciação quer no número de palmas quer no campo e nas faixas.
- A sepultura de Luis Perdigão Bocarro (1644) apresenta escudo esquartelado de Perdigão e Pereira Soto. Com elmo, paquife e virol e timbre de Perdigão. O curioso são as armas assumidas de Pereira Soto, apresentando uma variante de Pereira, onde a cruz surge sobreposta a um escudete, e à qual foi amputado o braço à sinistra.
- A sepultura de D. Jerónima de Almeida (1666), mulher de Fernão Goes de Lemos, com elmo, paquife e virol e timbre de Goes, apresenta brica, como diferença, fazendo pressupor a eventual concessão de uma Carta de Brasão de Armas.⁸³

Imagem 38: Sepultura de individuo de apelido Ribeiro

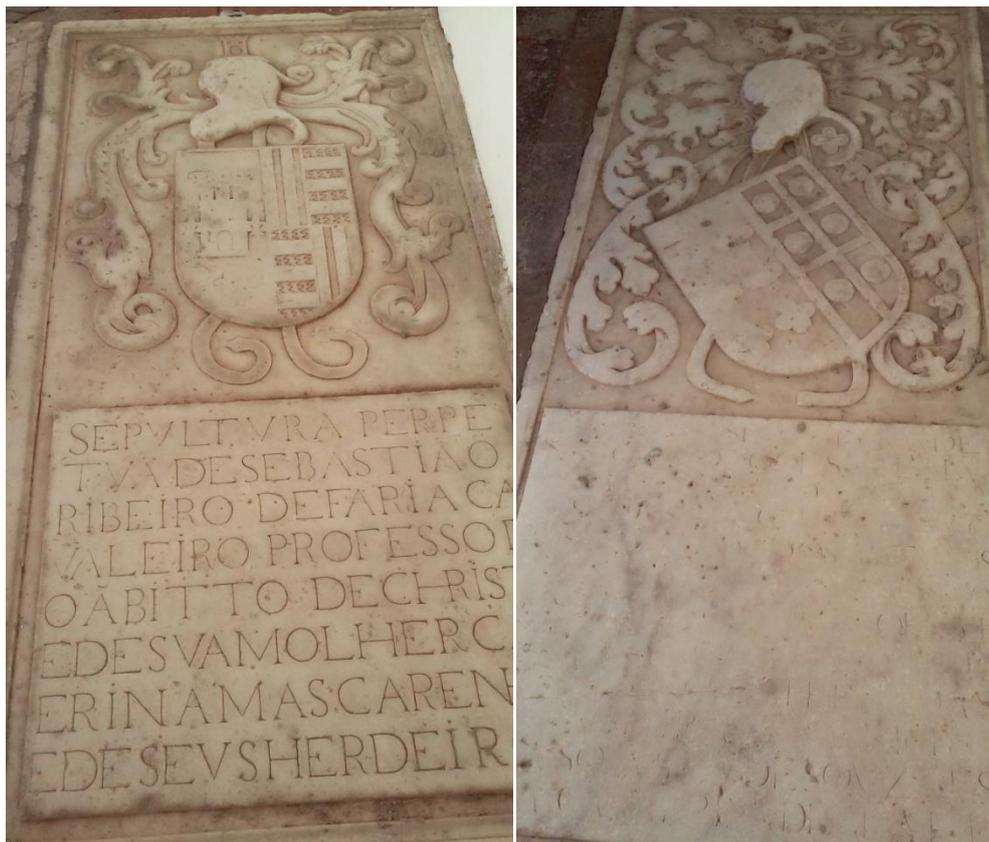


Fonte: Rosário Martins

⁸³ Informação retirada de placard instalado no próprio claustro do Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora., a publicar na Revista “Raízes e Memórias” nº31 (no prelo) e confirmada pelo próprio autor (António Rei).

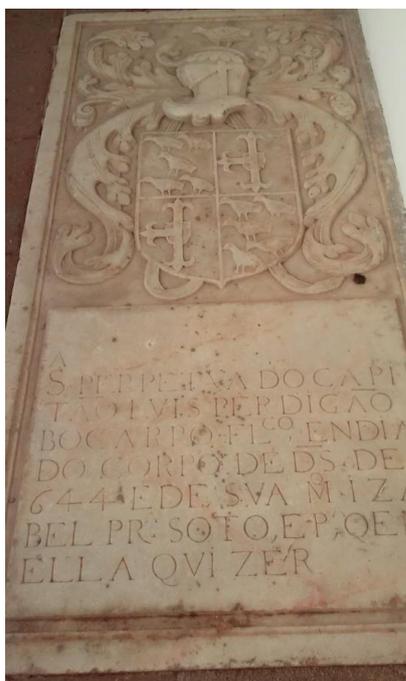
Imagem 39 - Sepultura de Seb. Ribeiro de Faria

Imagem 40 - Sepultura de Jerónima de Almeida



Fonte: Rosário Martins

Imagem 41 - Sepultura de Luis Perdigoão Bocarro e esposa (Brasão dos Soto)



Fonte: Rosário Martins

2.2. – DOAÇÕES

2.2.1 – CAPELAS E LEGADOS

Capela é, “ (...) *uma instituição de origem medieval que, tendo como objetivo uma finalidade religiosa – o bem da alma – implica um objetivo laico: a vinculação de um dado património a quem estiver nas condições de fazer cumprir as cláusulas religiosas preceituadas no compromisso.*”⁸⁴

A instituição de capelas e legados, remete-nos para as convicções religiosas e para a visão da morte. Tendo em conta a brevidade da vida e tendo temor ao Juízo Divino, os instituidores de capelas tentavam isentar em vida as suas culpas para que ao chegar ao Céu tudo fosse louvado.

A fundação de Capelas apreendia dois objetivos aparentemente contraditórios:

- o bem da alma, em termos de compromisso religioso,
- o assegurar de um destino adequado aos bens do defunto.

Contudo ambos são indissociáveis, dado que o objetivo leigo dependia obrigatoriamente do religioso e vice-versa. Atribuir uma propriedade a um certo administrador era uma forma de assegurar que a mesma ficaria na família, ou pelo menos, na posse de pessoas a ela ligadas; a posse de bens permitia custear os sufrágios.

A entrada definitiva no reino do Céu só se concretizava se no mundo terreno houvesse também quem a proporcionasse.

Assim sendo, havia que proporcionar aos mosteiros e igrejas, instituições que têm como missão interceder junto de Deus através de orações e missas, certos bens terrestres.

Existe na Biblioteca Pública de Évora um livro dos legados instituídos no Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora, códice CXXVI/2-20, *Livro das Capelas do Collegio de N. Senhora dos Remédios de Carmelitas Descalços da Cidade de Évora*. São cerca de trinta e cinco legados (Anexo 14). Da sua análise constatamos que os bens vinculados são na sua maioria rendas em dinheiro variável⁸⁵, certamente consoante a capacidade económica ou a generosidade do doador.

⁸⁴ BEIRANTE, Maria Ângela - **Territórios do Sagrado: Crenças e Comportamentos na Idade Média em Portugal**. Lisboa: Edições Colibri, 2011, p. 35.

⁸⁵ A maior verba é a de Cecília Ignácia dos Santos Amaral, no valor de 739 mil reis.

Quanto às datas especialmente escolhidas para celebração das missas a favor dos defuntos, são determinadas pelo costume ou devoção do instituidor pelo que a mais importante era o dia de Todos os Santos, seguido do oitavário do Natal.

O legado com maior rigor de exigências nos serviços religiosos é sem dúvida o da Rainha D. Luiza Francisca de Gusmão em que se exigia missa cantada no dia de Santa Teresa, permanência de um religioso sempre em oração por suas Majestades, aplicação de todos os jejuns, disciplina, horas de oração da comunidade, e os mais exercícios espirituais todas as sextas feiras do ano. As mesmas exigências foram até alvo de Decreto efetuado por Frei Tomaz de S. Cirylo, em 1642.

Ordenando os trinta e cinco legados, de acordo com o sexo do fundador, podemos verificar que, o primeiro lugar pertence aos homens, Gráfico nº 1, sendo a residência dos instituidores, de um modo geral, a cidade de Évora.

O estatuto social predominante dos fundadores dos Legados do Convento, numa primeira observação parece ser o clero, no entanto, se contabilizarmos os valores da nobreza e o dos “sem indicação”, obtemos uma percentagem superior, pelo que concluímos que o maior contribuinte do Convento eram as outras classes sociais. Podemos fazer esta análise através do Gráfico 2, por nós elaborado.

Gráfico nº1: Instituidores de Legados

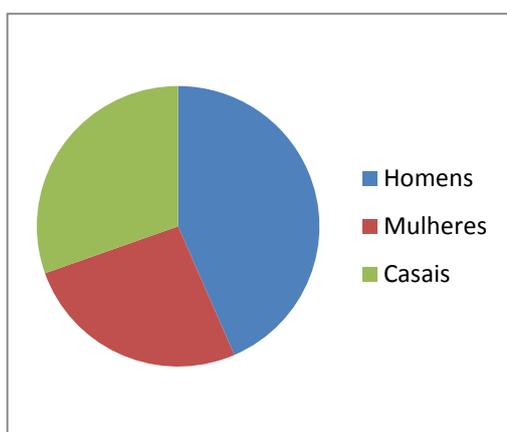
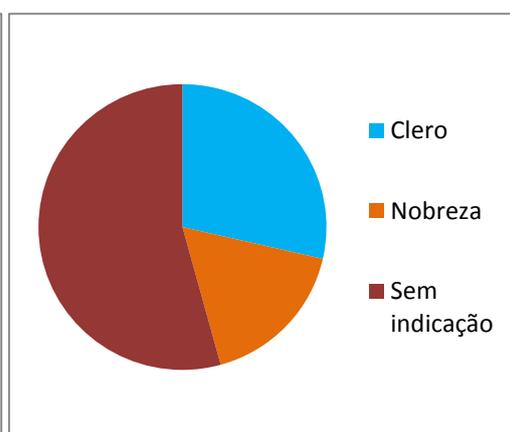


Gráfico nº2: Grupos Sociais



Fonte: Maria do Rosário Martins

Perante a avaliação dos dados fornecidos pela tabela por nós elaborada, Anexo 14, podemos ainda acrescentar que houve um maior número de instituições de Capelas nos primeiros anos de criação do Convento, entre 1603 e 1606 (4 Capelas), existindo depois um interregno até 1625. Nos anos trinta e quarenta de seiscentos apenas são instituídas três Capelas e surge nova suspensão até 1660.

Entre 1660 e 1698 foram fundadas 10 Capelas e surge novo intervalo.

Só voltam a ser constituídas novas Capelas em 1716, com Manuel dos Santos Amaral, sendo a última instituição em 1740, quando Diogo Passanha Falcão faz uma doação de dez mil e quinhentos reis ao Convento, para que fossem rezadas 10 missas anuais pela sua alma.

Não podemos esquecer aqui também a Capela instituída na Sacristia do Convento, por D. João Maldonado, já atrás citada.

Pudemos ainda acrescentar que existia forte ligação à Casa de Bragança, pois a própria Rainha Dona Luísa Francisca de Gusmão, possui uma Capela no Convento Carmelita de Évora, passando pelos dois Arcebispos da cidade (D. Teotónio e D. José de Mello), quatro membros do clero, três da Inquisição e outros elementos pertencentes a grupos sociais elevados (Desembargador do Conselho da Fazenda Nacional da Cidade de Évora, Médico, Capitão, Vinhateiro).

A análise dos legados também nos mostra a ligação do Convento aos grupos de prestígio da cidade, e de uma forma especial a ligação de membros da inquisição ao Convento.

2.2.2 - TESTAMENTOS

A preocupação com a vida de além-túmulo, tão bem incutida pela Igreja, durante a Idade Média, foi reforçada mais tarde, convencendo que a salvação passava pela redação da sua última vontade. A preocupação de não morrer sem ter expresso a última vontade instalou-se de tal forma nos espíritos católicos que a partir do século XVI, poucos eram os que morriam sem deixar escrito o seu testamento. Era o momento em que prevalecia o individualismo, em que o próprio decidia a sua passagem para a outra vida.

A garantia de alcançar uma vida serena após a morte é aludida como o principal objetivo de criação dos testamentos, ainda adquirida em vida através de um compromisso contraído perante terceiros.

Os testamentos eram o ato preparativo da morte, ao serviço do qual o testamenteiro se proponha fazer o seu ato de última vontade e no qual era estipulado um administrador, habitualmente pessoa próxima do defunto, não de menor importância, pois cabia-lhe, na terra, assegurar o bem-estar do morto no céu. Ao administrador cabia-lhe zelar pela perpetuação dos encargos estabelecidos.

Do conjunto dos testamentos eventualmente deixados ao Convento só encontramos sete⁸⁶, todos do século XVIII.

Os testamentos apresentavam-se divididos em:

- Prólogo, que incluía a saudação (sinal da cruz) e identificação do testador (nome, estado e residência),
- Preâmbulo religioso com a encomendação, invocação, considerações sobre o estado de saúde, considerações sobre a vida e a morte, finalidade e razão do testamento.

De seguida determinavam-se as disposições espirituais ou bem da alma com a escolha da mortalha e do lugar de sepultura, indicação do acompanhamento ou constituição do cortejo fúnebre, determinação do número de ofícios e missas a realizar com as respetivas intenções, custos de cada uma das cerimónias, legados de caridade e legados religiosos.

Terminada a parte religiosa iniciavam-se as disposições materiais ou herança com a enumeração dos herdeiros e legatários, atribuição do terço, repartição da herança, pagamento e cobrança de dívidas, reserva de usufrutos, estipulação de encargos e pensões, nomeação do testamenteiro. Para finalizar enumeravam-se as testemunhas, o escrivão, o lugar da redação e a data.

2.2.3 – MISSAS PELAS ALMAS

A preocupação com a salvação da alma não acontecia apenas na hora da morte, acompanhava o indivíduo ao longo da vida, e a Igreja tentava desenvolver essa fé. O próprio Concílio de Trento estipulou na sua XXV sessão que “ (...) *existe Purgatório e as almas detidas nele recebem alívio com os sufrágios dos fiéis e em especial com o aceitável sacrifício da missa*”⁸⁷.

Os “*Exercícios Espirituais*”, publicados em 1548, por Santo Inácio de Loyola, destinavam-se a fazer o homem “ (...) *abandonar longe de todas as afeições desordenadas e, ...buscar e*

⁸⁶ Os sete Testamentos encontram-se depositados no Arquivo Distrital de Évora, estando cinco inventariados com as seguintes referências:

Testamento de Duarte Lobo da Gama, 1722, PT/ADEVR/COLTEST/02749

Testamento de Maria Joaquina da Gama Lobo, 1739, PT/ADEVR/COLTEST/03453

Testamento de Maria Josefa da Gama Lobo, 1759, PT/ADEVR/COLTEST/04215

Testamento de Pedro Lobo da Gama, 1769, PT/ADEVR/COLTEST/04661

Testamento de Teresa Maria da Gama Lobo, 1778, PT/ADEVR/COLTEST/04843

Os restantes dois testamentos não se encontram ainda inventariados e foram encontrados numa pasta referente à Provedoria das Comarcas de Évora e Estremoz. Dizem respeito às últimas vontades de Catherina Rodrigues e de Cecília Ignácia do Amaral.

⁸⁷ Concílio Ecuménico, Trento, 1563 – **Sessão XXV Celebrada no tempo do Sumo Pontífice Pio IV**. Igreja Católica [em linha] <http://agnusdei.50webs.com/trento30.htm> (04.09.2014)

encontrar a vontade divina na disposição de sua vida para a salvação da alma”⁸⁸. Estes exercícios tinham como objetivo auxiliar o penitente no processo de salvação.

A absolvição dos pecados era possível através da caridade, e mais particularmente através de missas por “tensão”, celebradas pela alma do fiel ou de seus familiares.

As missas por nós analisadas originadas de deliberações dos fiéis, e que se identificam como celebrações de missas perpétuas, celebradas por alma do próprio ou de familiares, associadas à instituição de capelas e legados, definem-se como um encargo de celebrar periodicamente uma ou mais missas em certa altura, Igreja ou altar fixo, dispendo para isso de rendas provenientes de determinados bens doados com a condição de se fazer cumprir essa mesma obrigação, como podemos constatar nas tabelas por nós criadas e expostas no Anexo 14.

Do ponto de vista do direito eclesiástico, segundo Chahon⁸⁹ essa instituição de capela ou legado, pode ser entendida como um tipo particular de fundação ou legado pio, na medida em que a obrigação que acompanha o recebimento dos ditos bens se acha ligada, no todo ou em parte, a um destino religioso específico, escolhido entre outros possíveis.

A celebração da missa relembra o indivíduo por quem a diz e por quem ouve não o deixando cair no esquecimento. No entanto, a instituição de missas não estava ao alcance de todos, mas apenas daqueles situados no topo da pirâmide social e constituía um elemento de avaliação das capacidades económicas dos crentes e de mostra pública de diferenciação social.

⁸⁸ LOYOLA, Santo Inácio (s.d) - **Os Exercícios Espirituais**. In ABREU, Jean Luiz Neves. *Morte Barroca e Cristianização. As estratégias da Igreja Tridentina em Minas Gerais no século XVIII*. [em linha] http://www.ichs.ufop.br/lph/images/stories/1997_-JEAN_LUIZ_NEVES_ABREU.pdf (17.08.2014).

⁸⁹ CHAHON, Sergio - **Os convidados para a ceia do Senhor: As missas e a vivência leiga do Catolicismo na cidade do Rio de Janeiro e arredores (1750-1820)**. S. Paulo: Editora da Universidade de S. Paulo, 2008, p. 223.

CAP. III- O SENTIDO PATRIMONIAL DAS RELÍQUIAS HOJE

Finalmente nesta terceira e última parte, tendo por base a documentação, o estudo e o conhecimento que desenvolvemos sobre o Convento, apresentamos de um modo sistemático e didático as principais conclusões, de forma que o público em geral possa ter uma nova visão do Convento.

1. DA EXTINÇÃO DO CONVENTO À ATUALIDADE: BREVE CRONOLOGIA

Após a extinção das ordens religiosas, através do artº 1º da Lei de 30 de Julho de 1839⁹⁰, a Rainha Dona Maria II concedeu à Câmara Municipal de Évora a Igreja e a Cerca do extinto Convento dos Remédios para estabelecimento do Cemitério Público.

Criado o Cemitério e instalado o serviço administrativo que lhe é anexo no piso térreo, o resto do edifício funcionou durante bastantes anos como Abegoaria Municipal ou arrumação do Serviço de Trânsito do Município, sem que nenhuma função específica lhe fosse atribuída.

Em Junho de 1978, em reunião de Câmara, a edilidade eborense toma a decisão de recuperar o edifício, no entanto, havia que decidir qual a função a atribuir-lhe. Várias foram as decisões:

- 1979, Victor Figueiredo, a pedido da Câmara, apresenta proposta para Projeto de Hospedaria para visitantes ou convidados da Autarquia ou de outras Instituições;
- 1981, o Serviço de Arqueologia do IPPC pede cedência do edifício para instalação do Centro de Conservação e Restauro para a Zona Sul;
- Em 1988, é feita proposta para afetação do piso térreo à Comissão Municipal de Juventude e adaptação do primeiro andar a Biblioteca;
- Em 1989, proposta para demolição do anexo criado para instalação de Serviços Municipais e levantamento planimétrico da Igreja e do Convento;
- 1991, Proposta para Galeria de Arte;
- 1992, Proposta de Remodelação Estrutural das Coberturas do Convento;

⁹⁰ PORTUGAL, Ministério da Fazenda. **Lei sobre concessão à Câmara Municipal de Évora da Igreja e Cerca do extinto Convento dos Remédios para estabelecimento do Cemitério Público.** Diário do Governo 185 (1839.08.07)1839.

- 1994, Memorando sobre utilização do primeiro piso a Gabinete de Conservação e Restauro;
- 1995, Proposta de Projeto de Remodelação Estrutural das Coberturas;
- 1998, Instalação no Convento, na parte envolvente aos claustros, sacristia e Igreja, da Associação Musical “Eborae Musica”; instalação de áreas de intervenção autárquica nas áreas da museologia patrimonial, nomeadamente a Arqueologia e a Arte Sacra. Colocado em estudo, instalação da sede Regional do ICOMOS e da Delegação Regional da Futura Fundação dos Descobrimentos;
- 1999, 29 de Novembro, é apresentado novo Programa Base e feito novo contrato de fornecimento de serviços com o Arquiteto Victor Figueiredo e adjudicada a obra de “Recuperação e Restauro do Convento de Nossa Senhora dos Remédios”.
- 2004, 14 de Maio, Lançamento do concurso para empreitada.
- 2004, 28 de Junho, abertura das propostas para o concurso público da empreitada.
- 2005, 3 de Janeiro, início da obra.
- 2006, 11 de Setembro, conclusão da obra.

O projeto de recuperação e restauro do Convento dos Remédios teve em atenção o referido no primeiro princípio do Grémio de Empresas de Conservação e Restauro do Património Arquitetónico (GECORPA), ou seja,

“A preservação do património comum da espécie humana, natural e cultural, transmitido ao longo de gerações é condição indispensável para a manutenção do habitat e da identidade das comunidades humanas. Sendo o património edificado e os bens culturais a ele associados uma das parcelas mais importantes do Património cultural, cada geração tem o direito ao seu usufruto mas, também a responsabilidade da sua salvaguarda e transmissão, nas melhores condições, aos vindouros”,⁹¹

bem como o estabelecido pelo ICOMOS no seu princípio também número 1, que refere o facto da conservação levada a cabo em património vernacular dever ser realizado “*por uma equipa constituída por especialistas que reconheçam a inevitabilidade das mudanças e a necessidade do desenvolvimento e do respeito à identidade cultural consagrada de uma comunidade.*”⁹² Sem esquecer a necessidade da deposição num arquivo aberto ao público, (Arquivo Municipal de Évora) da análise precedente e completa feita à estrutura a intervencionar, conforme estipulado na Carta de Veneza, artº 16º.

⁹¹ II CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUITETOS E TÉCNICOS DE MONUMENTOS HISTÓRICOS. Veneza, 1964 - **Carta Internacional para a Conservação e Restauro de Monumentos** [em linha], <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>, (04.06.2013).

⁹² Idem.

- Em 2006, Novembro, Inauguração.

Hoje, e após conclusão da obra, o Convento está em vias de classificação, desde dia 4 de Março de 2013.

Atualmente a Igreja é utilizada para a realização de recitais e aulas de música clássica e canto. A antiga ala dos frades e a Capela Mortuária é ocupada por Gabinetes, a Sacristia é local de aulas de música, a Sala do Capítulo é Oficina de Conservação e Restauro e o Refeitório continua a desempenhar as mesmas funções. As alas Sudoeste e dos moços são amplas Galerias de Exposição. O piso superior onde funcionavam as celas e áreas afins, foi remodelado e está destinado a Espaço Expositivo, de teatro, cinema, palestras e leitura. No Claustro realizam-se regularmente recitais de música e canto.

Para além dos espaços já descritos o Convento ainda suporta:

- Cafetaria;
- Receção/Bengaleiro, espaço de acolhimento ao visitante, bem localizado, com um funcionário que faz o encaminhamento dos visitantes para as exposições e receciona e reencaminha todo o tipo de serviço;
- Jardim/Esplanada da Cafetaria, com um tanque de água a qual contribui para a animação do espaço (através do som) e para o maior conforto dos utilizadores com a sua amenização (climatização e humidificação).

No entanto, não tem:

- Loja, pelo que seria uma proposta a ter em conta, pois a sua criação poderia ser uma mais-valia, para ajudar a fazer daquele espaço um local de circuito obrigatório para o turista.
- Uma brochura, que de forma acessível e simples conte a história do Convento, e as suas principais ligações sociais, religiosas e políticas à vida da Cidade.

2. PROPOSTA DE VALORIZAÇÃO DAS RELÍQUIAS NO CONTEXTO DA HISTÓRIA DO CONVENTO

Tendo em consideração as propostas atrás apresentadas, considera-se de especial importância a criação de um espaço de passagem que suscite um contacto efetivo entre o Convento e os seus visitantes. Esse espaço traduz-se numa loja, onde os visitantes terão a possibilidade de adquirir alguns materiais promocionais e recordativos da sua passagem por Évora e pelo Convento, mas também adquirir algumas brochuras ou documentos de cariz mais técnicos, que os ajudem a aprofundar e consolidar os conhecimentos apreendidos durante a sua visita.

A brochura incluiria uma breve cronologia e explicação sobre o Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora, bem como uma explicação sobre as funcionalidades dos seus diferentes espaços: Igreja, Sacristia e Claustro. Integraria ainda algumas das informações de carácter religioso e socioinstitucional investigadas ao longo deste estudo, valorizando-se assim do ponto de vista patrimonial e turístico a ligação do Convento com a vida política da Cidade de Évora, desde o século XVII à atualidade.

A loja poderia funcionar num local contíguo à Escola de Música, Eborae Música, constituindo um espaço aberto e integrador.

Como o Convento apenas dispõe de uma página web, (acessível em <http://www2.cm-evora.pt/conventoremedios/>), pareceu-nos importantíssimo utilizar essa página para uma maior divulgação do espaço conventual, e muito especificamente das relíquias.

Através dessa página, que apresentamos em seguida, será possível ter acesso à autêntica encontrada, aos ficheiros das sepulturas da Igreja e Sacristia e às relíquias do Armário Relicário com as fichas correspondentes a cada uma das relíquias.

Imagem 42 – Site



Fonte: Rosário Martins

Paralelamente organizar-se-iam visitas guiadas para a população local; turistas e público escolar.

1. Público escolar

A. Às escolas que visitam o Convento apresenta-se uma abordagem direta e atual sobre o que são relíquias.

Sugerimos uma hipótese de guião como forma de animação:

Na Sacristia em frente do relicário e observando os espaços vazios, sem já terem relíquias pergunta-se aos jovens quais são os objetos que eles mais estimam, que não querem perder. Que relíquias gostariam de introduzir nos espaços vazios do armário relicário.

No diálogo, aberto e informal, acentua-se a importância da ligação afetiva com esses objetos, como eles são importantes na segurança individual, psicológica e social desses jovens – e portanto, na sua identidade. Pode sugerir-se um exemplo: uma foto, uma camisola de um ídolo, um trofeu desportivo, etc, que o torna mais importante, mais privilegiado.

Seguindo o diálogo, vai-se percebendo como os objetos valem enquanto símbolos das pessoas e das situações a eles associadas. A que ponto recordam amigos, pessoas de família, vizinhos, colegas do grupo. Como constroem a rede de relações daquele jovem e funcionam como «amigos» que estão presentes, o acompanham e lhe dão conforto e proteção.

A seguir, pergunta-se que objetos podem ser relíquias - em casa, na escola, no clube - e vai-se alargando essa rede de relações. Assim, o jovem é levado a descobrir como esses objetos, aparentemente insignificantes, estão carregados de vida e podem dizer tanto sobre o seu mundo, como elas falam de pessoas, de poderes e privilégios invisíveis.

B. A partir desta vivência, o jovem está em condições de entender como, em épocas passadas, crenes em que a mentalidade reinante acreditava que a vida existia para além do tempo e do que os nossos olhos veem, as comunidades sentiam-se mais protegidas quando tinham perto vestígios de pessoas excepcionais, sobretudo pessoas que deram a vida por um ideal.

Finalmente, pergunta-se aos jovens quais são os seus ideais. A partir daí, tenta-se comparar os ideais e os carismas daquela Ordem Religiosa – Carmelitas Descalços – com as relíquias mais importantes do Convento existentes hoje. A propósito referem-se S. Apolônio. S. Lúcio e S. Clemente como os três Santos Mártires que deram carisma e força religiosa institucional e

social ao Convento. Bispo, Senador e Papa – Romanos – são os pilares que agregam toda a multidão de relíquias. Todo o conjunto é atraído por estes três pilares.

Explica-se que, numa época em que toda a mentalidade era religiosa, a população de Évora pedia auxílio e intercessão aos Santos. O Convento introduzia e expunha nas festas religiosas estas relíquias que, desta maneira, ultrapassavam o tempo histórico delas e se integravam na vivência dos crentes.

A melhor valorização desses vestígios, numa sociedade como a atual, laica, é mostrar a importância e necessidade do homem ter símbolos e elementos agregadores para a sua identidade – individual, coletiva e social. Elas permitiram conhecer novos aspetos da vida do convento e da cidade, como foi referido ao longo do trabalho.

A valorização das relíquias, ao fazer esta ponte do passado com o presente, quer ajudar a construir novos elementos de identidade e de sentido de pertença para este espaço e para os alunos que o frequentam.

2. Turistas e população local

Mostra-se como as relíquias estão ligadas a ideais e valores aparentemente afastados dos atuais, mas como conhecer a história dessas relíquias permite entrar em lados menos conhecidos da cidade. A brochura a criar explica a presença das relíquias nas principais etapas da vida do convento e da cidade.

A partir dos espaços vazios dos relicários, ajuda-se os visitantes a refletirem sobre a importância dos elementos-símbolos e elementos agregadores das pessoas, no mundo de hoje.

Reforçando tudo o que ficou dito há ainda a necessidade da criação de uma sinalética que informe e ajude na leitura do antigo edifício, permitindo ao visitante a descoberta das antigas funções dos vários espaços, pois este imóvel é demasiado rico para ficar limitado ao simples e exíguo papel de “atração turística” ou “local de culto”, isoladamente.

Um imóvel com as características do Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora mobiliza a globalidade do espaço humano e geográfico e recorre, também, ao património civilizacional e cultural como fatores fundamentais, para o sucesso de uma estratégia que vise “fundir” património/religião/turismo.

A história do Convento será divulgada através de quatro núcleos: Comunidade Monástica, Redes Familiares, História da Cidade e uma breve cronologia dando a conhecer os factos mais importantes da vida do Convento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relíquias existentes no Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora, e onde os frades Carmelitas Descalços Masculinos se instalaram em 1606 (Convento edificado num período de grande instabilidade política em Portugal), foi o objeto de estudo desta dissertação. A sua inventariação, identificação e análise permitiu-nos perceber como essas relíquias foram e são testemunho de várias realidades, que se conseguiram articular e relacionar.

As relíquias para além de serem vestígios materiais e provas testemunhais diretas da vida exemplar dos mártires, são também presença e testemunhos da vida interna e socioinstitucional do Convento, desde a sua criação à extinção. E testemunhas materiais ainda das relações sociais e políticas entre o Convento e a cidade de Évora. A investigação efetuada permitiu-nos no decorrer do Capítulo I compreender a criação do Convento em Évora, a vida e obra do seu instituidor, D. Teotónio de Bragança e de D. José de Mello bem como a evolução do espaço urbano eborense nos séculos XVI-XVII. Permitiu apreender a forte ligação entre o fenómeno urbano e a implantação eclesiástica na cidade, uma vez que por todo o tecido urbano se encontravam edifícios religiosos. Estudou-se arquitetonicamente o próprio edifício conventual, cuja hierarquização dos espaços foi feita a partir do claustro, bem como a sua inserção no espaço extramuros da cidade. Analisámos o papel que a Sacristia desempenhava no seio do edifício, local de preparação pré liturgia, aferindo-se a sua função comparativamente com as da Igreja Matriz de Montemor-o-Novo e Arraiolos. Finalmente, os ritos e os cerimoniais da vida da ordem residente e a forma como a população os aceitou e apoiou também foram alvo da nossa investigação.

Perceber a institucionalização do culto na Idade Média foi também nossa preocupação, pois era necessário compreender como é que o culto dos Mártires originou que os cristãos se sepultassem anexos aos seus túmulos, levando muitas Igrejas a serem utilizadas como cemitérios, atribuindo-se às relíquias dos Mártires enorme significado.

Na segunda parte da dissertação tentámos através das relíquias conhecer o papel que elas desempenharam na vida político institucional da cidade. Fomos então conduzidos a acontecimentos relevantes da vida nacional, os quais procuraram forças na Ordem Carmelita e especificamente no Convento de Évora, como foi o caso do movimento denominado “*Alterações de Évora*”, o movimento da Restauração, e a luta travada pela posse da cidade, em Maio de 1663, entre os exércitos de D. João da Áustria e as forças do presídio, comandadas por Manuel de Miranda Henriques.

O enorme número de relíquias ali depositadas provocou o aumento da importância política religiosa do convento, pois muitos foram os que quiseram depositar ali os seus corpos junto das relíquias dos Santos Mártires, instituindo, capelas, legados e testamentos, sob os quais o Convento arrecadava avultadas quantias, ao mesmo tempo que se tornava local de peregrinação.

O estudo efetuado sobre as famílias sepultadas, quer na Igreja, quer na Sacristia e Claustro, as doações feitas e a execução de sufrágios permitiu-nos afirmar a existência de uma forte ligação, previamente por nós ponderada, existente entre o Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora e os grupos privilegiados da cidade e até do reino, sem esquecer a própria Inquisição. Quanto à autenticidade das relíquias, gostaríamos que tivesse sido possível verificar a autenticidade de todas elas mas, apenas nos foi possível fazê-lo sobre duas - Cabeça de S. Lúcio e S. Apolónio. No entanto, sabendo nós que muitas relíquias foram trazidas para Portugal, a partir de Roma, por D. José de Mello, que muito gostava de as distribuir por vários Conventos e Igrejas, pensamos poder ainda crer na autenticidade de outras duas - relíquias de S. Clemente e S. Hilário - as quais poderão ter vindo em 1610, na mesma altura das conduzidas para o Convento das Chagas de Vila Viçosa.

O facto de D. José de Mello ser Arcebispo de Évora e pretender repousar no Convento de Nossa Senhora dos Remédios após a morte, leva-nos a supor que também ele queria estar perto das relíquias dos Mártires, verdadeiros exemplos de vida, pelo que certamente traria para este convento um elevado e reconhecido número de relíquias para que também a sua alma ficasse protegida para o momento do despertar. Verdadeiras ou não, as relíquias fizeram parte da tradição cristã, conduzindo até si muitos fiéis e peregrinos e aumentando a importância eclesiástica da diocese ou local outro de culto, onde se encontravam. A edificação e manutenção dos locais onde as relíquias se encontravam eram custeadas sobretudo através de donativos da congregação.

Enquanto objeto de valor artístico, as relíquias encontram-se depositadas em armários relicários de estilo barroco: quer o armário da Sacristia, quer os da Igreja, utilizando no seu ornamento talha dourada.

A proposta de classificação para o edifício conventual apresentada pelo Município Eborense permite mostrar a relevância do conjunto conventual; e as obras de recuperação e de restauro já efetuadas permitem que este património continue na memória e em condições de ser transmitido às gerações vindouras.

Por fim e após o conhecimento contextualizado das relíquias enquanto objeto de valor religioso, artístico e patrimonial, e da função que desempenharam na vida de Évora, elaborámos uma proposta de valorização deste património através da criação de uma loja, elaboração de uma brochura e um *site* que informará sobre a história do Convento. Este último será colocado ao dispor de todos, assim como, toda a informação sobre um património, por muitos desconhecido: o significado e o valor das relíquias do Convento de Nossa Senhora dos Remédios.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1- FONTES

1.1. Materiais

Relíquias do Convento de Nossa Senhora dos Remédios

- Igreja do Convento

- **Altar Lateral Direito** – 34 relicários

- Armário Relicário 1 -4 relicários

- Armário Relicário 2 – 4 relicários

- Armário Relicário 3 – 5 relicários

- Armário Relicário 4 – 4 relicários

- Armário Relicário 5 – 5 relicários

- Armário Relicário 6 – 4 relicários

- Parte Central – 8 relicários

- **Altar Lateral Esquerdo** – 17 relicários

- Armário Relicário 1 – 6 relicários

- Armário Relicário 2 – 6 relicários

- Relicário 3 – 1 relicário

- Relicário 4 – 1 relicário

- Relicário 5 – 1 relicário

- Relicário 6 – 1 relicário

- Relicário 7 – 1 relicário

- **Sacristia do Convento**

- Arcaz

- Espaldar do Arcaz

Um nicho

1.2. Escritas

1.2.1. Manuscritas

Arquivo Distrital de Évora

Carta para que se não faça o Convento dos Remédios. 1595. Lv. 9 dos Originais da Câmara Municipal de Évora, (Lv,79), P. 498.

Décimas Municipais, 1720.

Processo de Habilitação “de genere” de José da Gama Maldonado, Filho de João Maldonado e Azevedo e de Brites da Gama Lobo, natural de Évora, para ser admitido a ordens menores e ordens sacras, 1688, PT/ADEVVR/FE/DIO-CEEVR/A/002/00936.

Requerimento de D. João Maldonado da Gama Lobo a requerer a administração dos bens de sua tia D. Mariana Josefa da Gama Lobo de Vasconcelos Corte Real, 1817, PT/ADEVVR/AHMBRB/C-A/001/00092.

Testamento de Duarte Lobo da Gama, 1722, PT/ADEVVR/COLTEST/02749.

Testamento de Maria Joaquina da Gama Lobo, 1739,PT/ADEVVR/COLTEST/03453.

Testamento de Maria Josefa da Gama Lobo, 1759, PT/ADEVVR/COLTEST/04215.

Testamento de Pedro Lobo da Gama, 1769, PT/ADEVVR/COLTEST/04661.

Testamento de Teresa Maria da Gama Lobo, 1778, PT/ADEVVR/COLTEST/04843.

Venda aos padres de Nossa Senhora dos Remédios de Carmelitas Descalços de uma Horta à Porta de Alconchel. 1602. Lv. 184, Arquivo da Câmara Municipal de Évora, depositado no Arquivo Distrital de Évora.

Arquivo Nacional/Torre do Tombo

Convento de Nossa Senhora dos Remédios, 1835, Ministério das Finanças, Cx. 2214, capilha 10, Arquivo Nacional/Torre do Tombo.

Arquivo da Sé de Évora

Livro das “Relíquias q(eu) estam em a see devora, primeiramente no cofre forrado de prata esta(m) as segui(n)tes”.

Regimento da Sanchristia, PT/ASE/CSE/A/003/Lv.001 – Séc. XVI, Pt. 31 p. – Convento dos Remédios.

Biblioteca Pública de Évora

Certidão Autêntica da relíquia de Santa Teresa, In Documentos Diversos, 1617, Códice CLXIX/1-28.

Decisão Capitular para que não seja sepultada pessoa alguma na Capela de Sta. Teresa que não for da família e sucessores do Ilustríssimo Sr. D. João Maldonado. In Documentos Diversos. 1825, Códice CLXIX/1-28.

Inventário das Oficinas deste Convento dos Remédios de Évora, s/d, Códice CXXVI/2-23.

Livro das Obras deste Convento de Nossa Senhora dos Remédios da cidade de Évora, 1745, Códice CLXIX/1-29.

Memória das Sepulturas deste Convento de N^a Sra dos Remédios de Carmelitas Descalços de Évora e dos Defuntos que nellas estão enterrados, 1742, Códice CXXVI/2-21,

Regra e Modo de viver dos Irmãos e Irmãs da Venerável Ordem Terceira de N. Sra. Do Carmo. 1670, Reservado 698.

Livro das Capelas do Collegio de N. Senhora dos Remédios de Carmelitas Descalços da Cidade de Évora. 1768, Códice CXXVI/2-20.

1.2.2. Impressas

ANGELO, Estevão de S., Fr. (1741) - **Jardim Carmelitano, História Chronologica e Geografica: Notícias Sagradas, Domesticas e Estranhas de vários sucessos da Religião**

Carmelitana

[em

linha]

<http://books.google.pt/books?id=C3dPAAAcAAJ&printsec=frontcover&dq=jardim+carmelitano&hl=pt-PT&sa=X&ei=AiMgVNWoJYHaOdqfgagN&ved=0CCEQ6wEwAA#v=onepage&q=jardim%20carmelitano&f=false> (22.09.2014).

ANNA, Belchior de S., Pe. Frei - **Crónica de Carmelitas Descalços**. Lisboa: Oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1657. Tomo I.

ANTÓNIO, Henrique de Santo, Frei (1745) – **Crónica dos Eremitas de Serra de Ossa: no Reyno de Portugal, e dos que florecem em todos os mais Ermos da Cristandade** [em linha] <http://books.google.pt/books?id=E8M5zJg3ZowC&pg=PA420&dq=chronica+dos+eremitas+da+serra+de+ossa+henrique+1745&hl=pt-PT&sa=X&ei=4iUgVIHiKsu1PfjzgbAM&ved=0CCAQ6AEwAA#v=onepage&q=chronica%20dos%20eremitas%20da%20serra%20de%20ossa%20henrique%201745&f=false> (22.09.2014).

CARDOSO, Jorge - **Agiologio Lusitano**. Edição fac-similada. Porto, MMII, 1657. Tomo II.

Concílio Ecuménico, Trento, 1563 - **Sessão XXV Celebrada no tempo do Sumo Pontífice Pio IV**. Igreja Católica [em linha] <http://agnusdei.50webs.com/trento30.htm>, (4.09.2014).

COSTA, António Carvalho da, Pe. (1712) - **Corografia Portugueza e Descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal**. [em linha]

<http://books.google.pt/books?id=W29UAAAAYAAJ&pg=PA28&lpg=PA28&dq=gama+lobo,+maldonado&source=bl&ots=VCsz2KEz0O&sig=bKAQba9iFOWmrn4NW5IpDnMEhfE&hl=pt-PT&sa=X&ei=wJ9KU9vVI4aH0AXMhYHICA&ved=0CD0Q6AEwCQ#v=onepage&q=gama%20lobo%2C%20maldonado&f=false>, (14.06. 2014).

CROISET, João Pe. – **Anno Christão ou Exercícios Devotos para todos os dias do anno**. Porto: António Dourado, 1888.

ERICEIRA, Luis de Menezes (Conde de) (1759) - **Historia de Portugal Restaurado (1643-1656)**. [em

linha]

http://books.google.pt/books?id=aUALAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_atb#v=snippet&q=lobo&f=false, (07.09.2014).

FELGUEIRAS, Manoel José – **Anno Christão ou Exercícios Devotos para Todos os Dias do Anno**. Porto: Empreza d' Obras Populares Illustradas, 1886. Tomo II, III, IV.

FONSECA, Francisco da - **Évora Gloriosa**. Roma: Officina Komarekiana, 1728.

- FRANCO, António, Pe. – **Évora Ilustrada: Extraída da obra do mesmo nome do Pe. Manuel Fialho.** Évora: Edições Nazareth, 1945.
- IGREJA CATÓLICA - **Martirologio Romano:** Veneza: Paolo Baglioni, 1702.
- JOSÉ, Jerónimo, Frei (1749) – **História chronologica da esclarecida ordem da SS Trindade,** [em linha]
<http://books.google.pt/books?id=KGlaPB6lHHkC&pg=PA74&lpg=PA74&dq=jose+de+mello+,+arcebispo+evora&source=bl&ots=v7gXtATHSG&sig=PsYiOqqL1FFC2k9Rtbu3mDF9hcs&hl=pt-PT&sa=X&ei=u4hKU5OxD8G00QXfx4BI&ved=0CC4Q6AEwAw#v=onepage&q=jose%20de%20mello%20%2C%20arcebispo%20evora&f=false>, (07.09.2014).
- MELO, Dom Francisco Manuel de – **Epanáforas de Vária História Portuguesa.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1977.
- MELO, D. João – **Constituições do Arcebispado de Évora.** Évora: Officina da Universidade, 1753. PT/ ASE/CSE/A/002/Lv.004 – 1753.
- RESENDE, André de - **Obras Portuguesas: História da Antiguidade da Cidade de Évora.** Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1963.
- SACRAMENTO, Frei João do – **Crónica dos Carmelitas Descalços Particular da Provincia de S. Filipe do Reyno de Portugal, e suas Conquistas.** Lisboa Occidental: Officina Ferreyrenciana, 1721, Tomo II.
- SILVA, Bruno da - **A Beata de Évora.** Lisboa: Livraria Ferreira, 1890.
- SILVA, José Joaquim da Pe. – **Évora Lastimosa.** Lisboa: Imprensa Régia, 1814.
- SOUSA, António Caetano – **História Genealógica da Casa Real Portuguesa, desde a sua Origem até o Presente.** Lisboa Occidental: Officina de Joseph António da Sylva, 1735] em linha] <https://books.google.pt/books?id=JwdYAAAACAAJ&pg=PA389&dq=fruela+II&hl=pt-> (23.03.2015).
- SOUSA, Joaquim José Caetano Pereira e - **Esboço de hum Diccionario Jurídico, Theoretico, e Pratico, Remissivo às leis Compiladas e Estravagantes.** Lisboa: Typografia Rollandiana, 1827.
- VORÁGINE, Santiago de la - **La leyenda dorada.** Madrid: Alianza Forma, 2004.

2- BIBLIOGRAFIA

2.1. Obras de Referência

ARQUIDIOCESE DE ÉVORA - **Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora, 2002** [em linha], <http://www.inventarioevora.com.pt/>, (6.11.2013).

Enciclopédia Universal Ilustrada Europeo-Americana. Madrid: Espasa-Calpe, S.A.,1930.

ESPANCA, Túlio - **Inventário Artístico de Portugal**. Lisboa: Academia Nacional das Belas-Artes, 1966. P.314-318.

FONTES, João Luis Inglês et al – **Inventário dos Fundos Monástico-Conventuais da Biblioteca Pública de Évora**. Lisboa: Edições Colibri, CIDEHUS-UE, 2010.

2.2. Estudos

ABEL, António Borges – **Os limites da Cidade**. Évora: s.e., 2008, (Tese de Doutoramento).

ABREU, Laurinda (2004) - **Igreja Caridade e Assistência na Península Ibérica (séc. XVI-XVIII)**. [em linha] <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/1975/1/O%20arcebispo%20D.%20Teotónio%20de%20Bragança%20e%20a%20reestruturação%20do%20s>, (18.08.2014).

ALDAZÁBAL, José (s.d) – **Dicionário Elementar de Liturgia**, [em linha] <http://www.portal.ecclesia.pt/ecclesiaout/liturgia/liturgia_site/dicionario/dici_ver.asp?cod_dici=391>, (14.01.2014).

ALMEIDA, Fortunato – **História da Igreja em Portugal**. Coimbra: Imprensa Académica, 1910, vol. I.

BAENA, Augusto Romano Sanches de; BAENA, Farinha de Almeida Sanches de (1872) - **Archivo heráldico-genealógico contendo notícias histórico heráldicas**. [em linha] <http://books.google.pt/books?id=D8sqAAAAMAAJ&pg=PA304&dq=gama+lobo&hl=pt-PT&sa=X&ei=PKFKU60vsZnQBZaDgbgP&ved=0CE0Q6AEwBg#v=onepage&q=gama%20lobo&f=false>, (14.06.2014).

BAGNOLI, Martina et al.- **Treasures of Heaven: Saints, relics and devotion in Medieval Europe**. London: The British Museum Press, 2011.

- BAROJA, Julio Caro - **Las falsificaciones de la História (en relación con la de España)**. Barcelona: Seix Barral, S.A., 1992.
- BEIRANTE, Maria Ângela - *O vínculo cidade-campo na Évora Quinhentista*, In a Cidade de Évora, II série nº2, 2002-2006. P. 113.
- BEIRANTE, Maria Ângela – **O Ar da Cidade: Ensaio de História Medieval e Moderna**. Lisboa: Edições Colibri, 2008.
- BEIRANTE, Maria Ângela - **Territórios do Sagrado: Crenças e Comportamentos na Idade Média em Portugal**. Lisboa: Edições Colibri, 2011.
- BORGES, Ana Maria de Mira - **Évora: Da Reconquista ao Século XVI Alguns Aspetos de Desenvolvimento Urbano e Arquitetura**. Évora: Universidade de Évora, Departamento de História e Arqueologia, 1988.
- BORGES, Artur Goulart de Melo – **As Obras da nova Capela-Mor da Sé Escola de Artistas**. Évora: Instituto Superior de Teologia. Ano XVIII, Nº 35, (2005).
- CAPELÃO, Rosa M. – **El culto de reliquias em Portugal en los siglos XVI-XVII. Contexto, norma, funciones y simbolismo**. Porto: s.e., 2011, (Tese de Doutoramento em História).
- CHAHON, Sergio - **Os convidados para a ceia do Senhor: As missas e a vivência leiga do Catolicismo na cidade do Rio de Janeiro e arredores (1750-1820)**. S. Paulo: Editora da Universidade de S. Paulo, 2008.
- COELHO, António Borges - **Inquisição em Évora**. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.
- II CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUITETOS E TÉCNICOS DE MONUMENTOS HISTÓRICOS. Veneza, 1964 - **Carta Internacional para a Conservação e Restauro de Monumentos** [em linha], <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>, (4.06.2013).
- CORTEZÃO, A. A. – **Onomástico Medieval Português**. Archeologo Português. Lisboa. Vols. VIII-XVII. (1903-1912).
- COSTA, Leonor Freire; CUNHA, Mafalda Soares da - **D. João IV**. Rio de Mouro: Temas e Debates, 2008.
- DAVID, Celestino – **Évora Encantadora**. Évora: Livraria e Papelaria Nazareth, 1923.

- DIAS, Susana José Gomes – **Reabilitação do Convento de Nossa Senhora dos Remédios em Évora: Intervenção Arqueológica da Sala do Capítulo**. In *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal*. Évora. II Série. Nº 7.2007-2008.
- DUBOIS, Claude-Gilbert - **La conception de l’histoire en France au XVI siècle (1560-1610)**. Paris: A. G. Nizet, 1977.
- ÉVORA. CÂMARA MUNICIPAL (1943) - **Património Artístico Municipal – Imóveis- Convento de N^a Sra. dos Remédios**. Évora, In *Comissão Municipal de Turismo*, [em linha] http://www.bdalentejo.net/BDAObra/obras/688/BlocosPDF/bloco01-c_85.pdf, (7.09.2014).
- ÉVORA. CÂMARA MUNICIPAL - **A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal**. Évora. Nº 65-66. 1982-83. P. 259-261.
- ÉVORA, CÂMARA MUNICIPAL. **Projeto de Recuperação e Restauro do Convento e Igreja de Nossa Senhora dos Remédios**. Departamento de Cultura e Património, 1978-2005.
- FRANCO, José Eduardo – **Congregações Religiosas Masculinas**. In AZEVEDO, Carlos Moreira - *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2000. P. 482-488, vol.A-C.
- GONÇALVES, Simone Corrêa - **Sepultamento Ad Sanctos na Matriz Curitibana: Divisão Social no Espaço Sagrado (1760-1775)**, [em linha] http://www.historia.ufpr.br/monografias/2005/simone_correa_goncalves.pdf, (11.01. 2015).
- GOUVEIA, António Camões – **Relíquias**. In AZEVEDO, Carlos Moreira - *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2000. P.120-125, vol. P-V Apêndices.
- GUERREIRO, Celeste Maria Tomé – **Valorização Patrimonial da Cerca do Convento de Nossa Senhora dos Remédios em Évora**. Évora: s.e., 2010, (Tese de Mestrado).
- HASKELL, Francis - **L’Historien et les images**. Montrouge: Éditions Gallimard, 1995.
- KALLENBERG, Pascoal – **Fontes Medievais da Liturgia Carmelita**. Carmelo Lusitano. Lisboa. Nº 4. 1986. P. 131-133.
- KEMMLER, Rolf. **Caetano Maldonado da Gama, D. Jerónimo Contador de Argote e as duas edições das Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina (1721, 1725)**, In *Revista Limite*, [em linha] <http://www.revistalimite.es/volumen%206/05kemm.pdf>, (14.06. 2014).
- LAVAJO, Joaquim Chorão – **Vera Cruz de Marmelar e Santo Lenho de Évora, Contextualização Histórico-Religiosa**. Eborensia. Évora. ISSN 0872-3664. Ano XXVI. Nº 47. (2013). P. 205-240.

LOYN, H. R., org. - **Dicionário da Idade Média**. [em linha]

BR&sa=X&ei=Yt4EVOySI6PC0QXxo4HoAQ&ved=0CDIQ6AEwBA#v=onepage&q=bras%C3%B5es&f=false, (01.09.2014).

LOYOLA, Santo Inácio (s.d) – **Os Exercícios Espirituais**, In *Morte Barroca e Cristianização. As estratégias da Igreja Tridentina em Minas Gerais no século XVIII*, [em linha] [http:// www.ichs.ufop.br/Iph/imagens/stories/1997](http://www.ichs.ufop.br/Iph/imagens/stories/1997) - JEAN LUIZ NEVES ABREU.pdf (17.08. 2014).

LOURENÇO, António de Jesus – **Carmelitas (Ordem do Carmo)**. In AZEVEDO, Carlos Moreira – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores,2000. P.294-296.

MALLEY, John – **Renovação da Vida Religiosa Carmelita Hoje**. Carmelo Lusitano. Lisboa. Vol 11. (1993). P. 75-79.

MONTEIRO, Maria Filomena – **Sistema Monástico Conventual e Desenvolvimento Urbano de Évora na Baixa Idade Média**. Évora: s.e., 2011, (Tese de Doutoramento).

MURRAY, Bruno - **As Ordens Monásticas e Religiosas**. Mem-Martins: Publicações Europa-América, 1989. P. 144-150.

NASCIMENTO, Aires A. – **Nuno de Santa Maria: o homem e o santo que é herói de Portugal**. Igreja e Missão. Nº 211. 2009. P. 173-246.

NUNES JUNIOR, Ario Borges (2013) - **Relíquia. O destino do corpo na tradição cristã**. [em linha], <http://www.paulus.com.br/loja/appendix/3106.pdf>, (18.08.2014).

PEREIRA, Gabriel – *Estudos Eborenses*. Évora: Edições Nazareth, 1948. Vol. I e II.

PEREIRA, Isaías da Rosa – **Subsídios para a História da Igreja Eborense, séculos XVI e XVII**. Arquivo do Centro Cultural Português. Paris. Vol. IV.1972. P. 189.

PEREIRA, José Fernandes, dir. - **Dicionário da Arte Barroca em Portugal**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

PETRUSKI, Maura Regina (2006) - **A cidade dos mortos no mundo dos vivos – os cemitérios**. In *Revista de História Regional*, [em linha] <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2232/1714>, (18.03.2014).

REIS, Sebastião Martins dos. **Vida Seiscentista Eborense: Visitas reais e festas universitárias**. In *A Cidade de Évora. Boletim da Comissão Municipal de Turismo*. Évora, nº 41-42.(1959), p.91-105.

- RODRIGUES, Teresa, coord. (s.d) - **Portugal nos séculos XVI e XVII. Vicissitudes da dinâmica demográfica**, [em linha] <http://www.cepese.pt/portal/pt/investigacao/working-papers/populacao-e-prospectiva/portugal-nos-seculos-xvi-e-xvii.-vicissitudes-da-dinamica-demografica/Portugal-nos-seculos-XVI-e-XVII-Vicissitudes-da.pdf>, (18.08.2014).
- ROLO, Raul – **A Teologia Portuguesa no século XVI: Contributo Renovador de D. Frei Bartolomeu**. Bracara Augusta. Braga. Nº 93. Vol. XLIII. (1990). P. 31-50.
- ROSA, Maria de Lurdes (2001-2002) – **A Santidade no Portugal Medieval: Narrativas e trajetos de vida** In *Lusitana Sacra* [em linha] <http://repositorio.ucp.pt>, (19.11.2013).
- SANTOS, Carlota (s.d) - **As cidades Portuguesas na Idade Moderna. População**. [em linha] http://www.ghp.ics.uminho.pt/eu/ficheiros%20de%20publica%C3%A7%C3%B5es/IV%20Relat%C3%B3rio/I%20Congresso%20Internacional%20GMR/Carlota%20Santos_As%20cidades%20portuguesas.pdf (21.02.2015).
- SANTOS, Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva - **As Ordens Religiosas na Diocese de Évora**. Eborensia. Lisboa. Nº 39-40. Ano XX. (2007). P. 185-201.
- SBARDELLA, Francesca - **Construção e Patrimonialização de artigos religiosos: A relíquia**. 2012, Évora. Universidade de Évora, 2012.10.12.
- SCHMIDT, Jean-Claude - **Les tendances actuelles de l'histoire du Moyen Âge en France et en Allemagne: Actes des colloques de Sèvres (1997) et Gottingen (1998)**. Paris: Publications de la Sorbonne, 2003.
- SERAFIM, João Carlos (2001) - **Relíquias e propaganda religiosa no Portugal pós-tridentino**. In *Via Spiritus*. [em linha] <ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3495.pdf>, (20.01.2014).
- SERRÃO, Joel, dir. - **Dicionário de História de Portugal**. Porto: Livraria Figueirinhas, 1981, vol. I.
- SERRÃO, Vitor - **Impactos do Concílio de Trento na Arte Portuguesa entre o Maneirismo e o Barroco (1563-1750)** [em linha] https://www.academia.edu/6567577/Impactos_do_Conc%C3%ADlio_de_Trento_na_arte_portuguesa_entre_o_Maneirismo_e_o_Barroco_1563-1750 (21.02.2015).
- SILVA, Hugo Ribeiro da – **O Clero Catedralício Português e os Equilíbrios Sociais do Poder, (1564-1670)**[em linha] <http://books.google.pt/books?id=we6uAQAAQBAJ&pg=PT37&lpg=PT37&dq=%22refor%C3%A7o+da+autoridade+dos+seus+membros%22&source=bl&ots=JEOI2MAOyc&sig=FB2kLZ36apr>

1Pa7AytD94LrdeYA&hl=pt-PT&sa=X&ei=BjMoVJzAMMuwggShn4LQBQ&ved=0CB8Q6AEwAA#v=onepage&q=%22refer%C3%A7o%20da%20autoridade%20dos%20seus%20membros%22&f=false (28.09.2014).

SIMPLÍCIO, Maria Domingas V. – **Evolução e Morfologia do Espaço Urbano de Évora**. Évora: s.e., 1997, (Tese de Doutoramento).

SOUSA, Bernardo Vasconcelos e dir. – **Ordens Religiosas em Portugal. Das origens a Trento – Guia Histórico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

VASCONCELOS, António L.T.C. Pestana - **Costados Alentejanos**. Porto: Humberto, 2005, Vol. I e II.

VECHINA, Jeremias P. (s.d) - **Reforma Teresiana em Portugal: História**, [em linha] http://www.domuscarmeli.net/ficheiros/dossier/capitulo_24Abr_ReformaOCD_Pt.pdf, (07.09.2014).

VELASCO BAYON, Balbino - **História da Ordem do Carmo em Portugal**. Lisboa: Paulinas, 2001.

VERDETE, Carlos Curral Marques – **História da Igreja Católica: Das origens até ao cisma do Oriente (1054)**. Lisboa: Paulus Editora, 2009. Vol.I.

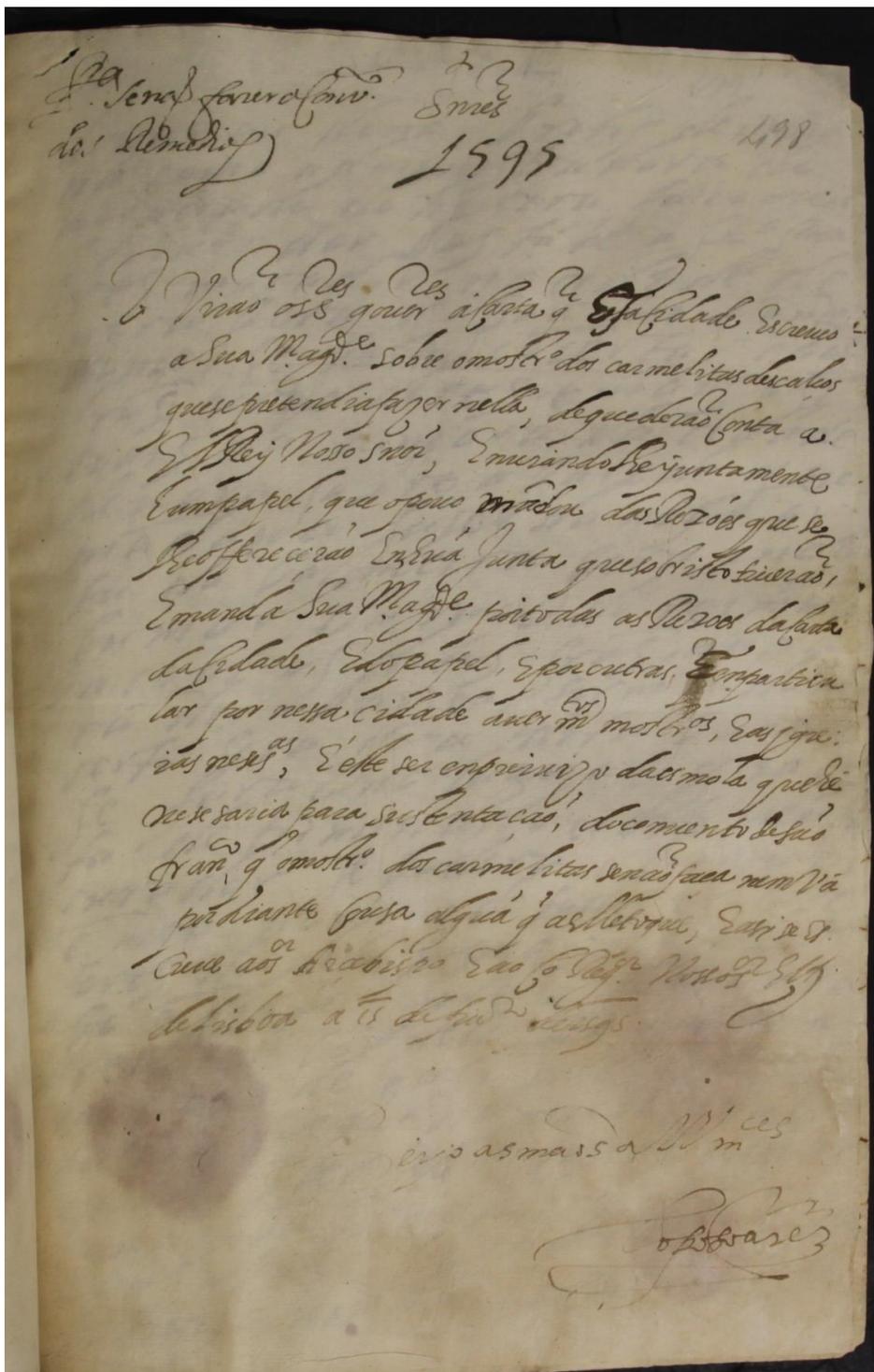
VLOON, Casimiro, Frei – **A Ordem do Carmo e a Ordem de Malta em Moura**. Carmelo Lusitano. Lisboa. Vol. 11. 1993. P. 23-32.

WALSH, William – **Teresa de Ávila**. Lisboa: Editorial Aster, 1961.

ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins - **Armorial Lusitano: Genealogia e Heráldica**. Lisboa: Edições Zairol, 2000.

ANEXOS

Anexo 1: Carta do Rei "Para se não fazer o Convento dos Remédios", 1595



Fonte: Arquivo Distrital de Évora, Fundo da Câmara Municipal de Évora, Lv. 79, Pg.

5822 Copea 13

Saiba os que esta Carta de venda pu-
 xer e simples para sempre de quinhentos
 reis de foro em perpetuum de huma horta
 do dizeito Senhorio desta, sitem: Que
 no anno de Nascimento de Nosso Senhor
 Jesus Christo de mil e seiscentos e diez em
 dezasete dias do mes de Março na Cidade
 de Évora, nas Casas de morada de mim e de
 Taballeus, estando hi presente Domingos Pires
 Moco da Camara do Alcaide e Nostro Senal
 e Apurentador, e Taballeus de J. N. N. N. N.
 ta me fora que a este interveio em nome e co-
 mo Procurador de Donna Violante de Aze-
 vha, moradora na Cidade de Sivboa, por
 virtude de huma sua Procuracao pela
 dita Donna Violante assignada e scrip-
 ta por sua mao da qual o traslado de
 verbo a verbo he o seguinte: Por esta por-
 tura e assignada digo eu Donna
 Violante de Azevha, viuva, que otou po-
 der ao Senhor Domingos Pires Tabal-
 leus na Cidade de Évora para em meu nome
 passar vender aos Paollos de Nossa Senhora
 dos Remedios de Carmelitas Descalças
 os quinhentos reis e duas Gabinetas de foro
 que tenho na Cidade de Évora na horta
 que esta a porta de Almoncel que se chama
 Miguel Rodriguez por preço de Doze mil
 reis, que vere bem ao foyr da dita escritura
 ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA

Fonte: Arquivo Distrital de Évora, Fundo da Câmara Municipal de Évora, Lv. 184

Anexo 2 (continuação):

Hei poderes por as chancelas que quizer,
e desparacer, porque os ditos Paeses fiquem
seguros, e a signar por algum onde cunprir
e todo o que he feito hey por firme e valia-
re, como se en juramentat fôra sob obrigarua
de mais bens. Feita em Lisboa ha vinte e
sinos de Setembro de seiscentos e ouy
Donna Violante de Neomda = A qual Pro-
curua assim apresentada, e tras passada,
como dito he Logo por virtude della por o
dito Domingos Pires foi dito: em nome da
dita Donna Violante sua Constituinte,
que era verdade, que entre outros e mais bens
e fazenda que a dita sua Constituinte, digo
que a dita Donna Violante de Neomda
vha, e possuiu livre e exemptamente fôra
de toda obrigacua de restitucua, Capella,
Morgado, e outros algum encargo, e esadomi-
nientos em dinheiros de contado, e ouas gale-
rias de fôro in perpetuum para sempre,
pagos em cada hum anno para sempre
por dia de São Martinho em huma Horta
que esta fôra dos annos desta Cidade, e
junto a ella, oua sabendo desta mesma
pela porta de Alcanxel o maresquida
de hum fazendejal que he da dita Horta
que parte de huma parte com a estrada
que vai para São Sebastião, e entesta pela

Fonte: Arquivo Distrital de Évora, Fundo da Câmara Municipal de Évora, Lv. 184

Anexo 2 (continuação):

Parte do dito farragal com caminho, e estrada
 que vai para a posta do Raimundo, e da un-
 tra, com farragal de Cabido, e com as mais
 confrontações com quem se Direito deve de
 partir, he qual fôr dos ditos quinquenta e seis
 e onas galindas imperpetuum, pagas pelo
 dito dia de São Martinho na dita Horta e far-
 ragal he pagava em cada hum anno e Mi-
 quel Rodrigues, e sua mulher, como fôr
 Puteley Senhorio della, moradores nesta Cida-
 de segundo que tres isto milhor e mais cum-
 ptoamente he contendo na Escriptura do
 dito affirmante que do dito fôr as que
 pôste no dito Convento, e que he de dar
 de Domingos Pires, que de seu motivo pro-
 puz, e he de vontade em nome da dita Don-
 na Violante de Azevedo sua Constituen-
 te por virtude da dita Procuração vendia
 hora e outra para deste dia para sempre
 ao Prior, e Padres, e Convento de Nossa
 Senhora dos Remedios da Ordem dos Carme-
 litas Descalços sito em esta cidade, e pessoa
 do Padre Frei Ciriaco deigo do Padre Frei
 Thomaz de São Ciriaco Religioso do dito
 Convento..... e mandado do dito Con-
 vento Prior, e Padres della he do dito fôr de
 quinquenta e seis onas galindas pagas por
 o dito dia de São Martinho, como Direito Se-
 nhorio da dita Horta, assim como aditta

Fonte: Arquivo Distrital de Évora, Fundo da Câmara Municipal de Évora, Lv. 184

Anexo 2 (continuação):

Lagou desta, e da notha cisa, nada
e Poço

Saiba os que este Instrumento de posse
virem: que no anno do Nascimento de No-
so Senhor J. M. Christo de mil e seiscentos
e setenta e oprimeiro dia do mes de Setem-
bro, junto as duas horas fora da Porta de
Alcunsel e junto deella, na Notha, e favela
jal contendo, e nomeado no Instrumento
atravessado, e edifico o Mosteiro de
Nossa Senhora do Remedio dos Carmelites
Descalcos, estando hi presente o Mosteiro
residente Padre Frei Francisco de S. Joze
Prior do dito Convento, e qual em seu no-
me, e por sua parte, em nome, e por parte
do dito Convento, comprador dos seguintes
reys, duas Galindras de fora na dita Notha,
de favela, do direito e honra delle, e honra
propria, e corporal, e actual dos ditos que
sintem de fora na dita Notha, e favela, de
lindas e ditos honras, e de dentro de dita
Notha tomando a dita posse por terra,
pedra, e Arvores de fructo, e semelle do
posso de la Notha, e assim andando pelo dito
favela, e fillando posse delle por terra,
pedra, pasto, andando todo com suppy
e focando com suas honras, e assim favela

Fonte: Arquivo Distrital de Évora, Fundo da Câmara Municipal de Évora, Lv. 184

Anexo 2 (continuação):

Venhora Donna Sebastião sua Constituinte
tinha e possuía e com todas as chaurulas, condic-
ções, forços, e exigências, e remunerações de
foramto, e contendas e acções de usua e posses-
são de affirmamento do dito foro, e isto por pagar,
e quantia de doze mil reis annua da dita
para a dita sua Constituinte, a qual puzo
de doze mil reis, disse, disse Damiano Pires
estes já em si recebidos em dinheiro de contado
sem mingnamto algum, e que por tanto
delle se dava por pago, e assim satisfeito, e aq-
uillo Pires, Pedro, e Consente, e Padre de
os quaes por seu mandado o intervier por qntia,
e livres deste dia para sempre, e podem quer
e intervier em nome da dita Donna Sebastião
te de Sebastião sua Constituinte que o dito
dizito para os Padres de elle, e aqne pelo
tempo em diante forem de hoje em diante
para sempre hajai, loy em expressas o
dito foro de quinhentos reis annua qibondu
para sempre pago pelo dito d. de Sebastião
tinho com o dito Senhorio na dita Noita
e assim como ho a dita sua Constituinte ti-
nha, e possuía com todas as suas certidões, ca-
bidat, e portanças, e licenças, fazendo de to-
do ello, e em elle livremente tudo o que lhe
aprouer, como de sua propria eoura, e sem
trigossas, e remunerações loy da dita Donna

Fonte: Arquivo Distrital de Évora, Fundo da Câmara Municipal de Évora, Lv. 184

Anexo 2 (continuação):

re toda esta Certidão de verbo a verbo sob
 as pennas contheudas no legimento, a qual
 Certidão vai por mim assignada e pelo dito De-
 putario e Escrivaes que esta for. Em Digno
 de Brito Escrivaes das Sras pelo dito Sedor
 a fia, e assignei, dia mercedes a atravez de
 to. Pagon desta, e do apento do Livro, nada,
 e de assignar, nada. Cavalley = Di-
go de Brito = Bernardim Meiro =
 A qual Certidão assim a porem tuda, e
 he chamada como dito he, com ella e em te-
 temunho da verdade, outorgas e mande-
 ras ser feito este Instrumento, testemunha
 que porem tuda foras Mmanuel Consalvey, que
 vive de sua fanua, digo vive por sua fa-
 renda; e Luiz Pereira fillo de Heitor da
 gozo; e Gaspas Ribeiro e Gaspas Ribeiro,
 aqui moradores; e do dito Domingos Pereira por
 sua man assignar em signal de sua te-
 tra. Em Luiz Consalvey Pagos publicos da
baheia d'Almey Novo Sinhora na dita Cua de
 que este Instrumento em anida da Natta to-
 meio, e della o traslader ha que me reposto,
 consistei, e assignei de men publico signal
 que tal he Contralinhã Nome De
Lisboa = Errique Gaspas Ribeiro o mes-
 mo escrevi = Luiz do publico

Fonte: Arquivo Distrital de Évora, Fundo da Câmara Municipal de Évora, Lv. 184

Anexo 2 (continuação)

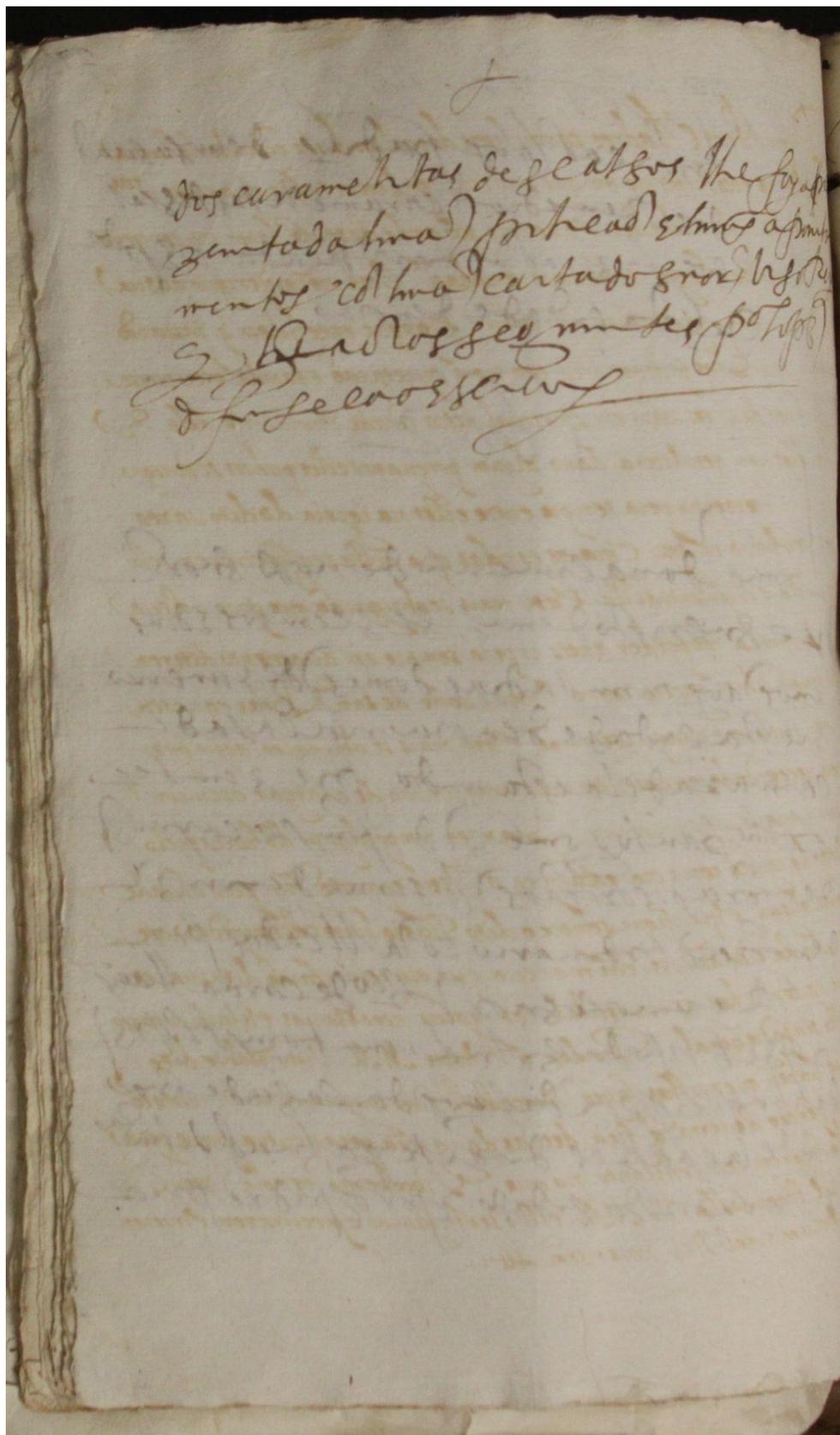
Todas as mais cerimoniaes pertencentes, em tran-
do outas e mays Comenda da Nossa Señal-
do, e abrindo as portay e em se tocando em
peora, e stello, madeira, e doudita parte, que
em seu nome, e do dito Mosteiro foylora, se cons-
tituiu, e em si se ter, e manter, pado adminda-
bullexi humo Instrumento: testamendo, pira-
xentas forao Pero Coelho, creado do Senhor A-
lexandre; e Pero Fernandes, Vexhateiro, aqui
moradouro. E do Livro Consalve, Pagas publico
Taballeu d'Elleij, Naso Senhor d'outalida-
do que este Instrumento se crevi, e assignei, e meu
publico signal, que tal he = Lugar do publico =
Pero Coelho = Do Pero Fernandes, humo cru-
= Lugar nada =

Traslladada em publica forma, a concertar
com o proprio Auto de posse, e trasllado da dita
Escrptura que me foi apresentada por parte
do Reverendo Padre Prior do Convento da Nossa
Senhora doj Remedio, aqui moradouro, e do my-
mo me depotta, mas foylora duvida a seguinte
meia folha onde leva humo portinido, pela terca
de mai se ponde em ler as proclavias, que se acha-
va no quehe sitio porque a tinta as tinta con-
sumido, pelo papel e achar deslocado; em tudo
o mais me reporto. E vora de assij de Janeiro de
mil e cento e vinte e doj annos = Sanstano
de Xavier da Rosa Taballeu publico da Nossa
que se crevi, assignei. Em testamendo de xer de
de = Lugar do signal publico = O Taballeu

ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA

Fonte: Arquivo Distrital de Évora, Fundo da Câmara Municipal de Évora, Lv. 184

Anexo 3 (continuação):



Fonte: Arquivo Distrital de Évora, Lv. 80, fl. 275

Anexo 3 (continuação):

7

276.

Dizem o Prior e Padres carmelitas descalços desta cidade de Évora
 que elles no recolhimento em que ora estão padecem todos os annos m^{tas}
 e grandes enfermidades, e doencas, por onde deservão fazer seu convento
 em outro sitio e lugar onde mais comodam^{te} e com menos perigo de sua
 saúde se possam agasallar, e recolher, e porque entendem q^o passando
 a povoação de sam^o Braz poderão ahy com mais quietação e saúde occupar-se
 no servio de Deus, e do bem spiritual desta cidade e moradores della, e
 d'isso lhes não resultara dano algum porquanto elles padzes se obriga-
 rão a ter e consentir peza sempre entre elles na igreja do dito santo
 e sua confaria em peza, e q^o as esmolas que aella se offerecerem seia
 peza ella, e augmento della, e assi mais se obrigaraõ que peza a deua-
 ção do santo se não perdesse antes de peza sempre em augmento de ren-
 da sempre adita igreja com o Orago e nome de sam^o Braz, e que sem-
 pre assi se cobreme e nunca se mude, e assi mais se obrigaraõ a que por
 mais necessidade que os ditos religiosos tendão de alargar o seu con-
 vento, nunca o fizerem nem largarem em tempo algum do foyrão peza,
 e logo da igreja como ora está peza o Pórtico, e para q^o foyrão peza a cidade
 coisa alguma, e que fique sempre o dito Pórtico siue edr sem perdo de
 os muros da cidade assi edr maneja que ora está e foyrão de sua es-
 cultura com todas as clausulas e obrigações necessarias e a foyrão outorgar
 peza seu padre geral Pedro de Vasas M. M. Vitor sobre dito
 arado por bem que recolher fazer Merced de Deus dar a igreja do dito santo
 hum pedaço de terra q^o fica detras da igreja peza a acuta parte peza
 nella foyrão seu convento no que Proceberão e mola e merce
 a qual fazenda de sua M. M. elles se obrigaraõ a procurarem e a receber
 Confirmação del Rey nosso snor. Att.

Car. Matheus Albuquerque

Fonte: Arquivo Distrital de Évora, Lv. 80, fl. 276

278.

Quando com mais clareza se uicia se he vista a peticao dos padres Carmilicos
 de calos desta cidade de Évora acerca da igreja de sambras extra muros desta
 cidade a qual he a ver das concessões que nellos pedem com as clausulas e condicões
 nella declaradas. se deve advertir e considerar q' he bem e honra de D's e do santo e bom
 comum desta cidade ser lhes concedido o que pedem pelas rezões seguintes
 Primeira he ficar a igreja do santo mais ornada honrada e augmentada co' altar
 nella o s' sacramento quasi fica os santo mais honrado esua casa e confraria a qual
 ade fuor sempre cap' e orago do mesmo santo sem nunca se mudar nem o santo
 donde a esta d'

Segunda que estando o convento dos d'os Padres da dita igreja quando os deutos em' os
 desta cidade forem a casa do santo de d'os d'os nella o s' sacramento para o aborn
 tates feitos da missa para ouvir. Esas peticao dos religiosos para o s' honrar e auunien
 os e ffuioz divinos e oracões e outros exercicios santos q' he oem que os d'os padres de
 continuo se occupao, por que não tem outras grangearias teatros nem fazendas nem
 o podem ter por que esta he sua regra e religião.

3^a que com se fazer acenueos dos d'os padres na dita igreja se permite e evita
 recolherem se as portas da dita igreja e depende dignos e pessoas extrauagan
 tes que andao vadios e fazem se a p' missa de ho maldades e por ventura pecc
 dos e almocenes e camin d'ar ter com suas excaualgaduras es' cecaria em ange
 douas nos pozais eas portas da dita igreja e outras cousas indecentes.

4^a que os moradores das hortas de s' Limite de sambras e l'ardos de s' convento
 feito em mais p'itos o remedio espiritual para ouvir missa e se conformarem por q'
 muitas vezes deixao de o fazer por não virem a cidade por causa da ebria ou
 calma

5^a que no tempo das Linas q' ha no rio de sambras e' nos faz rega e'
 aze dor deixao os donos dellas de vir a cidade a ouvir missa nos dias de obuja
 cad' estando o convento na dita igreja podem vir ouvir missa a cella e continuarem
 com sua fazenda uis tidos no trajo do campo q' nad' f'caod se ouuere m de vir a f'ca
 de ouvir missa.

6^a que de se fazer isto gastado e esmola aos d'os padres nad' resulta preiuzo
 algum a esta cidade nem aos moradores della por quanto he fica todo o resto haue
 como ora esta e bi d'os padres uiuem de esmolas e nad' se pode por via nenhuma re
 mer dellas que a o dia se e'ia de tomar hum palmo de terra.

7^a que acon f'caod do santo nad' f'qua unida ao mudo como a qual p'

Fonte: Arquivo Distrital de Évora, Lv. 80, fl. 278

Anexo 3 (continuação):

Cuidarão mas fiqua com tudo o governo e regimento de assessorias e
letradas que a ella dizem como oje em dia se foy por os mordomos e foy
em tudo a prouarem e governarem como q' a hy naõ caue se mude
como oie tom. E assi como estao as outras confrarias nos muros de san
E san francisco e nos mais muros de cada cidade
A 2ª Que os muros e officiaes da mesma confraria com mandado
dispendio podem cumprir e satis fazer com as obrigações della estando occupado
dita casa porque mui poucos reges e mordomos naõ achao padres para a dita
dizer as missas da confraria ao tempo que quezer e elles he necessario e para
he custa muijo mais por que os padres do mesmo convento haõ podem dizer com
menos custo e escusa e ot'raõ de buscar padres e as costas que são he
para isso por q' a casa e de todo a parte de como comuaõ com limpeza e decora
õ que muitas vezes se tem visto faltar. E em acontesera aed deo out'ra
mandar dizer m' f'ar na dita casa por sua devotaõ.
A 3ª Que se acontecer o que deor naõ p'mitta que aia p'ntes e que
se ade em o qual tempo se fecho as portas della a noite e para dos muros
de de com f'raõ como muijo pouco ha tempo visto q' a he remedio he acharem
padres m' f'raõ para acudir a estas necessidades das f'raõs muros a dita a
de dia como de noite como costumao fazer.
Portoas e las rezas e outras muijas q' se p'raõ allegar por h' m'com
nem p'iujo he de se achare e m' f'raõ q' a se com de se aõ m' f'raõ
pedem na forma de sua p'raõ e com as m' f'raõ e lausulas e condicoes que
nestas p'raõs aõ he em muija utilidade de e deo m' f'raõ de e deo
santo como he notorio. Pelo que consideradas estas causas se he de se
pedem.

Fonte: Arquivo Distrital de Évora, Lv. 80, fl. 278

Anexo 4 (continuação):

The image shows a page of handwritten text in a cursive script, likely a legal document or notary record. The text is dense and difficult to read due to the cursive style and some fading. It appears to be a continuation of a document from a notary archive. The text is written in a dark ink on aged, slightly yellowed paper. The handwriting is very close together, and there are some corrections or additions visible. The overall appearance is that of a historical document.

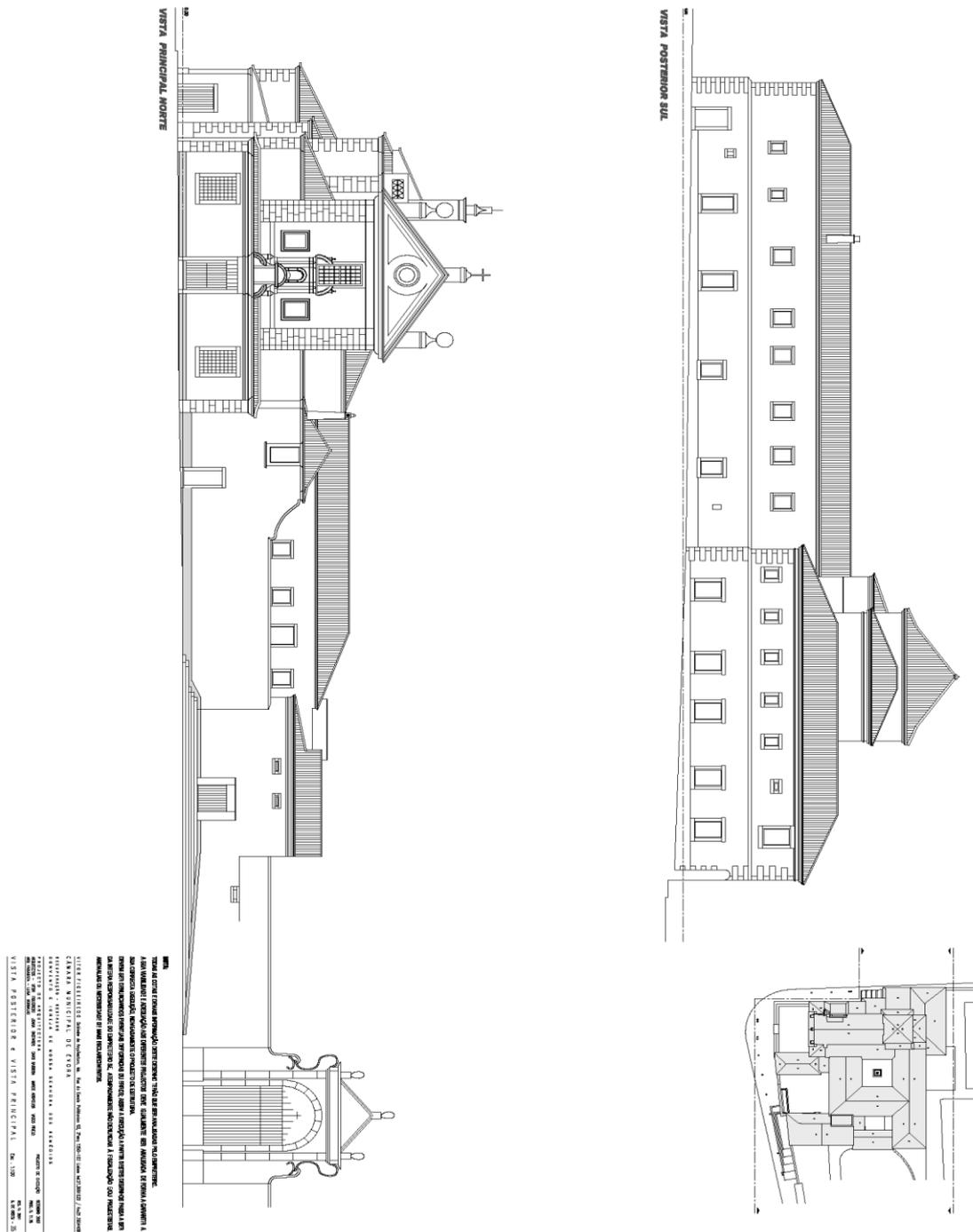
Fonte: Arquivo Distrital de Évora, Fundo Cartório Notarial, Lv. 419, Pg. 8-11 v.

Anexo 4(continuação):

Handwritten text in a cursive script, likely a legal document or notarial record. The text is dense and covers the entire page, with some ink bleed-through from the reverse side. The script is characteristic of 17th or 18th-century Portuguese or Spanish cursive.

Fonte: Arquivo Distrital de Évora, Fundo Cartório Notarial, Lv. 419, Pg. 8-11 v.

Anexo 5: Planta do Alçado Norte-Sul do Convento



Fonte: Projecto de Recuperação e Restauro do Convento e Igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Departamento de Cultura e Património, 1978-2005.

Anexo 6: Escritura de contrato para que não seja sepultada pessoa alguma na Capela da Sacristia além da família de D. João Maldonado de Azevedo da Gama Lobo, 1825

1825
 Cód. e LXIX/1-28 Remedios

Escritura de Contracto, que fazem os Reverendos Religiosos do Convento de Nossa Senhora dos Remedios desta Cidade, pela Autoridade, que os representa de seu Defensor, Geral com o Illustre Juiz, Dom João Maldonado, de Azevedo da Gama Lobo, desta mesma Cidade de Évora, e por Moreira nº 29 p.º

Em nome de Deus Amém Saiba, quantos este publico Instrumento de Escritura de Contracto, e mais obrigações, vierem que sendo no anno de Nascimento de Nossa Senhora Maria de mil oitocentos e vinte e cinco annos, aos dezois dias do mes de Março de dito anno nesta Cidade de Évora, em o Convento de Nossa Senhora dos Remedios desta mesma Cidade e termos, acorda lu Sobalho ac diante no miado. Sim, e no mesmo Acto estavam presentes, e Reverendo Prior do dito convento, e os mais Reverendos Religiosos do Governo do mesmo Convento e bem assim mais presente, Sr. Raphael de Sousa, Cam. Procurador que me tron Ser de dito Illustre Juiz, Dom João Maldonado, de Azevedo da Gama Lobo, como ha de constar de humna Procuração feita pello seu Defensor Juizo, e reconhecida por mim Sobalho ac diante no miado, que ac diante hira trasladada e lograda todos peços reconhecidos de mim Sobalho, e das testemunhas ac diante no miado, e assignadas de seus doninhos, e de seus próprios, aqui se firm assignados. E logo pello dito Prior, e mais Padres Religiosos do Governo do dito convento foi dito em minha presença, e das testemunhas ac diante no miado, e assignados, que elles se achavam juntos, e contrahidos, e apparem a Escritura de Contracto, pello modo, e forma seguinte. Primeira, que elle firm a mesma, pella Autoridade, que tiver, so de Defensor, Geral de vinte oite de Dezembro de mil oitocentos e quatro annos, cuja Cartada ha de hir aqui no fim desta, Insc.ª. Segunda Pri. Antonio de Santa Pri. Prior de Carmelitas das Calles neste Convento de Nossa Senhora dos Remedios desta Cidade de Évora; Celestino, que por decario, Coppi todas de vinte e cinco de Julho de mil oitocentos e quatro, e com licença do Defensor, rio, Geral da Ordem de vinte oite de Dezembro do mesmo anno de. E hira toda esta Comandada deste Convento de Nossa Senhora dos Remedios não permotivem nem consentem, que para

Fonte: Biblioteca Pública de Évora, Cód. CLXIX/1-28, s/n

Anexo 6 (continuação):

Seu affectus seja sellado. Depois alguma no Cappella de Santa Theresia, de Jesus a um da heresia de dita convento, que não foi da familia e successores do Illustrissimo Senhor Dom Joao Maldonado, obrigado se elle não tem mais de dita, Cappella, e seus successores assignada, e conservada, sempre, com aquella deffinição, que se faz precisa para nella se fazerem celebrações, e tanto sacrificios da missa a recepção de Caliz, Missal, e Sacramentos, e Annatto, porque tudo isto ministrara o convento, como as suas Regras, ha promissão, e jura, que para constar, se fez a presente firmada de mandamos, e quella das Bades, Concellario, e Sella de Leon obello duto convento. Remedios de Covadonga, hum de Janeiro de mil oitocentos e vinte e cinco annos. Frei Antonio de Santa Iria, Prior. Frei Joao de Coração de Lisboa, Concellario. Frei Marcelino de Coração de Joao Procunciao, Frei Manuel de Santa Lucia Concellario. Lugar do Sella do convento. Terceiro: Jesus Maria de. Frei. Cateano de Santo Elias Defensor, Secretario de Carmelitas de Calcos neste Reino de Portugal, e seus Dominios, Certifico, que no Ordinario celebrado vinte e oito de Dezembro de mil oitocentos e vinte e quatro, neste convento de Nova Senhora dos Remedios de Lisboa de concessão de Licença do Padre Prior do Convento, para que tomava a nome, e nome de, possa contrahir, com Dom Joao Maldonado sobre a Cappella de Santa Theresia de Santa Theresia, para não se sepultar nella para effectivo, Depois alguma, que não seja da sua familia, e de seus successores, realizando tanto, a quella como a Chancelaria, da redificação e conservação da mesma Cappella, com duceno, como se continha no Reguimento assignado em Lisboa. E para constar, firmo este, que vai firmado de meu nome, Remedios, de Lisboa hum de Janeiro de mil oitocentos e vinte e cinco. Frei Cateano de Santo Elias, Defensor Secretario - Quarto: que elles ditos Reguimentos se obrigar em todo o tempo em nome do mesmo convento a longissima, e a Chancelaria, aqui lido e assignado prescriptos por todos os bens, e rendas do mesmo convento. E pelo dito, Joao Pascoal de Sousa, foi dito em minha presença, que elle em nome de seu Illustrissimo convento, Illustrissimo, Dom Joao Maldonado de Almeida de nome de Joao Maldonado, e a citava este Instrumento de Escritura do contrato, que os

Fonte: Biblioteca Pública de Évora, Cód. CLXIX/1-28, s/n

Anexo 7 (continuação):

Nesta Capella da parte da porta esta enterrado
 o Sr. João de Brito filho do Sr. João de Brito
 Nesta sepultura q. he no oratorio da Sanchristia, da parte da Epis
 tola se enterrou Sr. de Brito Botelho filho de D. João de Brito da
 gama em 1. de Março de 1751
 Em esta mesma Capella junto a janela esta enterrada Dona Anna
 monina de quatro annos filha legitima de D. João Mel donado, e de D. M.
 Victoria Salves a 2 de Maio de 1765
 Nesta mesma Capella D. Anna - Vitoria de enterrou em 1766
 filha do Sr. de Brito e se enterrou asentado da porta de oratorio da
 San Christia a man direita no Capella em a Capella q.
 a janela q. esta q. a Jardim das Lavangeiras do
 a 29 de Novembro de 1766
 Nesta mesma Capella da parte do Oratorio se enterrou
 o Sr. de Brito filho de Sr. de Brito a 17 de Dezembro de 1767
 Nesta mesma Capella se enterrou Sr. de Brito a 12 de Janeiro
 de 1768
 Nesta mesma Capella se enterrou o Sr. de Brito da Cap
 ma monina de 4 annos filha legitima de Sr. de Brito e Sr. de Brito que
 cae p. o parto de 4 annos de idade a 23 de Maio
 de 1769 Nesta mesma se enterrou Sr. de Brito a 17 de
 Dezembro de 1777
 Nesta mesma Capella da parte do oratorio da Capella de
 Liove era a sepultura de Sr. de Brito a 17 de Eus
 ra Cujas avortencia falo p. oratorio em 1777
 Remedio de Evora era o Sr. de Brito
 Nesta mesma Capella da parte do Oratorio da Capella de
 Amario que yta da mesma se junta a parte de Sr. de Brito
 no Com de Sr. de Brito da parte do oratorio junto a Capella de
 enterrou Sr. de Brito a 20 de Maio de 1781
 Nesta mesma Capella do oratorio da Sanchristia da parte do Oratorio se en
 terrou Sr. de Brito a 21 de Dezembro de 1778
 Nesta mesma Capella esta enterrado D. João Mel donado
 da parte do Oratorio em o anno de 1779
 Nesta mesma Capella se enterrou Sr. de Brito da parte
 de Oratorio no ha sepultura q. esta a 27 de Abril de 1795

Fonte: Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXVI/2-21, Pg. 227v.

Anexo 7 (continuação):

Depository das Mortuarias da Igreja
228 folio 2

Morta de pulcão se enterrou de Jofa Combina de fátima morto
nado, e mulher q' foi de J. J. Mal donado da parte da p'ntela jun-
to ao altar, aos 16 de Maio de 1794. Digo aos 16 de Junho de 1794

Morta Capella do oratório da Virgínia se enterrou na sepultura q'
esta da de D. Evangelho de J. J. Mal donado, aos 18 de Junho de
1794 Digo aos 21 de Maio de 1794

Morta Capella. Esta enterrada na p'nte da p'ntela e sepultura q' esta
ao pé do altar, de J. J. Mal donado aos 18 de Junho de
1796

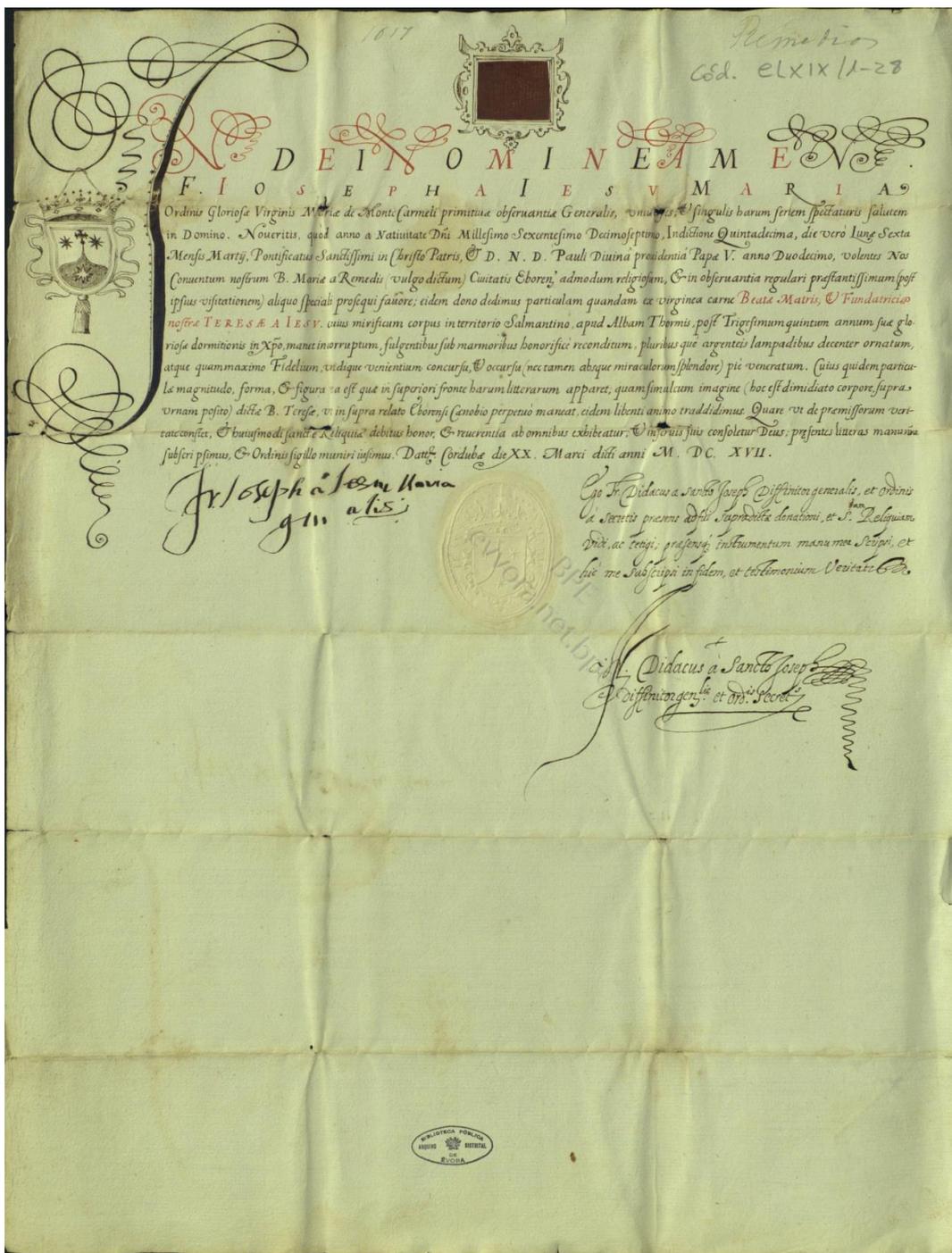
Morta Capella foi sepultada de Catarina Mal donado na sepultura
na q' esta do lado da porta aos 24 de Maio de 1798

Morta Capella foi sepultada Luiz Lobo de Aguiar ao pé do altar na par-
te do Evangelho de J. J. Mal donado de 9 de Junho de 1798

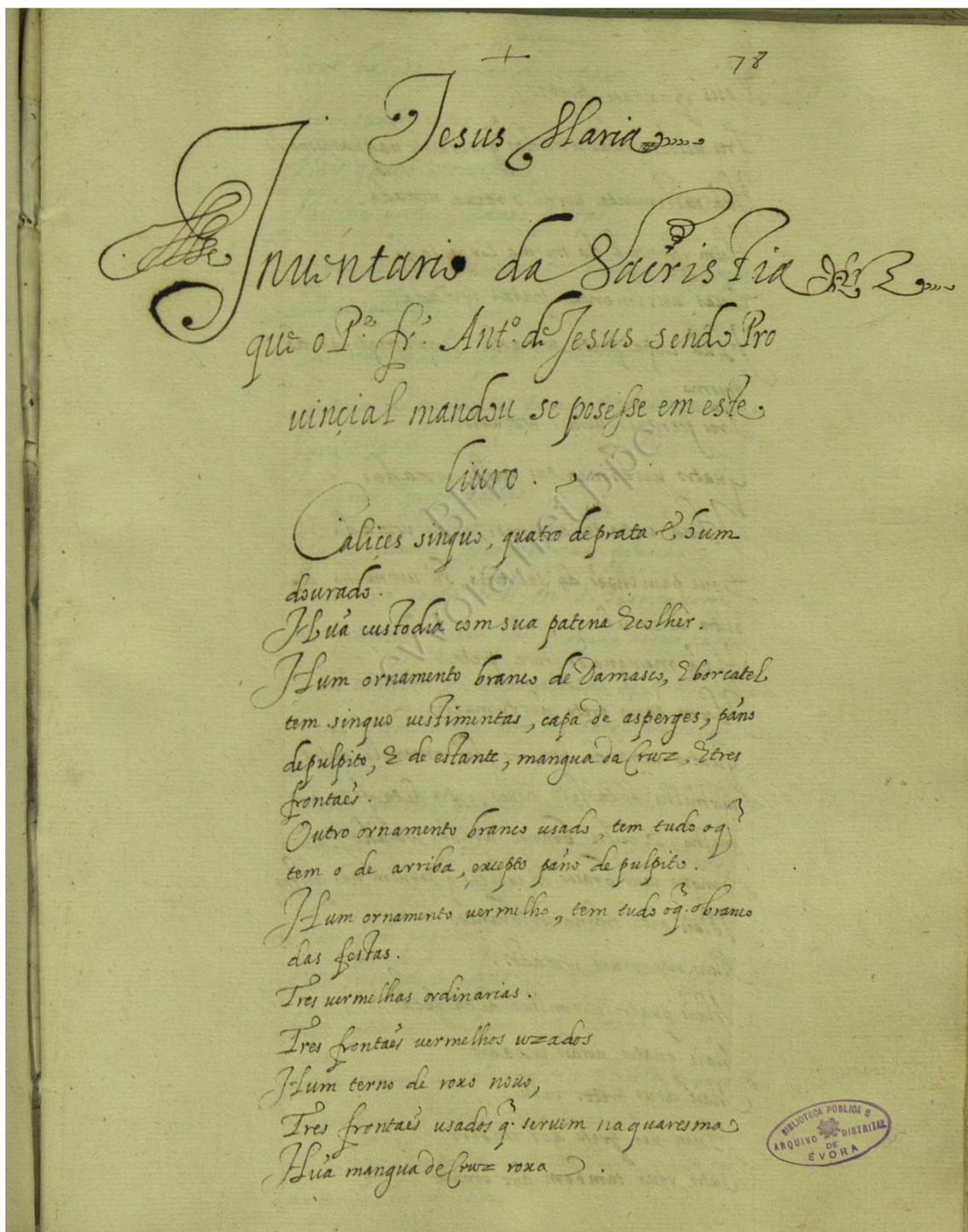
Morta Capella foi sepultada de J. J. Mal donado na sepultura
da parte da p'ntela junto ao altar aos 23 de Junho de 1794
a de se ser o f'lio p'lla Comunidade e filia aleva, como se costuma de
se por q' tem de pulcão, proprias

Fonte: Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXVI/2-21, Pg. 228.

Anexo 9: Autêntica de relíquia de Santa Teresa, 1617



Fonte: Biblioteca Pública de Évora, Cód. CLXIX/1-28, s/n



Fonte: Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXVI/2-21, Pg. 78.

Anexo 10: (continuação)

Tous frontais pretos.
Tres uestimantas wzadas q' seruum na quaresma
Hã uestimenta verde e roixa wzada.
Hum frontal da mesma cor usada.
Suas uestimantas pretas wzadas.
Hã capa preta wzada, e salmaticas do
mums
Tres frontais verdes wzados.
Quatro uestimantas verdes wzadas
Hã capa de asperges, verde wzada
Tous pauilhoes do sacratio, sũ uermelhos, e
outro azul.
Hã mangua de cruz preta
Hum paio preto do tumulo.
Quatro ucos de ombros, sũ amarelos, outro
uermelhos de ta feta rosos, outro dita feta uer-
melho, e outro branco ambos wzados e
Singus ucos brancos de calices q' seruum nas festas
Mais oito ordinarios brancos.
Mais oito roxos wzados.
Mais quatro uermelhos dita feta.
Mais quatro verdes wzados
Mais dois pretos uelhos
Hum uco preto dos ombros
Outro roxo tambem dos ombros.

Fonte: Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXVI/2-21, Pg. 78v.

Anexo 10: (continuação)

79
Nove bolças brancas de corporais
Mais quatro roxas
Mais quatro vermelhas
Mais tres verdes, e duas pretas
Cortinas azuis para os tres altares da Igreja
capellinha
Cortinas de rede para os mesmos.
Cortinas de us lantes para os tres altares da
Igreja.
Vinte e oito galles.
Hum minino Jesus com sua pãinha
Hum mes corpo de N. M. S. Teresa com
sua pãinha, e com sua pequena de sua carne.
Sua imagem de uulto pequena de N. M. S. Teresa.
Hum Cristo que esta na sacrificia sobre
os caixoes.
Quatro paineis grandes, dous de N. M. S. Teresa
e hum de sancta Apolonia, e outro de
Sancta Francisca
Mais dous pequenos de N. M. S. Teresa
Mais hum de s. Joao, e outro de s. Jo. Co.
Mais outro de N. M. S. Teresa e s. Joseph.
Sua cruz de pad com seu Cristo de bronze
encarnado q. Terua nas precicoes
Mais hum painel de N. M. S. Teresa gasta no
de profundis do choro

Fonte: Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXVI/2-21, Pg. 79

Anexo 10: (continuação)

Mais outro q' esta as subir das escadas de
N. 1. ^{ra} São menino dormindo
Dois ciriaes de pao preto
Hum e turibulo com naueta de prata e doze
seis braços de Reliquias. Quatro reliquias
de agnus dei. Quatro piramides de Reliquias
Hum reliquia de S. Alberto engastada em prata
Hum caldeirinha de agua benta de bronze
Hum uazo p. os sanctos olhos de prata
Hum uazo de prata p. os ^{ms} Jarram.
Hum chapeo de sua caixa de prata p. os sacarios
Quatro duzias de uazos de ramalhetes
Duas duzias de uazo de manjericoes
Sete missaes
Seis estantes
Mais duas estantes grandes
Duas duzias de porcionarios
Duas duzias de uazos de pao prateados p.
ramalhetes. Mais 4. Jarras do mesmo
Quatro tocheiros da Igreja
Hum breuiario grande de estante
Hum Cristo q' esta na Livraria

Fonte: Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXVI/2-21, Pg. 81.

Anexo 10: (continuação)

—
Mantos oito, hum data fetã branco, outro
de tella branco, outro de pavarinhos, dous ver-
melhos de tafetã, hum roxo, outro arizado, outro
azul e branco de Telliha da Índia, outro
azul de tella, outro roxo de tella
Escapularios tres hum de esmalto, e dous
de setim, vermelhos
Huã corã de prata sobredourada
Dous corães do menino Jesus
Hum reliquario dourado
Huã conta de arcebispo com cruz, e
extremos de ouro
Outras contas meudas de cheiro
Dous ramaes de ~~crisães~~ ^{crisães} com cruzes, e es-
tremos de ouro.
Mais outros dous ramaes de ~~acromães~~ ^{crisães}
Huã corã de contas de prata
Dous ramaes de corães, hu d'elles tem extremos
de ouro.
Mais huã conta de cheiro.
Dous vestidos do menino Jesus dos braços da
nostra snõra.
Singras vaqueiros do menino Jesus, hu de
setim vermelho, laurados de ouro e prata
outro vermelho, outro verde, outro roxo,
outro branco.

Fonte: Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXVI/2-21, Pg. 81v.

Anexo 10: (continuação)

Tres mantecos do mesmo minino Jesus 82
Quatro manguals 3.

Tudo isto a ssima ditto se
achou em sacristia a 15 Junho de
1530. annos.

Das peças q. seguaõ ditta fez N. P. Prior
Fr. Reginal de S. Jeronimo ate a 2.ª visita
as seguintes.

Seis roquetes de tanquim novos
quatro toalhas do Lavatorio novas
tres ahuas novas

Duzia e meia de admittos
Doz e cor mualtares

Uma imagem de Vulto pequena dell. S. M.
o Reliquario donde estã os sanctos Reis
Hum Crucif. q. estã na sacristia com seu nicho

Tres duzias de uarros p. ramalhites
Duas duzias de uarros para manjerises
Duzia e meia de uarros de manjer de
Ramalhites, de pãõ prateados

Mais quatro Jarras do mesmo pãõ prate
adas

Fonte: Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXVI/2-21, Pg. 82.

Anexo 10: (continuação)

83

+ Duas dúzias de cestas, hua de festa e outras
de semana.

+ espirais de ceras e umamã vda oprim^{ta} de
obras e osjes dos sacerdotes e outros os albas.

+ quatro gaines grandes.

+ hémicho de xi.

+ meca dúzia de Namalhetes de seda e ouro.

+ as 1^{as} Relíquias do m^o Freixo go. e está
em hu' caixa grande.

+ grande cãndida de vasa de manjaricoi, Nama
beteiro e mais buca de sanctuários.

+ Sineopares de sagaros.

visitado em 26. de 9. de 688.
P. v. Agostinho de Jesus
procurador

Aumentouse mais na sacristia
delli convento nella mesmo termino do p^o
Prior A. Manuel de Jesus hum sacra-
rio pequeno durado em seu uso de
prata e adbum durado para as comu-
nidades ordinarias. Os calçados de lã
hum nicho de Christo da sacristia
durado. Tres quadros das capelinhas
do Claustro com molduras douradas
com suas portas. Mais seis almas
de pano fino. Hum buribute ena
vella de prata.

mais hum pausado de tella branca
q' está em sacristia grande e hum nicho
de Marfim com op^o de reliquias.



Fonte: Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXVI/2-21, Pg. 83.

Anexo 10: (continuação)

# Hum paultas de damasco carmeum com suas franjas e rebola por parte de tinta mil ruy p ^o o sacario	99	1
# Saco corporai de cambrai com sua rebola grande p ^o a classe		5
# Saco de sacario de cambrai com rebola pequena p ^o o sacario		5
# Saco superior de tela de flores com sua rebola de prata p ^o me		1
# Saco do coro		2
# Saco corporai de sacario e pintorã p ^o os dous cabecos da reliquia		2
# Saco o oratorio em sercicocho o p ^o Christo do taboal p ^o altar com mais decencia e reformou se effe do tubo p ^o esta o quadro de p ^o p ^o colateral		1
# Leuontage mais o sacario do taboal na peanha em p ^o esta		1
# Pintura e decoracao com ramos de ouro na estante p ^o ser uir		3
# Saco de sacario p ^o a comunha		2
# Saco de sacario de capoto novo		5
# Saco de tela de seda de flores p ^o a 2 classes p ^o cobrir os calices		4
# Saco de quatro de primavera de seda esada p ^o a 4 classes ordinarias		18
# Saco de seda de ramalhetes de seda grande		10
# Saco de ramalhetes de seda fina cada p ^o de seda cuberto de seda		24
# Saco de fiozance e decoracao de duas duzias de pontos de fio		18
# Saco de seda de p ^o pintorã de uranio		10
# Saco de formarante e pintorã de pontos de uranio e clauto		10
# Saco de pontos de uranio p ^o ramalhetes		
<p>Descontado em 4 de ramos de de 16-11</p> <p style="text-align: right;">D. João de M.</p>		
# Hum paultas de damasco carmeum p ^o o sacario		1
# Saco de damasco de ramos com rebola de prata em to por		1
# Hum paultas do mesmo damasco de ramos com rebola		1
# Saco de damasco do mesmo damasco grande		1
# Saco de quatro de primavera de seda esada p ^o a 4 classes ordinarias		2
# Saco de seda de ramalhetes de seda grande		1
# Saco de ramalhetes de seda fina cada p ^o de seda cuberto de seda		2
# Saco de fiozance e decoracao de duas duzias de pontos de fio		18
# Saco de seda de p ^o pintorã de uranio		10
# Saco de formarante e pintorã de pontos de uranio e clauto		10
# Saco de pontos de uranio p ^o ramalhetes		

Fonte: Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXVI/2-21, Pg.99.

Anexo 10: (continuação)

-	Dois cobrinas de Volamee para o Sr. Bispo da Igreja	2
-	Hum vestido de Camelleo encarnado, e sua campanha de prata com sua cadea para o Menino Jesus do Coro	1
-	Hum coroa Imperial para o Menino Jesus do Coro	1
-	Hum vestido de Camelleo vourço para o menino Jesus do Coro	1
-	Ouroes 4 cordões de S para o Sacerdote da Sacristia	4
-	Dois lenços de pontos para as Comendat	2
-	12 Damallices de seda para a Sacristia	12
Visitado em 25. de Março de 1679. J. de Almeida		
	Hum Camilla de Tella Vermelha p. Sacerdote	1
Visitado em 13 de Novembro de 1679		
No tempo de Sr. Bispo de Leão de Jesus		
tt	Oito Abirses p. os Altared	8
tt	quatro ducias de Varas p. Manjineas	
tt	Hum ducia de Damallices de seda	12
tt	Hum Panitella de Tella p. as 4o Eoras	
tt	Seis Meios Curos p. as Reliquias	6
tt	Seis Curos p. as Reliquias	6
	Encarnação e douração de Nossa e corap Em das 4o Eoras	
tt	Hum ducia de Varas dezas pintadas e douradas p. os Damallices	12
Visitado em 25. de Março de 1679. J. de Almeida		

Fonte: Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXVI/2-21, Pg. 100v.

Anexo 11: (Continuação)

Capital	1.200.000	As legiões de Nossa Senhora dos Remédios, e Casas pertencentes admemus, avaliado de seu Capital para venda em hum Conto e duzentos mil reis
Fors	31.000	Hum Foro de mil e quinhentos reis, em humma Vinha a Val de Flores, de que he Emphiteuta Luis Valente, avaliado, em trinta e um mil reis
	50.800	Outro Foro de dois mil e quinhentos reis, em humma Vinha a Peranca, de que he Emphiteuta Felis Rodrigues, de São Miguel, avaliado em cincoenta e mil e oitocentos reis
	50.000	Outro Foro de dois mil reis, em humma Vinha as Curadas, de que he Emphiteuta Jori Pereira Gousia, avaliado em cincoenta mil reis
	20.000	Outro Foro de mil reis, em metade de humm Jarrozal a Alpedrise, de que são Emphiteutas os Exeiros de Guerra, avaliado em vinte mil reis
	20.000	Outro Foro de mil reis, em outra metade do Jarrozal a Alpedrise, de que são Emphiteutas os ditos Exeiros de Guerra, avaliado em vinte mil reis
	140.000	Outro Foro de dois mil reis ^{+ em unadega} do Terreiro dos Mercadores, de que he Emphiteuta Joaquin da Rosa, avaliado em quarenta mil reis
	100.000	Outro Foro de quatro mil reis, em hummas Adegas na Lousa dos Papasinhos, de que he Emphiteuta Jori Joaquin da Silva Curinha, avaliado em Cem mil reis
		Outro Foro de quatro mil reis, em hummas Casas

Fonte: Convento de Nossa Senhora dos Remédios, 1835, Ministério das Finanças, Cx. 2214, capilha 10, Pg. 5v, Arquivo Nacional/Torre do Tombo

Anexo 11: (continuação)

Em humas Casas, e Adega, na Rua de Aviz, de que he Emphyteuta Andre' Perpantol, avalia- do em Ciento e cinco mil reis	30\$000	6
Outro Foro de dois mil reis, em humas Casas a Sagardana, de que he Emphyteuta Joze Antonio, da Quinta do Torrao, avaliado em cinco e cinquenta mil reis	50\$000	
Outro Foro de dois mil reis, em humas Casas na Carreira do Collegio, de que he Emphyteuta Joao Baptista Abreu, avaliado em cinco e quenta mil reis	50\$000	
Outro Foro de tres mil reis, em humas Casas na Rua Ancha, de que he Emphyteuta o Dou- tor Joaquin Joze de Carvalho, avaliado em seis e cinquenta mil reis	60\$000	
Outro Foro de cinco mil e quinhentos reis, em humas Casas na Rua da Alameda, de que he Emphyteuta Francisco Pires, avaliado em Ciento e dez mil reis	110\$000	
Outro Foro de tres mil reis, em humas Casas na Travessa da Tamara, de que he Emphyteuta Francisco Joze Marqui, avaliado, em setenta mil reis	70\$000	
Outro Foro de mil reis, em humas Quintas d' Cruz da Picada, de que saõ Emphyteutas as Meli- giasas do Convento Novo, avaliado em vinte mil reis	20\$000	
Outro Foro de oito mil reis, em humas Casas ao Chao das Covas, Emphyteuta Joze Alberto Correa, avaliado em Ciento e oitenta mil reis	180\$000	

Fonte: Convento de Nossa Senhora dos Remédios, 1835, Ministério das Finanças, Cx. 2214, capilha 10, Pg. 6, Arquivo Nacional/Torre do Tombo

Anexo 11: (continuação)

700,000 - Foro de tres mil reis, em humas Parcellas
do Torbeiro, de que he Emphiteuta Antonio
Gomes Carrido, avalado em setenta mil reis
Outro Foro de mil e seiscentos reis em humas
Vinha de trás do Convento do Espinho, de
que he Emphiteuta Francisco José da Costa
Braga, avalado em quarenta mil reis
200,000 - Outro Foro de nove mil e seiscentos reis, em
humas Casas no Terreiro da Rua dos Mercadores,
de que são Emphiteutas os Herdeiros de Pascoal da
Costa, avalado em duzentos mil reis
E de tudo para constar, mandou o mesmo Pro-
vedor lavrar este Auto que assignou comigo e
o ditto Avalador. E eu Jeronimo Emiliano
de Campos Escrivão da Provedoria que escrevi,
assim
Assim
Jeronimo Emiliano de Campos
Antonio Mascia da Costa
Antonio Arcenio de Sá

Fonte: Convento de Nossa Senhora dos Remédios, 1835, Ministério das Finanças, Cx. 2214, capilha 10, Pg. 6v, Arquivo Nacional/Torre do Tombo

Anexo 12: Entrega de esmola de Alvaro de Miranda Anriques, 1612

No meo de setembro de mil e seiscentos
 e doze o padre prior deste convento de Luza
 de Carmelitas descalças ^{de mil e} fr. Anri do 55^{mo}
 sacramento com papeis e uoto de todos
 os religiosos capitulares que abaixo não
 assinados acitou, e recebeu de esmola de
 Alvaro de Miranda Anriques para
 a ajuda da obra da igreja com
 condição, e obrigação de que fizessemos
 hu livreiro entre os dous confissionarios
 da igreja nra. nra. a capella
 que dicez como o sobredito f. nos
 dera a sobredita esmola para sazi-
 ficão sua por ser parte da condençaõ
 que se fez de ~~Alvaro~~ fernam de
 Misquita seu competidor, e por
 verdade f. etc. e o assini de meu
 nome com os sobreditos capitulares oje
 31 de marco de 612.
 fr. Anri do 55^{mo}
 sacram^{to}
 fr. Alvaro de
 S. Angelo
 fr. Paulo da fundade
 fr. Vitor de
 S. Joseph

Fonte: Biblioteca Pública de Évora, Cód.CXXVI/2-22.

Anexo 14: Institucionalização de Legados no Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora

Nome	Sexo	Residência	Estatuto social	Tipo de Propriedade	Nº total de Missas	Exigências	Data de instituição do legado
D. Teotónio de Bragança	Masculino	Évora	Arcebispo	Urbana. Casa e ermida de Nª Sra. Dos Remédios, onde o Convento foi fundado	7		23-11-1578
D. José de Mello	Masculino	Évora	Arcebispo (Padroeiro do Convento)	200 mil réis de juros para esmola anual das missas.	2172 (6 quotidianas mais 3 ofícios de 9 lições)	6 quotidianas por ele e pelas pessoas que ele nomeasse e fosse sua tenção, uma pelo Oitavário dos santos, uma a 10 de Dezembro, dia do seu baptismo, e outra no dia do seu falecimento (2 de Fevereiro)	3-11-1625
Domingas Martins	Feminino	Évora		100 mil réis para as obras do Convento	25 anuais	5 pelos santos e seu oitavário, 5 pelo Natal, 5 pela Páscoa, 5 pelo Espírito Santo, e 5 pelo Oitavário da Nª Sra. Da Assunção	11-11-1606
Francisco Cordeyro	Masculino	Évora		100 mil réis	25 anuais	5 pelos santos e seu oitavário, 5 pelo Natal, 5 pela Páscoa, 5 pelo Espírito Santo, e 5 pelo Oitavário da Nª Sra. Da Assunção	10-04-1603
João Álvares	Masculino		Prior de Gravão	338 mil e 500 réis, sendo 218 mil e 500 réis empregues em vários foros, em dinheiro, trigo, azeite "que todos se distratarão e puserão a juro na mão de várias pessoas"	118 anuais		1603
Manuel Pires e mulher	Masculino	Évora	Médico	Rural	31		14-06-1603
Isabel Martins e 1º marido	Feminino	Évora	Carpinteiro	Rural, 2 mil réis em vinha pelo dia de Natal	20	10 no oitavário do Natal, em altar privilegiado, e 10 no oitavário de Natal, "enquanto o mundo durar", pelo 1º marido, Gaspar Gonçalves	13-12-1638

Anexo 14 (continuação)

Lúis Gonçalves	Masculino	Évora	Vinhateiro	Rural, 2 mil réis de foro dum ferragjal	10	3 em dia de Natal, 7 no oitavário de Natal	14-06-1660
Isabel Correa	Feminino	Évora		2 mil réis de foro	24	9 em dia de N ^a Sra., S. José, S. João Baptista, S. João Evangelista, S. Francisco, S. Miguel, e no oitavário dos santos, 3 no dia da Santíssima Trindade, e 1 no dia da Ascensão	13-07-1649
Ignês de Gouvea	Feminino	Évora		10 mil réis, 6 mil réis pagos por Maria dos Santos "em fatiota", e 4 mil réis pagos por Manuel Jorge de Carvalho, de "propriedades que constam da escritura e que por sua morte se entregam aos religiosos"	156	3 missas semanais, uma à segunda, outra à quarta, e outra à sexta	15-01-1669
Manuel Lopes Branco	Masculino	Évora	Vinhateiro	Rural (vinha; olival)	10 anuais	A serem pagas a 3 vinténs e ditas na Igreja de N ^a Sra. Dos Remédios	29-07-1671

Anexo 14 (continuação)

Juliana Baptista	Feminino	Évora	Madre Sor da Coluna Baptista, religiosa de São Domingos, no Convento de Santa Catarina de Sena	300 mil réis de foro	100	Missas rezadas com responso no fim, e algumas rezadas em altar privilegiado	
Vicente Gomes Pimentel e sua mulher	Masculino	Coimbra	Juíz do fisco no distrito da Inquisição	Rural (Quinta do Penedo do Ouro)	52	Rezadas em cada sábado	14-09-1674
Mulher de João Fernandes Ribeiro	Feminino	Évora		Urbana (Casas na Carreira do Colégio)	23		09-12-1686
Apollónia Abranches	Feminino			60 mil réis	25	24 rezadas, 1 cantada no Otavário dos santos, por ser irmão, Pe. Frei António de Abranches (Prior de Noudar)	Sem data

Anexo 14 (continuação)

João da Costa Pimenta	Masculino		Inquisidor	700 mil réis	362/363	1 missa quotidiana	27-06-1691
João da Costa Pimenta	Masculino		Inquisidor	1600 réis	724/726	2 missas quotidianas, rezadas pelas almas do Purgatório	Sem data
Úrsula Varela	Feminino	Évora		3000 réis de foro das casas onde vivia		28 Missas por sua alma, de seu filho e filha	27-07-1695
Luiza Pereyra	Feminino	Portel		Urbana (casa + dois foros)		86 Missas por sua alma, da tia, do tio (Manuel Pereyra)	28-08-1697

Anexo 14 (continuação)

José Pinheyro	Masculino	Macau		900 mil réis por mão	362/363	1 missa quotidiana, por sua alma, e de sua mulher	25-02-1698
Manuel dos Santos Amaral	Masculino	Évora		2 urbanas, 1 vinha no Louredinho, 1 quartel de vinha no Espinheiro, e 1 crucifixo do seu oratório	12	Manter sempre acesa uma lâmpada no claustro, de frente dos quadros lá existentes, quando se entra na portaria, e mandar rezar 12 missas, rezadas uma vez por mês, no Outavário dos santos	05-05-1716
Manuel dos Santos Amaral	Masculino	Évora		3 mil cruzados em dinheiro, para pôr a juros	362/363	1 missa quotidiana	05-05-1726
Cecília Ignácia dos Santos Amaral	Feminino	Évora		739 mil réis	332		07-07-1725

Anexo 14 (continuação)

Dona Luísa Francisca de Gusmão	Feminino	Lisboa	Rainha			Missa cantada no dia de Nossa Madre Santa Teresa, ter sempre um religioso em oração por suas majestades, aplicar todos os jejuns, disciplinas, horas de oração da comunidade, e os mais exercícios espirituais, todas as sextas-feiras do ano, tal como havia sido decretado em 29 de Setembro de 1642, por Frei Tomás de São Cirilo.	26-09-1642 (Alvará)
Sebastião Domingues e sua mulher	Masculino	Évora		9 mil e 600 réis em suas casas, no terreiro da Rua dos Mercadores	6 ternos de missa	6 ternos de missa de Natal por ano	23-04-1742
António Pereira Condeço	Masculino	Porto		4 mil cruzados ao convento do Porto, que em 1755 passaram para o convento dos Remédios de Évora	362 missas	1 quotidiana	29-09-1755
Francisco Pinto Correa e sua mulher	Masculino	Paraíba, Brasil	Capitão	4 mil cruzados	362 missas		19-05-1763

Anexo 14 (continuação)

José António de Oliveyra Machado	Masculino		Desembargador do Concelho da Fazenda Nacional da Cidade de Évora	10 mil cruzados	724/726, 2 quotidianas	5 mil em um padrão real de oitenta mil réis anuais a 4% que tinha na Casa da Moeda; os outros 5 mil cruzados em umas casas que possuía na Rua da Água da Flor no Bairro Alto da Corte de Lisboa, que andavam alugados em 96 mil réis por ano	30-06-1763
José António de Oliveyra Machado	Masculino		Desembargador do Concelho da Fazenda Nacional da Cidade de Évora	5 mil cruzados	362 missas		01-02-1764
José António de Affonseca	Masculino	Évora		5 mil cruzados	362 missas		08-05-1784
Bernarda Assunção	Feminino	Évora	Moça no convento de São Bento de Cástris		15 missas	15 missas no Oitavário de Nossa Madre Santa Teresa	Janeiro de 1790 (Licença do Definitório)

Anexo 14 (continuação)

João Baptista	Masculino		Inquisidor	200 mil réis a juros de 5%	Pregar 1 sermão de São Gonçalo de Lagos	O dito sermão prega-se no Convento de Santa Mónica desta cidade	Sem data
Francisco Pereira da Cunha Corte-Real	Masculino	Lagos		400 mil réis por uma só vez para se porem em juros e se gastar na obra deste Convento	1 missa anual	Missa cantada e sermão a Nossa Senhora dos Remédios a ser rezada na segunda dominga de Outubro enquanto existir o Convento	02/03/1826
Dona Luísa de Madureira Falcão	Feminino	Évora		10 mil e 800 réis	15 missas anuais	Rezadas em altar privilegiado, a 6 vinténs cada missa, a pagar em Todos os Santos	10/04/1684
Diogo Passanha Falcão	Masculino	Évora	Reverendo	10 mil e 500 réis	10 missas anuais	Rezadas em dias determinados (1 no dia de Natal, 1 no dia de Todos os Santos, 1 no dia da Nossa Senhora da Assunção, 1 no dia de Santa Teresa, 1 no dia das Chagas de Nosso Padre São Francisco, 1 no dia de Páscoa, 1 no dia de São Pedro, 1 no dia de Nossa Senhora do Carmo, e 1 no dia de Nossa Senhora dos Remédios)	17/09/1740